



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPG**  
**Departamento de Educação – DEDC/CAMPUS I**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade -**  
**PPGEDUC**

**ENTRE VIAGENS, LEITURAS E LEITORES:**  
**a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira**

**Zélia Malheiro Marques**

**SALVADOR / BA**

**2009**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB**  
**Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPG**  
**Departamento de Educação – DEDC/CAMPUS I**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC**  
**LPQ II - Educação, Tecnologias Intelectuais, Currículo e Formação do Educador**

**Zélia Malheiro Marques**

**ENTRE VIAGENS, LEITURAS E LEITORES:**  
**a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Tecnologias Intelectuais, Currículo e Formação do Educador, vinculada ao GRAFHO – Grupo de Pesquisa (Auto) biografia, Formação e História Oral, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza

Co-orientadora:

Prof<sup>a</sup>. Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro

**SALVADOR / BA**  
**2009**

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ENTRE VIAGENS, LEITURAS E LEITORES:  
a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira**

**ZÉLIA MALHEIRO MARQUES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

**Elizeu Clementino de Souza** \_\_\_\_\_

Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia/ Universidade de Lisboa  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

**Verbena Maria Rocha Cordeiro** \_\_\_\_\_

Doutora em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

**Lícia Maria Freire Beltrão** \_\_\_\_\_

Doutora em Educação, Universidade Federal da Bahia  
Universidade Federal da Bahia – UFBA.

**Maria de Lourdes Soares Ornellas** \_\_\_\_\_

Doutora em Psicologia da Educação  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Salvador  
Maio de 2009



***À minha sobrinha, Camila, a quem, desde o dia 03/01/2009, parece querer me prender, ainda mais. Impossível não falar de suas lembranças; por elas e na sua expressão de alegria, faço viva sua pequena e grande história.***

***Em contato com essas marcas, penso na energia infantil e, entre cheios e vazios, busco perceber a essencialidade do que é viver, talvez, para que eu entenda essa idéia imbricada entre vida e morte.***

***Posso dizer que já experimentava essa força na escuta às lembranças de meu pai (in memoriam), agora, no diálogo entre outras narrativas de vida, sinto-me instigada a continuar, no entrelaçamento das histórias, tanto as do meu mundo, onde encontro Camila, meu pai, meus familiares, amigos, quanto às de outros mundos, onde encontrei, por exemplo, os colaboradores dessa pesquisa. Em contato com pessoas assim, torna-se possível querer abraçar a experiência da vida, como uma ação que se renova pela possibilidade de construir, reconstruir, desconstruir...***

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, hoje, mais do que ontem e sempre por perceber essa energia que se manifesta nos frutos da sua criação, como os que colho, agora, resultantes desse estudo. Eles têm relação com mundos, como os que estão ligados a lembranças de vidas dos meus avós (Ângelo, Jovita Rita, Cyro e Carolina Maria), pelas histórias contadas e pelo envolvimento entre o real e a fantasia, em que pessoas, lugares, como suas casas parecem ser moradias eternas, enquanto novos ninhos para abrigo dos que retornam a esses espaços pelo cheiro do ninho de sempre.

Deles, encontro meu pai, Hilário e minha mãe Deraldina, a quem agradeço pelo projeto de vida que desejaram realizar e realizaram, ao pensarem para mim e para meus irmãos uma educação de qualidade e uma vida digna e amorosa. Com eles, de fato, aprendo a ler o mundo e a escrever histórias de vida, seja pelo doce embalo de acompanhar o desenrolar de narrativas no chão duro do Alto Sertão Baiano, seja pelo enfrentamento da vida, em que os encontros e desencontros têm possibilitado significados.

Penso na idéia de alternância como marca da vida pessoal e social, como na vivência cotidiana com os meus irmãos (Saul, Saulene, Zeleno, Hilário Júnior e Hermélio) e com os sobrinhos, amores eternos, como o de Camila; cada um a seu modo, (Lorena, Sara, Dinah, Paula, Saulo, Carolina, Clara, Laís, Alice, Catarina, Antônio Neto e Pedro Paulo) para reafirmar a relevância da convivência em que compartilhamos a vida.

Desses novos mundos, onde encontro outros familiares, amigos, professores, alunos e colegas, como parceiros que me dão forças para o enfrentamento da vida, experimento a alegria de ser aprendiz de pesquisadora. No ir e vir dos diversos espaços, a exemplo do Instituto de Educação Anísio Teixeira, Seminário São José, Colégio da Cooperativa Educacional de Caetité, Departamento de Ciências Humanas – Campus VI – UNEB/Caetité, reafirmo a alegria da convivência com pessoas amigas e cheias de significados para a minha formação.

Como são muitas as pessoas que estão nesses lugares, impossível registrar o nome de cada uma. Escolho, portanto, nomear as que representam essas casas,

como Fabiano Cotrim, Yara Silveira, Sigrid Rochele Magalhães, Pe. Sátiro e Ginaldo Araujo. Agradeço-lhes pela escuta e presença, enquanto incentivo para que nunca viesse a desanimar. Agradeço, também, a Professora Maria Belma Gumes, as colegas Maria Célia Knopp e Reinaldo Silva e os alunos Juracy Junyor e Datiane Gama pelo apoio na realização de tarefas referentes a esse trabalho.

Agradeço aos que estão mais diretamente ligados a essa pesquisa, como a equipe da Casa Anísio Teixeira (Babi Teixeira, Mara Lédo, Fernando, Paulo, Tidy, Cleide, Adriana, Datiane, Seu Beto, Matina, Maria e aos colaboradores da pesquisa, a quem gostaria de agradecer de forma bem especial e particular, pelo jeito significativo de ser e de agir, impulsionando-me a não perder de vista a utopia de lutar por educação de qualidade para todos.

Para falar deles, nomeio as professoras Irene Carvalho e Maria Aparecida Trindade, pela vida dedicada à educação rural e multisseriada nas comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola, zona rural de Caetité. Vejo que há interlocutores essenciais e disponíveis para a aprendizagem e, pelo ato de compartilhar as histórias de leituras pessoais e da memória social de lugares de ausência, propiciam a vida.

Agradeço às constantes viagens; por elas, restauro minha condição de ser itinerante para percorrer caminhos, como os que percorri na busca e concretização do Mestrado. Desses lugares do movimento, percebo o sentido do que é viver, observando que ele se dá, também, nas encruzilhadas da vida.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza e a co-orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Verbena Maria Rocha Cordeiro, agradeço-lhes pela disponibilidade irrestrita, por me favorecer situações de realização de projetos pessoais e sociais. Nossas leituras se dão e, por serem imbricadas, acontecem, inclusive, nos momentos do silêncio, da ausência, da distância, como se fôssemos espelhos encantados, sendo possível olhá-los a qualquer hora, sobretudo na hora tão necessária, indispensável...

Agradeço à Professora Lícia Beltrão (UFBA), pelo material teórico fornecido e pelas dicas na reconstrução desse texto. Suas palavras ressoam em minha memória: “Você teve pouco tempo para escrever muito; agora, terá muito tempo para escrever pouco”. Essa idéia fez-se minha, durante o processo de reconstrução desse texto e ficará para o nobre exercício do que é pensar, ler e escrever.

Agradeço à Professora Maria de Lourdes S. Ornellas, pelo afeto, apoio e pela dedicação aos trabalhos. Essa é uma relação que está para recorrê-la, quando dela precisar. Gosto de saber disso e de perceber seus ensinamentos que têm cheiro de vida. Fico pensando na responsabilidade do que é ser Branca de Neve, como você, professora, carinhosamente, assim se referiu a mim. Penso no que essa princesa toma para si, como os sete anões e, assim, me sinto poderosa, pela possibilidade dos laços entrelaçados.

Ao mestrado “Educação e Contemporaneidade” – UNEB/Salvador, aos funcionários e, especialmente, aos meus professores, como são muitos, escolho nomear os que foram presença constante, através do fórum de pesquisa, uma espécie de extensão para pensarmos a produção científica: Verbena Maria R. Cordeiro, Elizeu Clementino de Souza, Jacques Soneville, Maria de Lourdes S. Ornellas, Cristina Dávila, César Leiro... A todos os colegas, difícil nomeá-los, no entanto, ao trazer ações companheiras vividas ao lado de pessoas prestativas como Maria da Glória Gonçalves, penso que chego mais perto de cada um. Por essas situações, percebo melhor a relevância do deslocar-se para outros mundos, parecendo tornar-se meus como os que eu já habitava antes.

Agradeço, também, aos colegas do GRAFHO (Grupo de Pesquisa (Auto) biografia, Formação e História Oral), aos colegas do Mestrado e, de forma particular, o grupo de orientação, pelos encontros e re-encontros (Neurilene, Ana Jovina, Selma, Geisa, Rita Carneiro, Lúcia, Patrícia, Natalina, Rivânia) e as colegas do GOV (Priscila, Rita Brêda, Leidinalva Amorim, Ana Sayonara, Tereza).

A todos que estão envolvidos e imbricados comigo nessa doce tarefa das leituras pessoais e sociais, como são muitos, escolho não nomeá-los, na certeza de que, com sorrisos, sei que cada um saberá interpretá-los, no silêncio, encontrando as palavras. Deus nos ilumine a todos!

## RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido no contexto do Mestrado em Educação e Contemporaneidade - Universidade do Estado da Bahia – UNEB e propôs compreender como as práticas de leitura desenvolvidas pela Biblioteca Móvel Anísio Teixeira - BMAT, junto às escolas rurais do município de Caetité/BA, têm ou não constituído leitores. Os encontros de leitura em espaços culturais como a Escola Janir Aguiar, escola rural multisseriada, desativada com o processo de nucleação dessas escolas e a Casa Anísio Teixeira, em Caetité, serviram para pensar as narrativas de leitura, elegendo o diário, enquanto registro dos trabalhos desenvolvidos. Essas estratégias possibilitaram implementar discussões oriundas do processo de constituição leitora, levando-se em conta o sujeito-leitor, suas narrativas de leitura, tanto as pessoais, quanto as sociais e suas relações em ambientes urbanos e rurais. Teoricamente a pesquisa ancorou-se em autores do campo da formação e da leitura, tomando estudos desenvolvidos por Nóvoa (1988), Pineau (1999), Poirier et al (1999), Josso (2004), Souza (2006), Chartier (2001), Lacerda (2003), Paulino (2004), Cordeiro (2006), Abreu et al (2007). A pesquisa, de natureza qualitativa, foi desenvolvida, a partir da abordagem (auto) biográfica, enquanto método de pesquisa e, para a coleta dos dados, foram utilizados os diários e as narrativas de leitura. A análise das fontes foi confrontada com as fichas de empréstimo de livros (BMAT) e com alguns trabalhos realizados nas escolas Janir Aguiar e Altair Públio, resultantes das práticas de leituras da BMAT. O estudo, portanto, buscou dar visibilidade as práticas de leituras da BMAT para o diálogo com as experiências locais, confirmando a singularidade e a não linearidade das leituras. A família e os espaços imbricados apareceram como guardiãs das histórias, muito mais do que as escolas. Do contato com o processo de constituição leitora em espaços de ausência de impressos como as escolas rurais do Município de Caetité, as presenças referentes às experiências leitoras, tanto pela via da linguagem poética, quanto pelas brincadeiras e narrativas da oralidade instigaram os leitores à discussão das leituras culturais. Os leitores, de uma visão mais idealizada da leitura, começam a revelar a idéia de pertencimento e, ao trazerem a iniciativa de criação do espaço de cultura no lugar em que funcionou a escola multisseriada, revelaram significados da leitura, seja pela utilidade, seja pelo entretenimento e lazer como proposta de pensar a cultura local em consonância com outras culturas.

**Palavras-Chave:** Constituição leitora; Práticas culturais de leitura; Abordagem (auto) biográfica; Biblioteca Móvel Anísio Teixeira.

## ABSTRACT

The present study was developed in the context of Masters in Education and Contemporaneity– Universidade do Estado da Bahia - UNEB and intend to understand how the proposed practices of reading developed by the Anísio Teixeira Mobile Library, during the period from 2000 until the year 2007, with the rural schools of the city of Caetité / BA, have or have not made readers. The development and implementation meetings of reading in cultural spaces such as Janir Aguiar School, multigrade rural school, shut down with the process of nucleation of these schools, and Casa Anísio Teixeira in Caetité, were used to think of the narratives of reading, choosing the diary, while records of work. These strategies made possible the implementation of the discussions from process of reader constitution, taking into account the elements characteristic of the subject-reader, in what is related to the personal and social aspects, its relations in urban and rural environments. Theoretically the research was anchored in authors of the field of education and reading, taking studies developed by Nóvoa (1988), Pineau (1999), Poirier et al (1999), Josso (2004), Souza (2006), Chartier (2001), Lacerda (2003), Paulino (2004), Cordeiro (2006), Abreu et al (2007). The research, of qualitative nature, was developed from the (auto) biography approach as a research method and, for data collection were used diary and narratives of readings. The analysis of the sources considered the triangulation, using data collected in the register of rented books (BMAT), in some studies conducted at Altair Aguiar and Janir Púlio schools, resulting from the practices of reading the BMAT. The study therefore tried to give visibility to practices readings from the BMAT for dialogue with the local experiences, confirming the uniqueness and nonlinearity of the readings. The family and the woven spaces appeared as guardians of the stories, much more than the schools. From the contact with the process of reader formation in spaces in the absence of forms such as rural schools of the city of Caetité, the attendance referring to the readers experiences, both through poetic language, as the jokes and stories of orality instigated the readers to the discussion of cultural readings. The readers of a better idealized view of the reading, begin to reveal the idea of belonging, and bringing the initiative to establish the area of culture in place that worked in the school multiserial, revealed meanings of reading, is the utility, is the entertainment and leisure as proposal to consider the local culture in line with other cultures.

Key words: Reader formation, Cultural practices of reading, (Auto) bibliographic approach, Anísio Teixeira Mobile Library.

## SUMÁRIO

<b>O COMEÇO DA VIAGEM: ecos da infância</b>	10
Minhas leituras ao encontro de outras	11
<b>1. EM VIAGEM: as vias de ancoragem</b>	29
1.1 Formação e leitura, pelos caminhos, as falsas e reais dificuldades	30
1.2 Entre leituras e leitores, o entrecruzamento das histórias	35
<b>2. O CAMINHO SE FAZ AO VIAJAR: cenário e espaço da pesquisa</b>	43
2.1 Caetité, pelos espaços de leitura, o encontro com a BMAT	44
2.2 A constituição leitora da BMAT em escolas rurais de Caetité: espaço empírico e colaboradores da pesquisa	55
2.2.1 Os encontros de leitura, instrumentos e procedimentos da pesquisa	65
2.2.1.1 Os diários dos encontros de leitura, fontes históricas, fichas de leitura da BMAT e a análise da pesquisa	68
<b>3. ENCONTROS E DESENCONTROS: respostas ou possibilidades?</b>	76
3.1 Conhecendo minha prática leitora: entre leituras pessoais e sociais	77
3.1.1 Família/ Escola: lugares de ausências e de presenças	82
3.1.2 Urbano/ Rural: espaços do palco para a vida	87
3.2 As práticas de leitura da BMAT: entre viagens, leituras pelo mundo?	92
3.2.1 A constituição do leitor, leituras de si e de outros mundos	97
<b>4. SOBRE AS VIAGENS: é possível fazer paradas</b>	103
4.1 Das questões norteadoras, respostas, possibilidades	104
4.2 Vi “as pedras florar”	106
<b>5. OUTRAS VIAGENS: novas ancoragens</b>	115
<b>REFERÊNCIAS</b>	121
<b>APÊNDICES</b>	128
<b>ANEXOS</b>	142

## **O COMEÇO DA VIAGEM: ecos da infância**

---

[...] os leitores são viajantes; circulam sobre as terras alheias, nômades caçando por conta própria através de campos que não escreveram, arrebatando os bens do Egito para usufruí-los.  
(DE CERTEAU, 1994, p. 269/270).

## 1.1 Minhas leituras ao encontro de outras.

Em viagem, ao fazer as leituras dos percursos da minha vida, eu as divido em duas histórias: a do começo da minha vida e a de agora, fazendo recortes de episódios da minha itinerância e cruzando-os com outras histórias, como as dos leitores da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, colaboradores da pesquisa (CP) <sup>1</sup>, alunos e professores de escolas rurais do Município de Caetité, Alto Sertão da Bahia<sup>2</sup>. Pelas lembranças da minha constituição leitora, dialogo com episódios vividos na infância e em lugares da formação e da vivência profissional.

No ir-e-vir entre espaços citadinos e rurais, em contato com as histórias de leituras, associo a palavra “viagem”, a partir de eixos norteadores, a viagem, denotando o ato de ir a um lugar afastado, como as viagens da BMAT<sup>3</sup>, rumo às escolas rurais de Caetité com as suas práticas de leitura, ou às viagens que fiz e faço para a formação acadêmica. Outro sentido de acordo com De Certeau (1994), conforme epígrafe escolhida, ao revelar que os leitores são viajantes; transportam-se a outros lugares, mesmo estando imóveis, a imaginar mundos próprios ou de outros; mundos de outrora ou de agora ou mundos futuros. Tudo isso em um só tempo, ou em tempos diferentes, de acordo com as histórias que se cruzam pelas aproximações ou por contradições.

É com essa ideia que transito por mundos meus e de outros; por trilhas escolhidas ou impostas, para fazer a travessia de ida ou de volta, como quem já compreende esse percurso que se fez ou se faz, sobretudo, por caminhos avessos. Faço leituras minhas e vejo que sempre me senti atraída por histórias consideradas incomuns. Aprendo isso, principalmente com a formação no ensino de língua portuguesa, em que as leituras de romances, com seus silêncios e vazios,

---

<sup>1</sup>Refere-se aos colaboradores da pesquisa; a sigla escolhida é para justificar o uso da expressão ao longo do texto.

<sup>2</sup>Cf. Ref., o Alto Sertão Baiano configura-se como “[...] região semi-árida, demarcada pelos fenômenos climáticos; região do sertão, caracterizada pela morfologia da vegetação; região do Alto Sertão da Bahia referenciada na posição relativa ao curso do rio São Francisco na Bahia e ao relevo baiano, que ali projeta as maiores altitudes”. (1998, p. 22). Mapa 01, anexo B, referente ao território de identidade 13 – Sertão Produtivo – Bahia, 2007 – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI).

<sup>3</sup> Refere-se à Biblioteca Móvel Anísio Teixeira; como irei usar a expressão, repetidamente, escolho simplificá-la com a sigla.

propiciavam o ato de criação de novas histórias. Essas leituras colocaram-me em contato com diversas narrativas; se não as escrevia, ao menos eu as imaginava.

Viajo pelas estradas baianas e por outras, visitando diversos lugares, na busca de encontrar, quiçá, os caminhos do mar e levo, na bagagem, as lembranças, da infância, trazendo para mais perto a socialização das histórias infantis. Lembro-me da comadre rica, da comadre pobre e de canções que ressoam em minha memória. Foi bom rever as cantigas infantis e os episódios do seriado<sup>4</sup>. “Nego do meu pai, não me corta meu cabelo, minha mãe me penteava, minha madrasta judiava [...]”. Talvez tenha aprendido com essa história a força da menina, Maria, e a certeza de que toda pessoa que luta, faz sua travessia.

Meu olhar se prende às travessias feitas nos caminhos da vida e falo disso ao pensar em palavras como “sertão” e “mar”, seus significados amplos das muitas histórias de quem escolhe andar por estradas marcadas por alternâncias para vê-los em qualquer um dos dois lugares, como, no céu sertanejo, onde relaciono o azul celeste às águas e as nuvens às ondas do mar. Por essas condições, aciono, o ato de imaginar, fazendo o exercício de me sentir no lugar do desejo, mesmo estando em outro, onde as dificuldades têm relação com as ausências. Ao falar disso, meu olhar se prende a pessoas que criaram melhores condições para se viver no chão sertanejo. Então, “sertão” e “mar” passam a significar oportunidades de diálogo a partir de experiências da vida.

Desses lugares percebo meu encantamento pelos textos e a referência à infância, tempo de práticas de leituras vivenciadas em espaços de ausência dos impressos. Tempo, também, das brincadeiras e das narrativas contadas, ora em ambientes familiares, ora em espaços escolares e comunitários. Lembro-me de lugares, como as casas do meu mundo infantil; da casa onde nasci, vejo espaços e simplicidade; uma espécie de extensão familiar, pois havia a casa do meu avô paterno e, ao lado, as casas dos filhos e dos vizinhos. Os espaços sem, praticamente, nenhuma divisão, permitiam o acesso de um lugar a outro e favoreciam o contato com o pomar, o açude e com as brincadeiras em lugares de

---

<sup>4</sup>“Hoje é dia de Maria”, cultura popular e dramaturgia, microssérie que exhibe personagens ricos e fascinantes do imaginário brasileiro. Na primeira jornada, há a saga da menina, Maria, que é obrigada a fugir de casa pelas maldades da madrasta e pelas bebedeiras do pai. Apesar das dificuldades, não desiste dos seus caminhos. A segunda jornada mostra Maria diante dos perigos da cidade, contando apenas com a proteção do defensor da poesia e da justiça – Dom Chico Chicote. (TV Globo - 2004/2006).

escassez de chuvas, em muitos meses do ano, e de abundância, em alguns períodos, de forma que, nas duas situações, o flagelo e a alegria se fizeram presentes.

Observo isso não somente pelas lembranças do meu mundo infantil, mas também na vivência dos encontros de leitura para a pesquisa, como no momento em que o carro da BMAT é impedido de passar, porque havia barro e água cortando as estradas. Ao mesmo tempo em que lia, no olhar das pessoas, o desejo de que os caminhos se abrissem, para que a biblioteca passasse, havia, também, a satisfação em contemplar o cheiro de terra molhada, o aglomerado das pessoas à beira do caminho, possibilitando histórias ouvidas e contadas em contato com as águas que corriam no riacho, há tanto tempo, seco<sup>5</sup>.

Diante do episódio, o povo de Riacho da Vaca, espaço empírico escolhido para essa investigação, demonstrava alegria. Então, fiquei a pensar: não deveria manifestar indignação? Afinal, era visível o que deixou os moradores ilhados, não foram, somente, as chuvas de uma noite e, sim, a falta de estradas adequadas no pequeno trecho de acesso à comunidade. Olhando meus percursos, em muitas situações, percebo que, também, me senti assim, satisfeita, quando a indignação, talvez, fosse o mais indicado, para expressar o descaso com as situações do povo sertanejo.

Em contato com as histórias dos colaboradores da pesquisa, as quais descreverei, com maiores detalhes, em outros textos desse estudo, é como se estivesse, com eles, amarrando os nós das itinerâncias das vidas, tanto as minhas, quanto as deles e a de tantos que se identificam com essas trajetórias. Trago as lembranças, as cotidianas, na família, na escola, e as brincadeiras, tendo a natureza como moldura das cenas da vida.

Falo de casas, dias, períodos, marcas, pessoas e vivências, em consonância com as minhas histórias de leitura e as histórias dos leitores da BMAT: “[...] As lembranças do mundo exterior nunca hão de ter a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, adicionamos valores de sonho [...]” (BACHELARD, 1993, p. 26). Com essa idéia posso sancionar valores

---

<sup>5</sup> Cf. anexo (Diário do dia 22/01/2008), a viagem exigiu paradas, porque havia possibilidades de atoleiro, seria uma imprudência prosseguir. O momento foi oportuno para escutar o silêncio e escrever o diário do encontro de leitura para a pesquisa que se dava por caminhos avessos.

humanos pelos pensamentos e experiências, numa relação parceira entre memória e imaginação.

Pelas lembranças do meu mundo interior, como no sítio do meu avô materno, onde ampliava o ambiente de diversões, deparo-me com lembranças das cenas vividas com os poucos brinquedos, muitas vezes, feitos a partir dos recursos da natureza e contando com o improvisado. Encontro, na falta dos brinquedos, parecendo contrapartida, a possibilidade de viver a alegria dos piqueniques, a ‘contação de causos’, inclusive de assombração, os contos de fada, as cantigas de roda, os jogos, as brincadeiras pela imitação de personagens de circo e de televisão, como condição para favorecer o prazer de viver em lugares de ausências.

Ao falar em ausências, deparo com a casa do avô materno, onde a escrita era praticamente inexistente, principalmente em papel. Os poucos livros e cadernos eram coisas dos adultos (bíblia, livros de orações, almanaques, escrituras de terrenos e casas, cadernos de registros de entradas e saídas de rendas provenientes do manejo no sítio). A escrita da criança fez-se possível por uma pedra, uma espécie de quadro de giz em miniatura. Esse era o nosso brinquedo de desenhar não apenas as letras, mas as paisagens e os pequenos projetos de vida. Com esse suporte de leitura, fiz e desfiz planos, como quem já tivesse vislumbrado a possibilidade de entrever os caminhos do desejo.

Desse tempo em que os bens materiais eram escassos, nas noites escuras do sertão, posso dizer que vi trevas se fazendo luzes pela escuta das histórias contadas, como no sítio do meu avô, onde encontros aconteciam pelas histórias contadas, inventadas, ouvidas: “[...] Minha mãe contou-me que foi meu avô Cyro quem sugeriu meu nome e que ele o encontrou em uma história muito interessante. Nela, havia uma menina chamada Zélia e o pai, Hilário [...]”<sup>6</sup>.

Ao focalizar essas narrativas, chego, também, à casa do meu avô paterno, onde encontro mais impressos, como os cadernos e a prática de anotar, reafirmando, no lugar, as faltas, como a falta de uma biblioteca. Falo, portanto, de ambientes dos poucos livros, os poucos encontrados a partir da relação com a família e com a escola, em que me certifico do fato de o pai da minha avó ter sido

---

<sup>6</sup>Memorial acadêmico “Rascunhos de Mim”, elaborado na disciplina Abordagem (Auto) biográfica e Formação de Leitores, ministrada pelos Professores Doutores Elizeu Clementino de Souza e Verbena Maria Rocha Cordeiro, eu, na condição de aluna especial do Mestrado em Educação e Contemporaneidade- UNEB/Salvador - 2006.

professor; ao que parece, razão para evidenciar, também, a alfabetização familiar. Com essas lembranças, deparo com o período da minha alfabetização, a luta de pessoas em parceria com os meus pais no intuito de ampliar os espaços culturais na cidade onde vivi a infância, ocasião em que se fazia necessário ampliar os estudos para vencer obstáculos, como o fato de ter somente a opção de continuidade de formação escolar em outras localidades.

Falo de um período em que a meninada ocupava espaços, como as ruas da cidade, e, sem se preocupar com a falta de água tratada e de luz elétrica, procurava dar luz e ânimo às cantigas de roda e a outras brincadeiras e, não perdendo de vista a idéia de cruzar histórias de leitura com as narrativas dos colaboradores, trago as experiências de vida para falar da falta de infraestrutura de lugares desse Alto Sertão Baiano. Por essas vias, identifico os lugares visitados e revisitados e, com lembranças, reconheço a cidade onde nasci como uma casa, minhas férias. Com essa idéia, chego a Caetité, outra casa, minha profissão.

Então, em viagem, passo a evidenciar Caetité, lugar em que, a partir da quarta série, fiz os estudos correspondentes ao Ensino Fundamental, Médio e até a graduação em Letras. Identifico esses lugares como casas pelas marcas e os seus significados e chego ao Instituto de Educação Anísio Teixeira (IEAT), parecendo perceber o cheiro de casa própria. Desse lugar falo de experiências como aluna, professora, coordenadora, diretora. Sinalizo minha atuação em todas as séries, desde a quinta até o quarto ano do Normal Médio.

Nessa escola pública de formação de professores, baseada nos ideais de Anísio Teixeira, como aluna, começo o contato com os livros, especialmente, os clássicos da literatura brasileira. Eu os li para fazer provas e, como leitura obrigatória, havia o empenho, no sentido de adquirir esses livros, seja pela compra ou pelo empréstimo na biblioteca da própria escola. Do lugar onde me encontro, percebo o significado dessas leituras, sentindo falta de não ter trabalhado mais a literatura universal. Por sentir falta das histórias e personagens clássicas, procuro, com certo atraso, buscá-las pelos filmes e pelos livros não lidos.

Com essas lembranças, focalizo o ato de ler em consonância com o ato de avaliar e a dificuldade de associar a leitura ao entretenimento. Nessa época, a leitura dos livros pareciam ser motivações para a realização das temíveis avaliações escolares. Talvez, para contrabalancear essa estratégia de leitura, as leituras

paralelas, como as revistas em quadrinhos, fotonovelas, os romances “Júlia, Bianca e Sabrina” foram elos para o diálogo das leituras favorecidas e “clandestinas”, buscando encontrar os lugares em que as personagens poderiam ficar sem temer os obstáculos que a vida real apresentava, como as perseguições pessoais e sociais. Com essa alternativa, pelo intercâmbio entre colegas, os livros e as revistas proibidos favoreceram outros mundos significantes.

Com essas lembranças penso o cotidiano escolar, suas relações afetivas, os desafios do seu enfrentamento, considerando o pensamento de quem tem discutido esses campos dos afetos manifestos: “Cabe à escola a tarefa de escutar as crianças e jovens no sentido de reconhecer a singularidade de cada um, buscando entre a autoridade e o afeto um jeito novo de educar” (ORNELLAS, 2005, p. 52). Nessa idéia da escuta, em diálogo com os estudos da autora, discuto o lugar escolar vivido, o ambiente, os colegas, os professores, as aulas, em especial, de Língua Portuguesa, de Educação Física, de Artes, Música e de Biologia.

As revelações no conhecimento da sexualidade, as primeiras experiências de namoro, enfim, as novas leituras, entendendo essa discussão como possibilidade de pensar a necessidade para esse espaço ser mais significativo para os que precisavam vivenciá-lo. Nessa ótica, percebo o real e a fantasia entrelaçados e, assim, com choros e alegrias, posso dizer que fui abraçando a vida; aprendi com isso a relevância da romaria, interessando-me, cada vez mais, por leituras das histórias em que o narrador parecia convidar o leitor a ser parceiro de suas aventuras.

Então, chego ao momento em que vivencio a minha primeira experiência profissional, Projeto Logos II<sup>7</sup> e, desse lugar, identifico as duas professoras, hoje integrantes do grupo de CP, quando estiveram na formação do referido projeto. Em contato com elas, vejo os lugares iguais e diferentes ocupados por nós, durante o percurso, percebendo, no entanto, a troca de funções, como professora aprendiz. Dessa orientação educacional com professores rurais, senti-me impulsionada a assumir a causa da educação.

---

<sup>7</sup>(Ministério da Educação e Cultura – MEC e S. E de 1º e 2º Graus – Convênio SEPS/MEC – CETEB), com um núcleo funcionando em Caetité, onde atuei, de 1985 a 1989, auxiliando na orientação e supervisão docente.

Certifico-me das dificuldades do ensino nos ambientes rurais, a falta de assistência política, pedagógica e as ausências em relação aos textos para lê-los e recriá-los, levando-se em conta a cultura local e a necessidade do diálogo com outras temáticas. Lembro-me dos esforços no sentido de elaborar as práticas de leituras. Rememorando esse período e comparando-o com os encontros de leitura vivenciados nesta investigação, embora sejam períodos e situações distintas, percebo as aproximações indicativas e me certifico do surgimento desse desejo em exercer a função de pesquisadora aprendiz.

Antes de focalizar melhor o objeto de estudo, quero, ainda, trazer experiências de leitura vivenciadas nos espaços de trabalho, não só no IEAT, mas também em outros, como a UNEB. Falo do Magistério e dos projetos de leitura para discutir temas locais: origem do nome Caetité, lendas, festas, poemas, peças teatrais, casarões, a partir de cartas trocadas entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato e do projeto infanto-juvenil Monteiro Lobato – atividades culturais na escola.

Com esse trabalho de leitura, a obra de Monteiro Lobato em diálogo com os ideais de Anísio Teixeira, foi possível focalizar, também, essas experiências, numa parceria interdisciplinar, para a criação de novos textos. Os resultados, quase sempre eram socializados, com apresentação teatral, em praça pública ou em auditórios da cidade. Ao reler o fragmento do poema escrito por um aluno do magistério, datado de 1999: “Caetité tem suas riquezas, sua cultura e tradições, mas também fatos históricos, que nos chamam atenção”, certifico-me das lembranças, observando a idéia ufanista de cidade.

Desses percursos, encontro-me com o processo de formação oferecido pela Secretaria de Educação do Estado (SEC) a professores de Escolas Públicas. Dentre eles, o projeto Pró-Leitura<sup>8</sup> em parceria com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) para a discussão de temáticas relacionadas ao papel social da leitura, a diversidade textual, textos literários e informativos, tópicos de linguística textual e a criação dos espaços pedagógicos, como bibliotecas e salas de leitura. É, nesse lugar, que me encontro com a Professora Doutora Verbena Maria Rocha Cordeiro e, quem sabe, já começando, mesmo sem saber, a usufruir da orientação para esse estudo.

---

<sup>8</sup>Programa de Capacitação para Professores de Magistério na Área da Leitura, promovido pelo Instituto Anísio Teixeira e Departamento de Ensino, no ano de 1996, em Salvador/BA.

Ligando essas vias que compõem as experiências dessa viagem, reafirmo o propósito da pesquisa, ao sinalizar os vários momentos da minha itinerância em que, pela trajetória pessoal ou profissional, faço adesão aos eixos temáticos, ou seja, a formação e a leitura. Falo, ainda, dos laços estendidos, por espaços educacionais e ou comunitários, como o Colégio da Cooperativa Educacional de Caetité (COOPEC), as pastorais diocesanas, na perspectiva de formação de líderes de comunidades, e chego à formação continuada e aos estudos de Pós-Graduação, constituindo espaços para desenvolver a constituição leitora. Em contato com a disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa no Departamento de Ciências Humanas (UNEB/Caetité), chego ainda mais próxima dos projetos de leitura e, assim, intensifico as viagens, especialmente, para a cidade de Salvador.

Por esses caminhos do mar, encontro-me com outros mundos de formação e de leitura e com a possibilidade de aprender e trocar experiências de mundos iguais e diferentes. Diante desses mundos, escolho denominá-los de “sertão” e “mar”, ao referir-me ao Alto Sertão da Bahia ou a outros espaços de formação como a cidade de Salvador; não só na condição de leitora, mas também, agora, como pesquisadora, trago esses significados, representando para mim, simultaneamente, lugares tenebrosos, mata escura ou espaço de aventuras.

Nessa ideia de viagem é que ganho forças para adentrar nessa aventura. Portanto, falo da minha atuação como formadora na UNEB – Caetité, onde tenho assumido, juntamente com uma equipe de coordenação das graduações existentes no Campus, como os Cursos de Letras, História, Matemática e Geografia, as discussões referentes ao Estágio Supervisionado, trabalhando no curso de Letras com o estágio de Língua Portuguesa e de Literaturas. Por esses caminhos, vejo-me diante dos projetos de extensão.

Então, através de eventos acadêmicos, locais, estaduais e nacionais<sup>9</sup>, fui ampliando a experiência de formação e, ao coordenar o curso de Letras<sup>10</sup>, reafirmo esse propósito de vivenciar a prática de leitura em sintonia com as discussões

---

<sup>9</sup>I Seminário Interdisciplinar de Estágio – UNEB/Caetité – 2003; I Semana de Letras “Letras da Bahia: falares em verso e prosa” – UNEB/Caetité – 2004; I Encontro Nacional de Leitura e Literatura Infanto-Juvenil da UESB –Jequié – 2005; I Encontro de Leitura e Literatura da UNEB – I ELLUNEB “A leitura sob a mira da escola: espaços e percursos” – UNEB/Salvador – 2005.

<sup>10</sup>Projeto de graduação plena para professores em exercício, convênio com a UNEB/ AECOFABA (Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia) e a REFAISA (Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-árido), em Riacho de Santana – Bahia. (2003/2004).

universitárias. O contato com monitores que atuam no ensino rural, na vivência da pedagogia da alternância, e com o aluno, filho do pequeno agricultor, impulsionou-me a abraçar o projeto de pesquisa que agora desenvolvo. Falando de ensino rural, trago o olhar da pesquisadora: “[...] além de ajudar no trabalho da propriedade, os jovens realizam atividades propostas pela escola: o projeto de alternância, que visa ao desenvolvimento de um projeto agrícola [...]” (PEREIRA, 2008, p. 153) e utilizo, também, o olhar da monitora e aluna, na época, do Curso de Letras:

Heroínas sem títulos e premiações, elas seguem trançando e destrançando as tranças da vida e, no trançar e destrançar das tranças, fortalecem as tranças da vida, entrelaçando entre si os fios da vida particular, familiar e política. (ROCHA, 2004)

Nessa ideia de tecer e destecer a trajetória de vida, penso o entrelaçamento de ideias de quem discute e vivencia a formação e a leitura em ambientes rurais, chegando a outras iniciativas acadêmicas para a formação e a pesquisa, tanto em espaços locais, como o Campus de Caetité<sup>11</sup>, quanto em outros, ao buscar o mestrado Educação e Contemporaneidade, UNEB/Salvador, pela vivência de disciplinas, como a Abordagem (Auto) biográfica, formação de professores e formação de leitores, focalizando outros eventos<sup>12</sup>. Reafirmo meu desejo de criar projetos nesse campo e participar deles.

A ideia de que essa formação me favorecia conduzia-me a enfrentar o processo de construção e desconstrução do projeto de pesquisa apresentado para o mestrado, ora pelas trilhas do sertão, ora pelos caminhos do mar e, entre temores e amores, fui vivenciado as etapas de desenvolvimento deste estudo. Com essa reconstrução das minhas narrativas, encontro as ausências, como impulsionadoras das experiências alternativas, ao revelar possibilidades de não me sentir alheia ao bonde da viagem e tomo essas lembranças e essas histórias por visualizá-las no

---

<sup>11</sup> “Grupo de Pesquisa Cultura, Sociedade e Linguagem”, Linha de Pesquisa “Educação, leituras e formação docente” e as primeiras vivências para desenvolver projetos de extensão a partir dos eixos temáticos: formação e leitura, com a ideia de constituição leitora em parceria com alunos do curso de Letras moradores de outras cidades circunvizinhas a Caetité.

<sup>12</sup> Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto) biográfica. Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si (II CIPA), 10 a 14/09/2006, UNEB, Salvador-Bahia-Brasil. Congresso de Leitura do Brasil (16 COLE), 10 a 13/07/2007, UNICAMP, Campinas – SP.

espelho das narrativas dos CPs, onde posso encontrá-los no esforço para inventar as atividades culturais, parecendo querer dinamizar a vida no lugar de faltas.

Pelas lembranças das histórias pessoais, nos encontros de leitura para a pesquisa, ao reconstruir narrativas, como as histórias do nome, quem o escolheu e por que, certifico-me de que não tive uma história de leitura, pelo menos na infância, marcada por livros, embora possa falar das histórias vividas no seio da família, da comunidade onde vivi e, até mesmo na escola, como acena Sanches Neto (2004), onde o esperado, na época, anos 70, tem relação com um padrão disciplinar, distanciando-se do diálogo com as culturas, seja para a valorização ou para o seu desenvolvimento:

O que os educadores não sabem é que muitos dos alunos continuam querendo uma ultrapassagem cultural de seu mundo e não apenas uma pequena melhoria econômica. Fui um desses pardais que sonhavam com alturas e não com as migalhas caídas no chão. É o lugar onde pude exercer este projeto foi a biblioteca pública. Nela, não havia conteúdos predefinidos, nem o desejo de me moldar (SANCHES NETO, 2004, p. 17).

Dialogando com o autor, reafirmo essa ideia de ter sonhos, mesmo em meio às dificuldades, e posso encontrá-los, também, no contato com meus percursos de leitora e do processo para favorecer e criar os projetos de leitura, em parceria, pensando as presenças em meio a ausências. Na condição de pesquisadora, observo as experiências de vida favorecendo os projetos que contrariam os espaços formais predefinidos, talvez para dizer que, ao invés de se conformar com o lugar das faltas, as iniciativas surgem para falar da necessidade de investimento social. Para reafirmar essa questão, identifico-a no excerto da narrativa escrita<sup>13</sup> de uma CP, quando apresenta histórias que falam de outro modo de estar no mundo, afirmando que:

---

<sup>13</sup> Referente às narrativas produzidas nos encontros de leitura para a pesquisa, realizada com 25 leitores da BMAT (Biblioteca Móvel Anísio Teixeira). Para a seleção dessa equipe, levo em consideração o começo do projeto de leitura da BMAT, ou seja, o ano 2000, e o fato do colaborador ser ou ter sido leitor da BMAT. Formada a equipe, cuja diversificação de sujeitos, incluía crianças, adolescentes e adultos, os colaboradores da pesquisa autorizaram a utilizar e citar às verdadeiras identidades dos sujeitos, nos diferentes excertos do texto, tendo como defesa a ideia de que, assim, poderiam ficar mais próximos de espaços reconhecidos e legitimados do ponto de vista acadêmico.

Nasci de uma família humilde, mais cheia de amor e carinho. Tenho quatro irmãs, todas mais velhas do que eu e um irmão mais novo. Sempre fui muito adulada tanto pelos meus pais quanto pelas minhas irmãs. Como toda criança tive sonhos que ainda não se realizaram todos, fui muito dengosa, sapeca, birrenta mais muito alegre e feliz. Aos meus mais ou menos nove anos, comecei a ajudar trabalhar na lavoura, plantando, olhando os pássaros para não comer a plantação, tal como por exemplo arroz que era preciso olhar na época da plantação e também da colheita. Nessa mesma época meu pai adoeceu e foi preciso ir para São Paulo fazer o tratamento ficando então todo o trabalho para a minha mãe e minhas irmãs, foi aí que comecei a ajudar nas tarefas domésticas e cuidar do meu irmão para os outros irem trabalhar. No tempo de plantio e colheita filei muitas aulas, pois tinha de ajudar meus pais a trabalhar. Aproveitei cada minuto do meu tempo, brincando com meu irmão em casa e na escola com todos os meus colegas. Brincavam de pular corda, cantigas de rodas, cabra-cega, esconde-esconde [...] (Elenilde).

Ao dizer que toda criança tem sonhos, a colaboradora traz, também, as histórias imbricadas com seus familiares, sua ideia de vida infantil, parecendo acreditar que, em todos os lugares, as crianças podem vivenciar o que ela mesma denomina, na vida da sua família, “humildade, amor, carinho”. Fala de dificuldades, tais como: a doença do pai, a necessidade de o pai se tratar em São Paulo, o trabalho em casa, na roça, mas sem perder de vista o sentido do lúdico em meio a tantos percalços: as brincadeiras infantis. Elenilde, ao falar da escola e das brincadeiras com colegas, talvez não perceba que essa escola ficou para trás, ou seja, era a época das multisseriadas e rurais, escolas Janir Aguiar e Altair Públio, pertencentes às comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola, zona rural de Caetité.

Ao falar de outra forma de estar no mundo, sobretudo em espaços cujo abandono público é visível, Elenilde transmite sua ideia em relação ao ambiente em que vive. Desse lugar, penso em buscar saber o porquê dos nomes das escolas e, então, fui escutar as professoras da localidade para constatar que esses nomes têm relação com a escolha feita pela Secretaria Municipal de Educação como

homenagem a caetiteenses que exerceram funções públicas no município<sup>14</sup>. Como prática comum do momento, o órgão público responsável pela educação rural e comunitária de Riacho da Vaca e de Carambola, sem se preocupar com a consulta, parece reforçar a ideia de legitimar os que já ocuparam lugares de destaque no Município.

As discussões das histórias de vida como prática formadora da existência são sistematizadas por Pineau (2006), ajudando-me a pensar sobre questões teórico-metodológicas das pesquisas com histórias de vida centradas nas práticas de leitura e de formação. O contato e a definição dos CPs deram-se através do mapeamento de projetos de formação de leitores desenvolvidos pela Casa Anísio Teixeira, mais precisamente com a equipe das práticas de leitura da BMAT e, por intermédio da Secretaria de Educação do Município. Com esse apoio, localizo as professoras do lugar empírico da pesquisa e identifico os leitores da BMAT, os colaboradores. Observo o fato de serem leitores da BMAT, ou de terem sido durante o período de formação leitora nas escolas multisseriadas do município de Caetité, desde o ano 2000.

Após a aprovação do planejamento dos encontros de leitura, o *corpus* da pesquisa ficou constituído por 25 leitores, 16 mulheres e 09 homens. Constato que o presente estudo surge das experiências realizadas com alunos e professores do Alto Sertão Baiano, especificamente no Município de Caetité-Bahia, lugar de vivência de experiência formativa e de constituição leitora, a partir dos diversos tipos de texto, tanto os já consagrados, quanto os que registram saberes não legitimados. Inscrevo, desta forma, o trabalho nas experiências pessoais e sociais, trazendo-as como primeira justificativa para pensar a problemática argumentativa referente a pontos de vista de teóricos desenvolvidos pelas narrativas de vida, processando tanto a formação profissional, quanto a leitora.

---

<sup>14</sup>Cf. familiares, Janir Aguiar nasceu em 1933 e faleceu em 1998; formado como professor pela Escola Normal Rural de Caetité, em 1951, e em Técnico em Contabilidade em 1957, pela Escola Técnica de Comércio Luiz Tarquínio em Salvador, exerceu o cargo de Escrivão dos Feitos Cíveis da Comarca de Caetité, e a função de Contador; como Prefeito Municipal de Caetité, seu mandato se estendeu de 1972 até 1976. Quanto a Altair Públio da Silva, nome completo encontrado no acervo documental da Escola Normal e do IEAT de Caetité, no Centro de Documentação Anísio Teixeira (IEAT – SEC – ESTADO DA BAHIA), nasceu no dia 26 de junho de 1916 e diplomou-se pela Escola Normal de Caetité em 1935. Atuou, primeiramente, como Professora no Arraial de Serra - Município de Livramento, em 1936, depois se efetivou como Professora de Português (nomeação em 10/06/1955) para exercer suas funções no Instituto de Educação Anísio Teixeira, local em que atuou, também, na função de Coordenadora de Área, aposentando-se na década de oitenta.

Assim sendo, localizando-se entre dois eixos temáticos da pesquisa, a formação e a leitura, busco situar esses dois movimentos no contexto do presente estudo. O primeiro, refere-se aos estudos de Nóvoa (1988), Pineau (1999), Poirier et al (1999), Josso (2004), Souza (2006), como explicitação das narrativas de vida, produzindo um trabalho de reflexão e de apropriação retrospectiva do trabalho vivido: “[...] Ora, é evidente que o adulto tem que construir a sua própria formação com base num balanço de vida (perspectiva retrospectiva) e não apenas numa óptica de desenvolvimento futuro [...]” (NÓVOA, 1988, p. 115).

O segundo refere-se aos estudos de Chartier (2001), Lacerda (2003), Paulino (2004), Cordeiro (2006), Abreu et al (2007), produzidos pela História Cultural, a qual trata a história com campo de investigação mais alargado para dialogar com a constituição leitora vinculada ao relacionamento imbricado entre leitura, cultura e sociedade, entendendo a leitura como prática cultural. O pensamento de Chartier (2001, p. 36) ilustra bem os estudos nesse campo: “[...] pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras [...]”.

Dos desafios a serem enfrentados como a profunda transformação que altera os modos de publicação, comunicação e recepção da palavra escrita, exige-se um acompanhamento à luz de uma reflexão histórica, cultural e filosófica. Assim, nesta pesquisa, ao tematizar objetos de investigação diferentes, entrelaçando os dois movimentos de estudos, levo em consideração a visibilidade das narrativas de leitura relacionadas aos leitores envolvidos com o trabalho de investigação, os quais estão circunscritos a vinte e cinco leitores da BMAT, alunos e professores das escolas rurais do Município de Caetité.

Para escutá-los, acerca dessas narrativas, apresento os seguintes objetivos: compreender como as práticas de leitura desenvolvidas pela Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, junto às escolas rurais do município de Caetité/BA, têm ou não constituído leitores; mapear o itinerário de constituição do leitor formado, a partir das práticas de leitura da B.M.A.T; identificar, nas práticas de leitura da BMAT, os elementos caracterizadores do sujeito-leitor no que diz respeito aos aspectos pessoais e sociais; analisar as práticas de leitura aplicadas pela B.M.A.T, levando-se em conta o processo de constituição do leitor e suas relações em ambientes urbanos e rurais.

Desenvolvo este trabalho de pesquisa, a partir de 10 encontros de leitura, realizados no período de janeiro a abril de 2008, na Escola Janir Aguiar e na Casa Anísio Teixeira. Ao vivenciar esses encontros, chamam-me a atenção os elementos caracterizadores do sujeito-leitor, seus aspectos pessoais e sociais e suas relações em ambientes urbanos e rurais, tendo em vista a constituição leitora antes e depois da chegada da BMAT. Para isso, após discussão de textos autobiográficos relacionados à constituição do leitor, os CPs produziram narrativas pessoais e sociais e os registros dos encontros de leituras em diários, com o objetivo de reconstruir memórias de formação para fins de reflexão das lembranças memorialísticas e, ainda, como registros para desenvolver a pesquisa. Nessas circunstâncias, dialogo com idéias de quem afirma que:

[...] O diário, por excelência, é um ato metodológico centrado no registro reflexivo da e sobre a prática, tendo como foco a consciência pedagógica, despertando curiosidade, percepções, descobertas, mudanças e superação de erros com ênfase na reflexão sobre a reflexão através da escrita. Recorrer a esse dispositivo requer rupturas, sim, mas nos desafia e nos revigora, ao reconhecer que, entre o eu, o outro e o contexto, tramas se cruzam/se entrecruzam para modelar o nosso fazer docente. (SOUZA e CORDEIRO, 2007, p. 48).

Com essa ideia de registro reflexivo pelas narrativas de leitura que se cruzam e se entrecruzam, os diários produzidos, tanto os pessoais, quanto os que foram produzidos em grupos, somam-se a outras narrativas, como as que têm relação com a intertextualidade referente aos textos produzidos para o encerramento dos encontros de leitura, no momento da realização do I Festival Comunitário de Cultura (IFESC)<sup>15</sup>. Assim, entre textos diversificados, para comparar os achados da pesquisa, recorro aos registros de leitura da Casa Anísio Teixeira, como fichas de empréstimo de livros (BMAT) e trabalhos realizados nas escolas Janir Aguiar e Altair

---

<sup>15</sup>Cf. regulamento e programação (Apêndice D), o festival foi realizado a partir das categorias “músicas e poemas”. Somaram-se a essas atividades as apresentações, os diários dos encontros de leitura, atividades da cultura local, como O Terno de Reis de Riacho da Vaca e as apresentações teatrais da Casa Anísio Teixeira. O I FESC realizou-se no dia 27/04/2008, em Riacho da Vaca.

Públio, resultantes das práticas de leituras da BMAT em outras épocas de vivência do seu projeto de leitura.

Observo o cenário escolhido, ou seja, as escolas Janir Aguiar e Altair Públio, localizadas nas comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola, zona rural do distrito de Maniaçu, distantes da sede de Caetité, em média de 46 km, espaços marcados por diferentes interesses, caracterizadores do Alto Sertão Baiano. Em meio às dificuldades oriundas, também, do clima semi-árido, vejo que o lugar é procurado, do ponto de vista econômico, por possuir diversos tipos de minérios, como o urânio em exploração pelas Indústrias Nucleares do Brasil<sup>16</sup>.

Atento-me ao fato de que até o ano 2006, as escolas do espaço empírico da pesquisa funcionaram como multisseriadas, sendo que, no ano seguinte, foram incluídas no projeto de nucleação dessas escolas, conforme Relatório de Atividades da Secretaria de Educação do Município, datado de 2005, do qual, nesse trabalho, na parte em que falo do espaço empírico, apresento a parte do procedimento da nucleação das escolas multisseriadas do Município de Caetité. Do contato com o espaço desativado das escolas Janir Aguiar e Altair Públio, de imediato, é visível que essa nucleação já significou mais ausências pela perda do espaço educacional. Desse vazio, o espaço sinaliza a necessidade de estudos mais aprofundados para discutir o processo de nucleação das escolas multisseriadas.

Como o foco do meu trabalho não é esse, volto à identificação do espaço empírico, onde encontro o ato de ler como tarefa marcada por sérias dificuldades. Localizando-se distante, geograficamente, dos centros acadêmicos, os quais têm estudos legitimados no que se refere ao aspecto universitário, além da ausência dos impressos, como a falta de contatos com livros, revistas e jornais produzidos em outras regiões, agora, outro agravante passa a ser a perda do seu espaço educacional. Prossigo meu trabalho na escuta de questões do tipo: poder-se-ia falar, nessas circunstâncias, em constituição leitora?

Essa primeira visão sobre o universo da pesquisa parece marcar o local como espaço em que a constituição leitora é indicativa de caminhos singulares, diferenciados de outros contextos. Ao pensar a leitura na sociedade brasileira, muitos são os estudos que apontam as ausências de materiais impressos

---

<sup>16</sup>Cf. Ref., a estatal: Indústrias Nucleares do Brasil (INB) opera a mina de urânio de Caetité desde o ano 2000.

sinalizadores da crise da leitura, conforme cenários desta pesquisa e em outros contextos do Brasil em que é visível a falta de tradição da leitura e da escrita, muitas vezes, alheios aos interesses acadêmicos. No entanto, ao tomar, estudos mais recentes da história cultural, percebo rumos diferentes para a leitura e a escrita de lugares considerados à margem das leituras legitimadas:

As investigações revelaram um interesse pela leitura e um contato com o escrito muito maior do que se supunha, livrando-nos de fantasmas como o do desinteresse do brasileiro pela leitura, da falta de contato entre jovens e livros, da baixa disseminação dos escritos na sociedade, etc. (ABREU, 2004, p. 43).

No cotidiano não-erudito, marcado pelas dificuldades, é possível identificar, pelas práticas de leitura consideradas não legitimadas, a singularidade do leitor que descreve, pelas narrativas pessoais e sociais, seu processo de constituição leitora, muitas vezes, distanciado dos impressos. Através dessa teia da vida que vai se tecendo pela condição de contar e de ouvir histórias, posso, também, me incluir nesse percurso, ao pensar como me fiz leitora. Então, vejo-me diante de leituras minhas e de outros mundos, identificadas, porém, pelas histórias de leitura, como elo de aproximação entre leitores. Pelas leituras, ao contar e ouvir histórias, em consonância com as narrativas, brincadeiras, músicas e demais atividades culturais que retratam a vivência em lugares como o dessa pesquisa, os encontros e desencontros acontecem para o diálogo entre as diversas culturas, como retrata uma das CPs desse estudo:

A partir das informações que tive ao entrevistar o senhor José Sabino, pessoa mais velha da comunidade, captei que esta comunidade recebeu este nome porque antigamente havia um senhor morador deste local que criava algumas cabeças de gado e certo dia uma das suas vacas acabou desaparecendo, ele procurou em vários e vários lugares e não encontrou. Com muita insistência e confiante em encontrar, foi até o riacho, e lá sua vaca estava, totalmente embicherada (Marinalva).

Pela possibilidade de escutar histórias da oralidade da cultura local e de confrontar com outras narrativas de constituição leitora, as lembranças dos CPs, já distanciadas, surgem respondendo buscas dos que procuram repensar suas itinerâncias, quem são, onde moram, por que essa identidade e, ao falarem disso, trazem elementos cotidianos, reveladores das experiências pessoais e sociais. Com essa proposta e, tendo em vista sistematizar questões relacionadas as histórias de leitura e a itinerância da BMAT, é que apresento esse trabalho, o qual propôs compreender como as práticas de leitura desenvolvidas pela Biblioteca Móvel Anísio Teixeira – BMAT, junto às escolas rurais do município de Caetité/BA, têm ou não constituído leitores. A elaboração e aplicação de encontros de leitura em espaços culturais como a Escola Janir Aguiar, escola rural multisseriada e a Casa Anísio Teixeira, em Caetité, serviram para pensar as narrativas de leitura, tomando o diário, como registro dos trabalhos desenvolvidos para implementar discussões oriundas do processo de constituição leitora.

Assim sendo, para a introdução, “O começo da viagem: ecos da infância”, tomo a leitura como uma viagem, em dois tempos; no começo da minha constituição leitora até o encontro da pesquisa. Da reconstrução da itinerância leitora em lugares relacionados à família, escola, espaços rurais e urbanos falo do entrelaçamento com as histórias de leitura dos CPs para pensar a constituição leitora em espaços de ausência, como a falta de impressos identificada nas diversas narrativas de leituras.

O primeiro capítulo do estudo, após problematizá-lo, eu o intitulo “Em viagem, as vias de ancoragem”. Estrutura-se para indicar o eixo da pesquisa: formação e leitura. O primeiro explicita as narrativas de vida, produzindo um trabalho de reflexão e de apropriação retrospectiva do trabalho vivido. O segundo refere-se aos estudos produzidos pela História Cultural, dialogando com a constituição leitora vinculada ao relacionamento imbricado entre leitura, cultura e sociedade, sendo a leitura uma prática cultural.

O segundo capítulo intitula-se “O caminho se faz ao viajar: cenário e espaço da pesquisa”; nele apresento os colaboradores, os encontros de leitura, os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise da pesquisa. Nesta perspectiva, caracterizo o universo do trabalho e, contextualizando a cidade de Caetité, busco mapear os espaços de leituras da BMAT até chegar ao espaço empírico da investigação, ou seja, as escolas rurais “Janir Aguiar e Altair Públio”,

destacando, também, as discussões sobre os colaboradores, os encontros de leitura e o processo de análise dos dados, os quais se ancoram a pesquisa qualitativa.

O terceiro capítulo, “Encontros e desencontros: respostas ou possibilidades?”, centra-se na análise dos dados da pesquisa, através das narrativas que foram sendo reveladas no processo de leitura/pesquisa, a saber: leituras pessoais e sociais, família/ escola: lugares de ausências e de presenças; urbano/ rural: espaços do palco para a vida; as práticas de leitura da BMAT e a constituição do leitor. A partir daí, analiso essas categorias através da escuta elaborada durante a investigação.

No quarto capítulo, intitulado “Sobre as viagens: é possível fazer paradas”, apresento um balanço dos diferentes significados das práticas de leitura da BMAT para os leitores das escolas rurais. Identifico, por esses estudos, as práticas de leituras funcionando como presenças em lugares de ausência e instigando os leitores a discutirem a constituição leitora, antes e depois da BMAT. Em contato com as leituras culturais, percebo a iniciativa para pensar a cultura local e, da parceria, a necessidade para a criação dos espaços culturais de leitura, como sinalizações, talvez para significarem os lugares das escolas multisseriadas que foram desativadas com o processo de nucleação das escolas rurais do Município.

Em “Outras viagens: novas ancoragens”, busco sistematizar e problematizar questões relacionadas às práticas de leitura, ressaltando que o contato com o processo de constituição leitora em espaços de ausência de impressos como as escolas rurais do Município de Caetité, tornou possível falar em presenças referentes às experiências leitoras, tanto pela via da linguagem poética, quanto pelas brincadeiras e narrativas da oralidade. Essas ações instigaram e instigam os leitores à discussão das leituras culturais. Sinalizo, também, a criação do espaço cultural de leitura, no espaço empírico trabalhado, as relações com a formação, as narrativas de leitura cotidianas e os modos de ler, ser e estar no mundo, falando das implicações das conquistas comunitárias e registrando a necessidade de ampliação do projeto de leitura da BMAT para contemplar novos leitores pelo diálogo das diversas leituras.

## Capítulo I

### EM VIAGEM: as vias de ancoragem

---

[...] Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardava o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada. [...].

(LISPECTOR, 1994, p. 18)

## 1.1 Formação e leitura, pelos caminhos, as falsas e reais dificuldades.

Na condição de leitora viajante, pelas estradas da vida, ao trazer as lembranças das narrativas de leitura, percebo também essa conquista como uma “felicidade clandestina” e, dialogando com esse fragmento, encontro a narradora falando dos impasses para tomar para si a leitura, ou seja, conseguir ler “As Reinações de Narizinho”<sup>17</sup>. Em contato com os episódios que compõem o conto de Lispector, vê-se a luta da personagem no sentido de conseguir emprestado o livro e, depois que o consegue, a ideia de não tê-lo parece ser causadora de expectativas nessa ação de lê-lo.

Numa trajetória semelhante, assim me vejo, ao me encontrar com as vias de ancoragem para esta pesquisa; tal qual ocorreu com a narradora desse conto, o ato de conquista do eixo dessa pesquisa tem me propiciado expectativas de realização de um desejo, mas também tem relação com dificuldades. Tomo a leitura como uma viagem e a percebo, ora em movimento, ora em paralisação e, por esse percurso, ao vivenciar o processo de escolha das temáticas da pesquisa, também falo de dificuldades, entendendo melhor agora o significado desses caminhos onde me encontro com as histórias de leitura.

Com elas, enquanto chave de leitura para justificar o caminho metodológico desse estudo, é que vou compreendendo a condição de viajante e o encontro com a experiência da vida, seja ela pessoal ou social, em que as travessias e as bifurcações foram tomadas como trocas indicativas de vários mundos, possibilitou-me definir a formação e a leitura, como vias de ancoragem para essa investigação. Desse encontro das narrativas de formação, penso, também, a pessoa que está sendo formada.

Para isso, considero relevante falar da história educacional, como apontam os estudos de Nóvoa (2002)<sup>18</sup>. Nessa discussão formativa dos professores, ao falar dos chamados modelos estruturantes, os programas de capacitação são vistos como

---

<sup>17</sup>Cf. Ref., o livro de Monteiro Lobato, relaciona-se com o universo mágico, um convite para a vivência entre realidade e a fantasia.

<sup>18</sup>Cf. Ref. Observa-se a formação contínua de professores, no contexto dos anos 60 a 70, período em que se encontra o Estado mantendo presença forte e pautando o ritmo das mudanças e das reformas. Na continuidade, dos anos 70 a 80, identifica-se o registro explosivo das práticas de formação contínua e uma diversificação das entidades organizadas, chegando aos anos 90, como década de importantes estudos científicos sobre os modelos de formação de professores.

buscas de respostas às questões apontadas e, também, para propiciar resultados imediatos. Em contato com essa linha de abordagem, fica evidente a lacuna no sentido de um conhecimento mais contínuo e em comunhão com a reconstrução da identidade pessoal e profissional de cada sujeito.

A discussão aponta para o aperfeiçoamento docente, não se detendo, somente, na busca para atingir mudanças na qualidade da vivência profissional, mas para pensar na formação como trabalho reflexivo e crítico, a partir das práticas de (re) construção das experiências pessoais e sociais. Em contato com esse novo olhar reflexivo em relação ao processo de formação e pesquisa na contemporaneidade, questões relevantes acenam para a valorização do sujeito em formação, ao discutir políticas e sentidos do ser professor no século XXI, Souza afirma que:

As discussões que se consubstanciam nos anos 80 e 90 no Brasil consolidam o discurso acadêmico de valorização da pesquisa tanto em relação à formação de professores quanto ao desenvolvimento profissional, articulando-se com categorias teóricas no campo dos saberes docentes, identidades, história de vida como dispositivo de formação inicial e continuada, profissionalização, desenvolvimento pessoal e profissional, bem como em relação às possibilidades teórico-metodológicas da pesquisa na área educacional. (SOUZA, 2005, p. 20).

Tem-se espaço para a valorização da pesquisa educacional, ainda que o contexto se dê pelas relações de complexidade; por essa condição, como prática desafiadora, a constante atuação do saber fazer favorece a experiência de reflexão permanente. Em sintonia com Souza (2005), ao trazer a ideia da racionalidade técnica que consolidou a crise de identidade dos professores para intensificar o controle sobre eles e sua desprofissionalização, penso sobre a ideia de potencialização de uma escuta sensível ao profissional em formação, ao se levar em conta os aspectos epistemológicos e metodológicos.

No aporte desses estudos, busco compreender as narrativas de formação, ao apreender que o trabalho formativo se centra no próprio sujeito. Sobre essa questão, entendo que “[...] a abordagem biográfica tem a sua origem num processo educativo, não constituindo apenas uma orientação metodológica [...]” (DOMINICÉ, 1988, p. 103), visto que a sua utilização nas ciências da educação tem uma dupla função, tanto para projetos formativos, quanto para fins de investigação.

Para a escolha dessa abordagem, recorre-se, normalmente a fontes orais e, ao falar de oralidade, penso ser relevante, trazer o surgimento da História oral, ou seja, o período referente aos anos 70 e ao decorrer dos anos 80, período em que fontes orais e estudos dos que ocupam lugares não legitimados passaram a ser valorizados, registrando-se transformações nas pesquisas históricas em que, muito além dos depoimentos, as lembranças reconstruídas passaram a relatar as relações comuns com a experiência de vida.

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fenômeno comum. Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. [...] (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Como artifício denominador de elementos identitários, na condição de contrato, a memória propicia lembranças, por exemplo, as que são delimitadas pela história oral: “Um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. [...]” (BOM MEIHY, 2007, p. 26). Tem-se a história oral como fator importante para tornar presentes as histórias, inclusive as que ainda não se encontram registradas como documentos oficiais. A história oral vai além de uma conversa mediada entre investigador e investigado e deriva-se de um método complexo, cujas especificidades se relacionam, desde a produção do projeto até a sua publicação no momento em que passa a ser devolvido à comunidade.

Para Moraes (2000), a História oral se inaugura no Brasil nos anos 70, mas sua expansão dá-se nos anos 90, período em que se cria a Associação Brasileira de História Oral (1994), favorecendo a realização de seminários e a propagação de estudos afins. À medida que o uso da história oral, nos diversos campos (sociologia,

história, educação), foi-se intensificando, a validação da história fez-se como fonte de pesquisa. São muitos os trabalhos oriundos da história oral, a exemplo do Grupo de História Oral/GRAFHO<sup>19</sup>. Através de experiências dessa natureza os vários aspectos referentes às histórias das pessoas e dos lugares, principalmente os estudos dos excluídos são abordados. Com narrativas, talvez pelo fato dessa abordagem favorecer uma escuta atenciosa aos relatos referentes à formação pessoal e social, como se tem vivenciado a partir da chegada do método biográfico: “[...] se justifica pelo facto de este método valorizar uma compreensão que se desenrola no interior da pessoa, sobretudo em relação à vivência e às experiências que tiveram lugar no decurso da sua história de vida [...]” (FINGER, 1988, p. 84).

Nóvoa e Finger (1988) pontuam que as pesquisas nessa área vêm procurando apontar questões, como as reformas educacionais e história de vida de professores. Em contato com leituras, como a antologia organizada por António Nóvoa e Matthias Finger (1988), “O método (auto) biográfico e a formação”, encontro os diversos autores dessa abordagem e as discussões que marcaram a consolidação da biografia como método autônomo de investigação no interior das ciências sociais. É como destaca Chené (1988), ao referir-se aos aspectos da formação de professores e apresentar as potencialidades da narrativa de formação, do ponto de vista teórico, e eleger a narrativa como possibilidade de compreensão do percurso da formação pessoal e social.

Nesse aspecto, favorece-se ao formador a possibilidade de encontrar o seu projeto de vida e a contribuição, para que se forme, a partir do contato com a sua própria história. Pela reapropriação feita através da leitura dos fatos, como acena Ferrarotti (1988), ao discutir sobre o método biográfico, suas especificidades, o quadro lógico-formal do modelo mecanicista caracterizador da epistemologia científica dominante e questões como a ideia de homem, objeto da passividade que o determinismo mecanicista defende, tem-se o observador e o observado, numa interação recíproca e por meio da intersubjetividade.

Por essa abordagem, a construção da memória de vida faz-se possível para vivenciar a ação pessoal e social. Com essa ideia das práticas de formação (seja com tendência psicologizante, seja sociologizante) chega-se ao pensamento da

---

<sup>19</sup> O Grupo de Pesquisa (Auto) Biografia, Formação e História Oral integra a base de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (Universidade do Estado da Bahia – PPGEduC/UNEB).

ciência da educação para as práticas educativas, como também, para o conjunto de ações no âmbito da formação profissional e de adultos. Nessa linha de discussão, Nóvoa (1988), Pineau (1999), Poirier et al (1999), Josso (2004), Souza (2006), na área da educação, reportam-se à autobiografia, à biografia, às histórias de vida, às narrativas de formação, como constitutivas da abordagem biográfica, as quais se integram à história oral pela utilização das fontes orais, como as narrativas formativas pessoais ou sociais.

Tem-se a abordagem autobiográfica, chamada de história de vida, ora vista como método ora como técnica e, ainda, ao mesmo tempo, como método e técnica para definir uma maneira específica de conhecimento da realidade. Nessas circunstâncias, faz-se possível o autobiografado reconstruir sua experiência de vida e, numa visão autorreflexiva, buscar compreender a trajetória de si e a dos outros sem perder de vista o próprio processo de formação; ao contrário, torna-se possível pensar e repensar as ações formativas pelas histórias de formação:

As narrativas de formação e/ou as expressas em diários autobiográficos demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar aspectos de sua existência e tratá-los através da perspectiva oral e escrita, organiza suas idéias e potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma auto-reflexiva como suporte para compreensão de sua itinerância vivida. Assim como provocam uma reflexão sobre si mesmo e os outros caracterizando-se como excelente estratégia de formação. (SOUZA, 2006, p. 100)

Para a formação e instrumento de investigação, as narrativas orais e/ou escritas, na qualidade de textos autobiográficos, como os diários, são registros que permitem o contato com as experiências da vida, entendendo que, ao organizar suas ideias para a construção da história, o sujeito, de posse das suas lembranças, reconstrói, simultaneamente, sua itinerância pessoal e social, a qual, por ser reflexiva, lhe favorece compreensão dos seus percursos vividos.

Dessa forma, tem-se a ideia da escuta às histórias de formação nos campos da educação, ou seja, como possibilidade de deixar falar as vozes silenciadas ao longo da nossa história e elaborar histórias de vida, obtendo, por intermédio delas, o levantamento dos instrumentais necessários à compreensão do que foi a própria formação, para repensar, também, o seu percurso. Ao inscrever, portanto, esse

trabalho num campo que, ao mesmo tempo em que se faz a investigação, tem-se a realização de atividades que propiciam a constituição leitora, a pesquisa se justifica nos eixos da formação e da leitura.

Das experiências, a ação do sujeito parece indicar uma vivência reflexiva do conhecimento de si e dos outros em que se oportunizam espaços de reflexão ao encontro da visualização dos processos da formação pessoal profissional: “[...] Surgem-lhe perdas e ganhos e, nas nossas interações, interrogamos o que o sujeito faz consigo próprio ou o que mobilizou de si mesmo para se adaptar à mudança, evitá-la ou repetir-se na mudança. (JOSSO, 1988, p. 44). Embora os momentos de recuperar as narrativas de vida sejam momentos de catarse, não se pode dizer que são idílicos, em que o ato só de contar já possibilita a formação.

Assim sendo, faz-se necessário constituir momentos coletivos de integração e de confronto, através do pensamento reflexivo e, pelo entrecruzamento das histórias, favorecer a socialização das histórias para potencializar as práticas de formação, inclusive, pela possibilidade de envolver o próprio pesquisador, o qual dialoga com seus percursos de formação, na medida em que se vê interrogado com a escuta às narrativas ouvidas ou lidas.

A partir dessa prerrogativa, é possível intervir na constituição leitora, justificando-a, conforme já enfatizei, pelos dois campos a serem revelados, tanto o da história da formação, quanto o da história da leitura. A partir dessas vias de ancoragem, tento equacionar questões como a formação pessoal social/profissional e a constituição leitora, tanto dos CPs, quanto da pesquisadora, fazendo o diálogo com os diversos teóricos que trazem as histórias de vida como método de investigação. Com essa busca, ao estimular a autoformação para confirmar essa ideia de trabalhar com narrativa de formação, tem-se o entrecruzamento com outras narrativas.

## **1.2 Entre leituras e leitores, o entrecruzamento das histórias**

O entrecruzamento das histórias, leituras e leitores demarca caminhos, fazendo-se possível revelar, a cada tempo histórico, os estudos referentes à leitura em nosso país. De temáticas como a formação e a leitura, ao tomar, os espaços de

leitura, enquanto prática de liberdade, as escolhas e a formação de acervos, passam a ser importantes, porque buscam trazer o ponto de vista de quem descreve a história de bibliotecas, especificamente, em nosso país:

No Brasil, deveríamos narrar, igualmente, uma triste história, apesar de termos começado a trajetória de nossa independência na companhia de uma biblioteca de grande qualidade, conservada e admirada até nossos dias. Mas esse exemplo prima, antes, pela exceção, que pela norma, conforme sugerem depoimentos de viajantes brasileiros e estrangeiros, especialmente os que andaram pelo Brasil afora no século XIX. (ZILBERMAN, 1992, p. 192).

Desde o período imperial ao Brasil republicano e, agora, no contemporâneo, a história da leitura vem revelando dados convidativos a pensar novos panoramas para a constituição leitora. Se cada história é feita de temáticas diferentes, busco pontuar, de modo bem geral, os estudos da história da leitura, procurando ressaltar os traços marcantes nessa produção teórica ao longo desses tempos.

Assim, da tradição prescritiva, como os estudos iniciais sobre a leitura no Brasil, predominantemente, da tendência psicológica, destaco os autores norte-americanos e os modelos funcionalista e positivista. Dessa atividade de leitura, a qual se tomava como ação para ser entendida, explicada e controlada, tem-se o ato de ler, conforme sustentavam as pesquisas empíricas, como sistematizações, por etapas, normas e procedimentos a serem seguidos, tanto pelos professores, quanto pelos alunos.

Tal concepção de leitura estabelecida tem relação com o mecanismo de decodificação da palavra escrita em que se estabelecia, nesse período, a prática de leitura, especificamente, operacionalizada em ambientes da escola. Nessas circunstâncias, as atividades que compreendiam o ato de ler eram rotineiras e padronizadas pelos roteiros, cujos limites exigiam do aluno, em contato com o texto, assimilá-lo pela interpretação correlacionada ao modelo. Nessas circunstâncias, considerava-se correto e pertencente ao professor, detentor da lógica a ser seguida, a compreensão do texto lido.

O ato de ler, portanto, era destituído de uma ação produtiva, tanto no que se refere às possibilidades de interpretações, quanto às diversas maneiras de compreendê-lo. Assumiam-se os modelos norteadores de comandos para percorrer os caminhos comportamentais de como pensar e vivenciar as práticas de leitura, e as pesquisas referentes a essa concepção de leitura garantiam sua legitimidade.

Numa visão contrária a essa concepção, procurando discutir melhor o processo de compreensão da leitura, retomo o pensamento freiriano (1999) de que a leitura de mundo surge anterior à leitura da palavra. Certifico-me da relação imbricada do mundo do leitor, o qual vem antes da palavra e do quanto essa leitura do mundo influencia na compreensão de outros mundos como o conhecimento da palavra. No aporte dessa via de ancoragem, percebo essa primeira concepção de leitura como ação a ser superada, seja pela insistência escolar na quantidade de leituras, seja pela falta de adentramento aos textos ou, ainda, pela ideia mecânica para memorizá-los.

Prossigo, então, por outras vias de acesso e chego ao surgimento, no Brasil, final dos anos 70, do que se denominou “crise”. Como acena Moraes (2000), nessa segunda abordagem dos estudos da leitura, a ideia é relacionar a concepção anteriormente abordada, no sentido de diagnosticar e de denunciar a crise de leitura no Brasil. Do avanço desse debate, na década de 1980, através da realização de eventos, para discutir e propagar as atividades de leitura, as discussões se expandem<sup>20</sup> e, nas instâncias COLE, ALB e LTP, os debates e reflexões são propiciadores das condições para se pensar na democratização da leitura no Brasil.

Dessa época, no entanto, vários textos são identificados com temática relacionada ao discurso das dificuldades com a leitura, em especial pela escola, a qual vive em crise por não conseguir formar leitores. Para Silva (2001), nas histórias de professores e de alunos, em suas experiências de constituição leitora, podem-se ler as histórias de pesquisadores no ato de investigação dos diversos materiais em que se identificam professores e os próprios alunos. Do entrelaçamento das

---

<sup>20</sup> Desde 1978, com a realização bienal, os Congressos de Leitura (COLE); em 1981, a criação da Associação de Leitura do Brasil (ALB), publicando, a partir de 1982, semestralmente, a revista “Leitura teoria e prática” (LTP).

histórias, têm-se, também, os encontros e desencontros com a formação e a leitura<sup>21</sup>.

Desses lugares, pelos emergentes estudos, pode-se falar em novos procedimentos, atitudes e habilidades para reivindicação do ato de ler a partir de questionamentos, conscientização e de liberdade. Chega-se ao processo de dessacralização da leitura e sua difusão nas discussões acadêmicas. Nessa ideia, relaciona-se texto com história e a produção de novos sentidos para os sujeitos, os quais se sentem envolvidos com as leituras. O ato de ler, nesse aspecto, ultrapassa a decodificação da palavra, uma vez que vai além do texto, localizando-se num tempo e espaço e revelando situações e pessoas envolvidas.

Nos variados aspectos das discussões da leitura, o papel do professor no ensino da leitura no ambiente escolar, passa a ser relevante, apontando demandas no que se refere à leitura crítica e à formação de leitores: “A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas [...]” (SILVA, 2002, p. 79/80).

Das atribuições exigidas no desenvolvimento dos trabalhos com a leitura, o gosto pela leitura é também uma referência a ser conquistada: “[...] podemos pensar que o gosto se forma e que a aprendizagem escolar da leitura da literatura desempenha importante função no desenvolvimento”. (MAGNANI, 1994, p. 103). Em nome da formação leitora e da democratização da leitura, novas exigências foram colocadas para o professor ao pensar e desenvolver trabalhos com a leitura.

Com novo posicionamento político-pedagógico, surge o sujeito envolvido e a necessidade de se sentir na inserção crítica da realidade contextual da leitura. O foco de leitura passa a ser a valorização da própria história de leitura, as experiências da formação como leitor (a) e suas relações com o trabalho da escola. Decorrentes não apenas de uma competência teórico-metodológica ou da ausência de participação engajada no processo político-pedagógico, mas, principalmente, do

---

<sup>21</sup> A autora, ao apresentar a coletânea “Entre leitores: alunos, professores”, fala também da história de criação do grupo de pesquisa “Alfabetização, Leitura e Escrita (ALLE)” - Faculdade de Educação da UNICAMP - surgido no final de 1998. Destaca, ainda, a própria história da pesquisa em leitura no Brasil, ressaltando que é da década de 80, onde se começa a organização dos grupos e laboratórios de pesquisa. Denomina o final de 1994 pela iniciativa de reunir os poucos grupos existentes e fala do início de 95, como época do aparecimento da nova instância “Fórum dos Grupos de Pesquisa e Laboratórios”, favorecendo a ampliação das discussões na área. Diz que essas pesquisas favorecem a discussão do “gosto” pela leitura (a partir de 1985), começando a surgir, nos anos 90, os primeiros esforços para o conhecimento dos leitores a partir de narrativas pessoais e/ou histórias de vida.

próprio processo de como se fez leitor, limites e possibilidades na realização de trabalhos com a leitura passaram a ser evidenciados.

Com essas discussões, a experiência do professor com a leitura favorece condição para transformar seu aluno em leitor. Ao professor, sobretudo o das séries iniciais, é esperado que propicie situações para que seu aluno seja atraído pelas possibilidades de leitura. Desse lugar, no entanto, pelas exigências idealizadas em relação à leitura, as dificuldades para desenvolvê-la são identificadas. Tais estudos apontam o professor como um “não leitor”; alguém que precisa se responsabilizar por sua condição. Ao enfatizar essas ausências, como a falta de livros, de alunos e professores leitores, de bibliotecas e tantas outras carências denunciadoras da não-leitura, questões do tipo “que função o professor ocupa ao ensinar e desenvolver a leitura na escola” passam a ser preocupações de estudiosos dessa época:

O professor de Português deve estar familiarizado com a história do ensino da Língua Portuguesa no Brasil, com a história da alfabetização, da leitura e da literatura na escola brasileira. Pois só assim poderá perceber-se num processo que não começa nem se encerra nele, e poderá, no mesmo gesto, tanto dar sentido aos esforços dos educadores que o precederam, como ainda sinalizar o caminho dos que sucederão. (LAJOLO, 2005, p. 22).

Pelo viés do que está imbricado nesse campo da leitura sacralizada, como ação contrastante, surge um conjunto de estudos, os quais vêm acenando para outro tipo de conhecimento, no sentido de possibilitar novo campo de interpretação da pesquisa referente à realidade da leitura. Trata-se da História Cultural, como contribuição para o conhecimento de leitores, alargando o campo de investigação, por exemplo, com leitores que podem ter se constituído pela ausência dos impressos.

Nesse campo de estudo, encontra-se a possibilidade de se falar numa concepção de leitura cujo interesse tem relação com as experiências, lembranças e histórias de leituras dos leitores que se constituíram pelas leituras não legitimadas. Por esse viés, para pensar o modelo tradicional de historiografia, em que as histórias edificavam, somente, as narrativas dos homens e mulheres do poder, a reconstrução das histórias de constituição leitora, numa visão mais ampliada, vem para ampliar os estudos com experiências de leitura.

Nesse sentido, objetos e temas bem diversificados são encontrados em muitos estudos de autores como Chartier (2001), ao examinar condições possíveis para as práticas de leitura em contato com os percursos leitores e os seus procedimentos de leitura: “[...] a imaginação do leitor pode mobilizar simultaneamente os diferentes e sucessivos modos de inscrição e transmissão da palavra escrita que herdamos do passado; manuscrito, impresso e comunicação eletrônica [...]”. (CHARTIER, 2007, p. 31).

Em diálogo com o autor, saliento sua proposta de investigação da leitura, que se configura como pontos relevantes, ou seja, o estudo dos textos considerando sua escrita, sua impressão e a recepção. Assim sendo, pela voz do leitor que narra suas práticas de leitura, novas fontes de conhecimento para a pesquisa sobre leitura extraem as práticas e modos de leitura do sujeito-leitor.

Com Chartier (2007), portanto, chega-se à ideia de superação dos estudos de textos que eram vistos em dicotomia em relação aos estudos dos leitores. Nessa linha de pensamento, as formas de cultura escrita, sua necessidade de preservar a compreensão da cultura impressa (manuscrito, impresso e comunicação eletrônica) são considerados significativos, sem perder de vista sua coexistência entre os leitores, para que, cada um, conforme suas preferências, faça uso dessas possibilidades da cultura.

Em diálogo com esses estudos, identifico programas de leitura para pensar essa ideia do ato de ler como campo de disputa e espaço de poder, evidenciando a leitura como prática que não é neutra: “O repúdio ou estímulo à leitura só podem ser bem compreendidos se forem examinados os objetos que se tomam para ler e sua relação com questões políticas, estéticas, morais ou religiosas [...]”. (ABREU, 2007, p. 15).

Nessa concepção de leitura, o desafio se faz maior. Justifico, por isso, a ideia de não somente identificar o instrumento de leitura, mas também pensar sua relação com a sociedade e propiciar o diálogo entre os tempos, ao trazer para próximo dos leitores os fatos encontrados na história da cultura local, nos diversos períodos, tornando-se possível pensar a abordagem da história cultural e os trabalhos de investigação da leitura, como ações imbricadas com as histórias vividas.

Os estudos, como os de Abreu (2007), “Leitura, história e história da leitura”, reúnem pesquisadores nacionais e internacionais e foram desenvolvidos com o intuito de buscar examinar as relações estabelecidas entre livros e a leitura nas diversas condições socioculturais; o de Moraes (2000), que apresenta as histórias de leitura em narrativas de professoras, e o de Lacerda (2003), “Álbum de Leitura”, memórias de vida, histórias de leitores, são exemplos de trabalhos que, somados a outros, representam esse avanço das discussões sobre leitura como prática histórica e social.

Ao recuperar a história de grupos sociais, não, somente, os já incluídos no mundo da leitura, mas também os excluídos do campo de narrativas leitoras, os pesquisadores dessa área demonstram estar diante de um trabalho instigante. Dessas diversificadas manifestações de reconhecimento da leitura, ao buscar, por exemplo, compreender o que liam e como liam esses leitores, tem-se a possibilidade de trazer, dos campos considerados desprivilegiados, as experiências de vida a respeito dos modos de ler, legitimados ou não, para favorecer o diálogo entre as culturas.

Nessa via de ancoragem, a ideia de reconstrução da própria história de leitura, aparece como encontro com outras histórias para pensar seus percursos, como acena Bachelard (1993), na defesa de fazer cadastro de campos perdidos. Em diálogo com esse autor, reconheço, no contato com as narrativas dos CPs, as identificações ou não e, especialmente, os recortes não-lineares. Também observo os percursos desses leitores no momento em que narraram suas itinerâncias a partir de questões como: quando, como e por quais razões se fizeram leitores.

De aspectos como esses, o contato com a experiência de vida e as revelações das diversas formas de ser leitor, tanto em experiências pessoais, quanto sociais, pelas lembranças da constituição leitora, favoreceram à escuta das experiências de ouvir e de propagar as narrativas de leituras e a possibilidade de não só reviver os campos de formação, mas também refletir sobre pontos relevantes identificados: “[...] não há uma ética da leitura. A superação pessoal da mente e do espírito de cada uma já constitui, por si só, um projeto e tanto. Não é preciso transformar a leitura num ato utilitário ou numa ferramenta de ativismo [...]”. (MACHADO, 2002 p. 100).

Nessa escuta, penso nas mudanças pessoais e sociais provenientes da vivência, oriundas das práticas de leitura e com o pensamento de não cair no idealismo ao pensar projetos de leitura, por considerar os limites dessa ação transformadora, encontro, no entanto, as sinalizações de relevância das muitas propostas de constituição leitora, na medida em que pode propiciar melhorias do sujeito leitor e do social. Com essa busca, chego ao pensamento de Beltrão (2007), que traz a escrita como a materialidade da linguagem, sendo expressão de um corpo verbal em disponibilidade para as descobertas.

Compartilho o que diz essa autora a respeito do acúmulo dos saberes revelados no ato de escrever e sobre os saberes compartilhados com o leitor da sua escrita, no momento em que aciona o seu texto “Livros na escola: entre a proteção e a circulação”. Pela leitura desse texto, retomo a ideia inicial, epígrafe citada, e, também, com Lispector, penso no quanto se faz possível até adiar o encontro com a leitura, mas no como se torna impossível não escutar os campos da experiência da vida.

Com essa sensação de que deveria pensar mais nesses campos, cujas relações, também, têm a ver com vazios, prossigo viagem rumo ao cenário e espaço desta pesquisa e, em diálogo com ideias de quem tem pensado a leitura como uma tessitura, vou ao encontro das circunstâncias históricas e sociais onde os leitores se encontram inseridos:

Acredito que a leitura tem uma dupla força: além de ser uma ferramenta que habilita o sujeito a adentrar o conhecimento, devolve-lhe sonhos, fantasias e desejos que alimentam sua alma. No entanto, mais que um desejo, isso implica numa postura de compromisso permanente com políticas públicas de leituras [...] (CORDEIRO, 1992, p. 101).

Asseguro-me dos eixos temáticos, aportes dessa viagem, tanto a formação, quanto a leitura, e, de posse desse referencial, preparo-me para adentrar os espaços e cenários da pesquisa em lugares citadinos e rurais pelo diálogo com a leitura, seja para chegar ao conhecimento, seja como alimento à alma, conforme pude averiguar no contato com as narrativas de leitura dessa pesquisa, questão a ser enfatizada em outros textos desse estudo.

## **Capítulo II**

# **O CAMINHO SE FAZ AO VIAJAR: cenário e espaço da pesquisa**

---

[...] Tens uma linda história,  
Um passado de glória  
Que nos faz orgulhar  
Teu valor proclamar!  
Aqui exultaremos,  
Com viva emoção,  
Teu nome!  
Entre as mais  
Cidades do Sertão  
Tu tens a liderança  
(Destas plagas sertanejas)  
Como galardão! (PITA, 2001, p. 9).

## 2.1 Caetité, pelos espaços de leitura, o encontro com a BMAT

“Hino a Caetité”, datado de 12 de agosto de 1962, eu o escolho como epígrafe, para me inspirar em palavras dos vários escritores que exaltam a cidade de Caetité. Pita decanta o lugar, as pessoas e as relevantes histórias dessa cidade pioneira no Alto Sertão da Bahia. Na busca de caracterizar o lugar, onde se localiza o espaço empírico desta pesquisa, sigo viagem por essa região, no sudoeste baiano, Alto Sertão Baiano, distante de Salvador, 757 quilômetros, e, ao cruzar os dados com outros registros que encontro sobre Caetité, vou dialogando com feitos caracterizadores da cidade, liderança na região.

Com essa ideia de falar do cenário, não penso em ser mais uma a exaltá-lo, mas quero discutir presenças e ausências, como marcas das histórias de leitura, pela possibilidade de voltar no tempo e contextualizar a cidade<sup>22</sup>. Para Santos (1976), a grafia primitiva era Caitaté, palavra de origem indígena, a qual significa Mata da Pedra Grande (CAA-mata, ITA-pedra, ETÊ-grande), alterada depois da criação da vila (Caeteté); a partir do século XX, tem a grafia oficial, ou seja, Caetité. Por essa reconstrução, chego ao período da criação da vila, chamada *Villa Nova do Príncipe e Santana de “Caitaté”*, no ano de 1803, e da elevação a cidade, no ano de 1867<sup>23</sup>.

Embora esse feito seja datado do século dezanove, a origem da cidade está ligada ao século dezoito, possui, por isso, uma documentação significativa referente à história, como marcos, a exemplo do lugar do Pelourinho<sup>24</sup>. Por haver, então, ocupado um papel de destaque na vida econômica, social, política e cultural da Bahia, principalmente na segunda metade do século XIX, período em que muitos caetiteenses se destacaram no cenário regional, estadual, nacional e até mesmo

---

<sup>22</sup> Cf. Ref., SILVEIRA, Jorge Fernandes da. “Casa, cidade e nação: lugar ou impossibilidade?” (ABRALIC, 1999).

<sup>23</sup> Projeto de implantação do Arquivo Público Municipal de Caetité /BA e do Museu de Cultura Popular de Caetité – julho de 1997.

<sup>24</sup> Santos (1976), informa que o Pelourinho foi levantado no mesmo ano da criação da vila, ressaltando que não se sabe, de fato, quantos foram às execuções; enfatiza, porém, a do escravo que assassinou o Dr. César Zama em 1834. Destaca também o processo de abandono desse marco e da reconstrução da Praça da Catedral em 1991, ocasião em que se fez, segundo a autora, um singelo monumento.

mundial, como se pode verificar a partir da história do educador Anísio Teixeira, Caetité possui um acervo cultural que expressa a necessidade de leitura, tanto pelas narrativas, quanto pela arquitetura de traços ainda coloniais, com suas casas simples e seus casarões.

Algumas dessas construções têm sobrevivido à ação do tempo, devido a projetos de restauração, sendo cartões-postais da cidade, como a Casa de Câmara e Cadeia, símbolo do poder colonial de Portugal: “[...] Em Caetité, a Casa de Câmara e Cadeia teve sua construção iniciada no período colonial (1812) e concluída no Império (1841) [...]” (SANTOS, 2001, p. 162). De espaço de relevância política, após restauração, em 1996, pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (IPAC/Bahia), o prédio, a partir de projetos idealizados por professores da UNEB, passa a ter outros significados pela discussão de preservação patrimonial e cultural da cidade. Passa, então, a ser arquivo e divulgação de fontes, tanto para as pesquisas, quanto para ampliar as estratégias de preservação dos documentos regionais e incentivar novas ações, como a organização da Associação de Amigos do Arquivo Público Municipal de Caetité.

Nessa mesma linha de discussão, começam a despontar projetos de preservação de espaços patrimoniais para ressignificar espaços, como a Casa do Barão, indicativos de novos estudos para a conquista de centros culturais que possibilitem o diálogo com os tempos.

Ao que parece, uma grande parte da população, diante dessas ações, consideram-nas como presenças para a região, por outro lado, enquanto ausências, outra parte, omite-se diante do abandono a alguns espaços patrimoniais ou na convivência com a demolição de outros, hoje, vistos apenas pelas imagens pintadas ou fotografadas, as quais, também, têm servido para pensar as histórias culturais de outras épocas da cidade.

O Teatro Centenário de Caetité, por exemplo, agora é visto, apenas, pelas fotos. Outrora, em meados do século vinte, já foi lugar cultural em que se fizeram possíveis as práticas de leituras pelo ato de representar, produzir, encenar peças teatrais e a elas assistir, como a peça “Gonzaga e a Inocência Perseguida”, drama representado por alunos da cidade, no dia da inauguração do teatro. Em plena repercussão da Semana de Arte Moderna, Teatro Municipal de São Paulo,

acontecera, também, no ano de 1922, a inauguração do Teatro Centenário de Caetité para a continuidade das práticas teatrais já presentes na história da cidade.

Com essa ideia das histórias de leituras locais, chego ao romance “Lavras Diamantinas”, escrito em 1870 e publicado em 1967. Nele, encontro, pela apresentação produzida, em 1965, por Maria Theodolina Neves Lobão, filha do autor do livro, o poeta e prosador, Marcelino José das Neves, as referências à época em que o país era agitado pela “Guerra do Paraguai” e, em contato com esses escritos, observo, pela forma de decantar a cidade, o anúncio do espetáculo de sucesso “O Designado”, também de autoria de Marcelino José das Neves, o qual faz alusão ao período da guerra, homenageando a sua mãe pela formação recebida. Com esse material em mãos, vou comparando com outros registros de leitura de autores atuais para compreender o diálogo das narrativas dos diversos tempos.

Em consulta aos escritos de Santos (1976), observo que o teatro em Caetité é uma atividade bem antiga, começando pelas ruas ou nos quintais com palcos improvisados, sendo o do militar Bramon o mais remoto, desenvolvido em local com toldos de palha<sup>25</sup>. No comentário encontrado no jornal “A Penna” datado de 15 de junho de 1916, a filha do artista amador, Hismenia dos Santos Bramon, era considerada a alma do teatro de seu pai. Conseguia, portanto, arrastar um grande público apreciador das peças teatrais, tanto as que eram produzidas, quanto as que chegavam à cidade.

Penso no nome do jornal, “A Penna” e começo a associá-lo ao vocábulo “*pena*”, significando possibilidades de leitura e de escrita, a caneta-tinteiro e o jornal, enquanto instrumentos de leitura e veículos de formação e informação, como o jornal para a população regional nessa época principalmente: “Um atestado de amor à

---

<sup>25</sup> Cf. Ref., Santos (1976), diz que em 1859, chegado ao sertão, o militar Bramon, com filho e filha “Ismênia”, sendo artista amador, arranhou local certo para as representações teatrais. Do quintal na rua 2 de Julho, surge por intermédio de jovens amadores o Teatro União num terreno na Rua Barão (duas pequenas salas, no quintal, o palco, coberto de telhas e a platéia coberta de palhas). Daí surge o Cine Teatro Vitória, passando a ser chamado de forma irônica, pela construção abandonada e coberta pela hera nativa da região “são caetano” de Teatro São Caetano. Na época, o jovem Plínio de Lima, formado em Recife e com o ideal de construir um verdadeiro teatro chega para continuar as iniciativas culturais, contudo, a morte precoce, desse poeta, ano seguinte, levou o projeto ao abandono. As representações continuaram acontecendo no São Caetano. Surge, posteriormente, o Teatro 2 de Julho (pela fundação da sociedade dramática, adquire-se o prédio do Mercado Municipal que então era transferido para o largo do Alegre). Desse local, mais tarde, o Teatro Centenário foi edificado. Nessa mesma obra, que encontro essas referências das histórias culturais da cidade, vejo o registro de outras, como a música apreciada até o aparecimento da rádio, pelos Mestres da Música e pelas filarmônicas, sendo a primeira que se tem notícia, na região, a do fazendeiro José Simão de Matos, Lagoa do Timóteo, composta de escravos.

cultura deparava-se na existência de uma imprensa. Ocasão houve em que circulavam quatro jornais, quinzenais ou mensais” (NEVES, 1986, p. 07) <sup>26</sup>. Observo, ainda, que é do prelo desse jornal, primeiro do Alto Sertão da Bahia, que outros informativos menores de circulação local passaram a ser publicados: O Arrebol (de fundo espírita e do proprietário Antônio Marcelino das Neves), O Clarim, O dever, O Lápis (de críticas) e a Revista da Escola Normal (duração de dois anos).

Desses espaços culturais, chego ao de projeção de filmes, inicialmente, como atividade realizada no espaço do Teatro Centenário de Caetité<sup>27</sup> e, agora, o Cine Teatro da Casa Anísio Teixeira. Em contato com essas iniciativas, encontro a continuidade no desenvolvimento da imprensa na cidade, os jornais e revistas locais, como os que circulam na atualidade<sup>28</sup>, mas também os vazios no sentido de pensar uma comunicação mais fortalecida nessas terras. Em sintonia com esses espaços, lembro-me dos diversos instrumentos de leitura, desde as primeiras possibilidades até a tela do computador, na contemporaneidade, para pensar as práticas culturais de leitura, especialmente, em lugares desafiadores, distantes dos espaços legitimados e compreendo melhor o porquê da valorização das iniciativas para revitalizar os espaços, como o jornal “A Penna”, hoje digitalizado e disponível para as pesquisas no Arquivo Público Municipal de Caetité.

---

<sup>26</sup> **A Penna**, o principal, que dispunha de oficinas gráficas; fora fundado no final do século 19, em 1897, sujeito a uma interrupção de suas edições, que se restabeleceram em 1911. **A Penna** era filha dileta de um idealista, o João Gumes, que com seus filhos manteve viva a empresa, dispondo de um velho prelo. O espírito de progresso levou-os à aquisição de uma máquina rotativa “Marinoni”, provavelmente descartada, como superada, na Capital. (1986, p. 07, grifos do autor).

<sup>27</sup> Conforme Koehne (2003), o primeiro cinema em Caetité, chamava-se “Íris”, do proprietário Silvestre Mesquita. Com filmes ainda mudos, havia um fundo musical executado por músicos da cidade. Sendo comprados, havia exageradas repetições das fitas, como o filme “A mala encantada” de propriedade do Monsenhor Bastos, o qual, nos festejos de São Luís Gonzaga, não só exibia esse filme, como também garantia o passeio pelas ruas da cidade no seu automóvel, o calhambeque. “Bandeirantes do Norte” foi o primeiro filme falado e exibido na cidade. Depois desse cinema, vieram outros como o Cine Caetité do proprietário Gildásio Gumes, vendido em seguida para Germano Gumes, passando a receber o nome de Cine Boulevard. Com a concorrência – Cine Vitória – de propriedade de D. Maria Pinho, o cinema anterior foi transferido para a cidade de Guanambi. Nos anos 70, houve exibições de filmes no Instituto de Educação Anísio Teixeira e, posteriormente, em 1976, aconteceu a instalação do Cine Teatro Pax, tendo maquinário de 35 mm. O primeiro filme exibido nesse cinema foi “A Queda do Império Romano”, cujo sucesso exigiu ser reprisado na mesma noite. Na década de 80 foi fechado, tendo, apenas, esporadicamente, algumas raras exibições. Em 2001, inaugura-se o Cine Teatro da Casa Anísio Teixeira com projeção de filmes para públicos infantis e adultos e sessões para os finais de semana.

<sup>28</sup> O jornal “Tribuna do Sertão” (fundado em 1985), o jornal “A Folha Caetiteense, informação, cultura, história”, publicação mensal, e a Revista Imagem (da Editora Imagem Ltda.), são publicações representativas da imprensa na atualidade.

Nessa ideia de pensar, preservar e estimular a produção literária e cultural da cidade e região, em consonância com entidades afins de outros lugares do território nacional, falo da criação da Academia Caetiteense de Letras<sup>29</sup>, com atividades culturais de leitura, como a revista *Selecta Acadêmica* e o livro “Broto”, coletânea de textos de autores locais. Em contato com essas narrativas de leitura, penso na ideia do viajante-leitor contemporâneo, marcado por limitações e em busca de outros valores<sup>30</sup> e, como pesquisadora, ora nômade, ora filha adotiva do lugar a que um dia cheguei para dar continuidade aos estudos, entrelaço histórias da cidade, trazendo registros do que constituiu histórias minhas e de outros, como os CPs e os que encontro, nesses lugares, revelando o que se vê nessa região sertaneja.

Com essa ideia, trago o fragmento das narrativas de leituras de uma das CPs, ao falar de si pelo poema intitulado “Saiba um pouco de mim”: [...] Nasci em Caetité, terra de educação, no distrito de Maniaçu, povo de muita animação. Adoro Riacho da Vaca, gente de bom coração. Nasci em Caetité, numa noite de luar, [...] (Silvanete). Ao falar de si, Silvanete traz o lugar onde nasceu, parecendo revelar seu pertencimento pela região onde se encontra inserida, ou seja, Caetité<sup>31</sup>, (Maniaçu, Riacho da Vaca).

Para ampliar as informações sobre esse cenário, recorro a Gumes (1975), que, em seu livro “Caetité e o Clã dos Neves”, descreve e localiza a cidade, no Planalto Central, na vertente oriental da Serra Geral e destaca o território pertencente às bacias hidrográficas do Rio São Francisco e do Rio de Contas. Refere-se às montanhas existentes em sua maior parte, destacando a Chapada Diamantina que atravessa de sul a norte o município, e, ao falar da flora, reconhece-a diversificada, de acordo com a composição do solo, designando a região como lugar de reservas naturais. Com essa ideia de caracterização do cenário da

---

<sup>29</sup> Cf. Estatutos, Art. 1º, com sigla ACL, constituída em 07/09/2001, a entidade, sem fins lucrativos, elege as categorias de patronos e acadêmicos e começa a funcionar com 35 pessoas, os acadêmicos, representando 35 patronos, como Aristides César Spinola Zama, João Antônio dos Santos Gumes, representantes dos que deixaram marcas de sua participação cultural na cidade, e, com eles, os acadêmicos têm procurado dialogar com as leituras da história de Caetité em consonância com as leituras contemporâneas.

<sup>30</sup> Cf. Ref., SOUZA, Eneida. “O não-lugar da literatura”, (ABRALIC, 1999).

<sup>31</sup> De acordo com Pires apud Azevedo (1980, p. 38) “[...] A Serra geral já estava ocupada, desde meados do século XVII, pelos currais do Antônio Guedes de Brito, fundador da Casa da Ponte, mas a criação extensiva de gado não propiciou o aparecimento de aglomerados urbanos importantes. Este fato só se concretizou com o fluxo e refluxo de garimpeiros que se iniciou no século XVIII, entre a Chapada Diamantina e as lavras de Minas Gerais, em decorrência da descoberta do ouro baiano. Caetité, situada à margem da mais importante estrada que ligava estas duas regiões, tornou-se ponto de parada obrigatória. Mais tarde, descobriu-se ali ouro e até diamantes”.

pesquisa, escolho demonstrar a região pelo mapa referente ao sertão produtivo da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), anexo B, já anunciado na introdução deste trabalho.

Entre informações do espaço da pesquisa e os que decantam o lugar “Caetité, Pequeninina e Ilustre<sup>32</sup>” encontro, nessa viagem, referências locais, tanto de épocas distantes, quanto as de agora, observando a procura do lugar para fins educacionais, denominando o espaço como referência da região. Deparo com documentos históricos, como o livro *Teodoro Sampaio e a Chapada Diamantina*<sup>33</sup>, e constato, pelos escritos da cidade, a idealização do lugar: “Caetité apresenta aos viajantes um aspecto de corte do sertão. Há aqui uma boa e culta sociedade, muita urbanidade e delicadeza na gente do lugar” (FERNANDES NETO, 2005, p. 32).

Vejo que não é época mais de corte, nem de reis, todavia as marcas da existência de coronéis e barões levam-me a pensar os diversos tempos dessa cidade: “As disputas políticas entre coronéis e as violências daí decorrentes grassaram nessa região nas primeiras décadas do século XX [...]” (ESTRELA, 2003, p. 61). Dialogando com a autora, ao pensar o tradicionalismo e a idéia de defesa da honra, observo os resquícios de práticas autoritárias. Por outro lado, do privilégio que, ainda, quer imperar, percebo, também, as possibilidades de desconstrução desses espaços ao me certificar da força dos que se adentram pelas terras sertanejas para contar, ouvir e fazer histórias, como as de Teodoro Sampaio.

Em viagem, apresento, por intermédio dos habitantes da terra que já descreverem o cenário dessa cidade, aspectos históricos e geográficos do local, para reafirmar os laços imbricados, a vivência cotidiana, decantada e descrita nesse lugar, desde tempos remotos. Para Gumes (1975), essas terras de planaltos têm como cobertura a vegetação rasteira, as árvores isoladas (cerrado) e a parte mais baixa, a caatinga e, nessa ideia de ser considerada “Princesa do Sertão”, trago o

---

<sup>32</sup>Cf. Ref., o livro da Professora Helena Lima Santos, fundadora da Escola Normal de Caetité, em 1926, é publicação bem conhecida na comunidade escolar, talvez por ser documento acessível para conhecer e relembrar a história do Alto Sertão da Bahia. Dentre questões históricas e geográficas da região, reconstrói os feitos da Caetité antiga, registrando marcas e pessoas que ocuparam papel de destaque na cidade.

<sup>33</sup> Cf. Ref., o livro é uma homenagem aos 150 anos de nascimento de Theodoro Fernandes Sampaio (1855-1937). Fernandes Neto, a partir de expedições, entre 2003 e 2004, com participação do fotógrafo Eduardo Peixoto, retrata a viagem pelo São Francisco e a Chapada Diamantina feita por Theodoro Fernandes Sampaio, com apenas 25 de idade.

olhar de quem decanta a cidade, evidenciando o espaço de privilégio, não só pelo fato de abrigar os que detinham o poder, mas também porque as instruções só chegavam aos particularizados como as famílias dos poucos, os considerados nobres: “[...] no seio das melhores famílias, educavam-se as môças com extremo esmero as quais, além de outros dotes e prendas, não raro liam e falavam além de ótimo português, o francês, língua oficial”. (LOBÃO, 1967, p. 5).

Fico pensando o local como espaço de viajantes e, ao falar em origem da localidade, quis trazer a diversidade cultural para o diálogo com os tempos atuais. Desse lugar de passagem, observo os que fincaram morada, por razões diversas, como as educacionais, e observo, também, os que procuraram e ainda procuram essa região para fins de exploração das reservas de minérios, jazidas de urânio, ametista, manganês e ferro (esta descoberta no começo do século). Embora esse não seja objetivo do estudo, considero importante fazer essas leituras para fins de compreensão do cenário da pesquisa, sendo possível falar desse campo paradoxo, entre presenças e ausências e de contradições sociais e econômicas.

Pela contextualização do espaço referente à cidade de Caetité, deparo com as atividades culturais, religiosas e educacionais, marcas históricas de Caetité, a antiga e a atual, como o “Dois de Julho”<sup>34</sup>: “A festa descamba para o lúdico, assim como a sociedade brasileira e a baiana, em particular, também. Tudo nos leva a crê que as pessoas estão buscando no entretenimento um bálsamo para as tensões do cotidiano [...]” (MENDES, 2002, p. 15). Ao trazer as tradições da cidade e as perdas culturais, como a falta, nos desfiles atuais, de poesias e dos inflamados discursos, o historiador fala dos fatos, revelando saudosismo pelos tempos passados.

Não abandono essa ideia dos que decantam a cidade e, pelas lembranças, trago as primeiras viagens que fiz por essas terras, deparo com a diversidade cultural, as instituições, o patrimônio arquitetônico e as histórias de leituras como presenças singulares, dessa terra histórica, inclusive pelos festejos do “Dois de Julho”, em que nem mesmo a garoa fria impedia as pessoas de sair às ruas para

---

<sup>34</sup> A comemoração ao “Dois de Julho”, conforme Mendes (2002) surge, após expulsão dos portugueses de Salvador, em 02 de Julho de 1823. O Major Silva Castro e Marcelino José das Neves, personalidades que estiveram na Guerra da Independência da Bahia, logo vieram para Caetité, podendo ter sido os introdutores dessas comemorações. Mendes destaca que, em 1884, já existia na cidade uma comissão permanente para os festejos dessa data, presidida por João Antônio dos Santos Gumes, e ressalta a importância dos festejos que acontecem, até hoje, pelas ruas da cidade com essa ideia de discussão da Independência da Bahia.

desfilar ou para apreciar as atividades históricas e culturais. Com essas lembranças, pela história local, penso a necessidade de maiores iniciativas para a implantação de políticas de garantia do patrimônio cultural e arquitetônico da região e, no diálogo com as histórias, tidas como espaço para o dinamismo da cidade, vejo-as imbricadas com a religiosidade.

Falo da religiosidade não apenas pela referência ao começo do lugar, seja pelos missionários, seja pelas igrejas, sendo as mais antigas, ainda, espaços ativos na cidade<sup>35</sup>, mas também pelas ações atuais, em que essa religiosidade garante, pelas festas, a mobilização de grande parte da cidade, a qual, conforme temática previamente estabelecida pelos coordenadores dos festejos, discute as histórias bíblicas em sintonia com outras histórias. No período natalino, por exemplo, os visitantes procuram a cidade e, no encontro com parentes e amigos, realizam os festejos, como o de Reis. Para concluir o período natalino, os Ternos de Reis que atuaram na zona rural, encontram-se em Caetité, demonstrando as ações de cada grupo e, com bandeiras coloridas, trazem, da oralidade local, suas representações culturais, parecendo querer, como premiação, o reconhecimento dessa manifestação.

O lugar empírico desta pesquisa, também, tem participado desses festejos. Desde o primeiro encontro de leitura realizado no lugar, encontro referências ao seu Terno de Reis. Por ele, eles tocaram, cantaram e dançaram, conforme refrão: “25 de dezembro, quando o galo deu sinal, ai, meu Deus, que nasceu o menino Deus, numa noite de Natal, ai meu Deus [...]” (Elenilde e Silvanete)<sup>36</sup>. Assim, pela mistura de religiosidade e cultura, as festas, especialmente, as católicas, que mobilizam grande parte da população da cidade, o religioso e profano têm ocupado espaços

---

<sup>35</sup> Cf. Ref, Santos (1976), a antiga matriz de Santana tinha duas torres, cinco janelas e cinco portas de frente; depois de reformas, inclusive para buscar mais espaços para os devotos, como a reforma de 1990, toda a igreja foi rodeada de grades, jardins dos lados. Nos festejos da padroeira, todos os anos, no período de 17 a 26 de julho, os encontros religiosos dialogam com as leituras culturais da cidade. Além dessa igreja, outras, como a de São João, construída por um devoto nos anos de 1874 a 1875 e a de São Benedito, situada na Rua Barão de Caetité; foi construída pela avó do Barão, Emerenciana Gomes, anos de 1831 a 1836. A autora registra também outra informação, de que essa construção possa ter sido recomendada pela mãe do Barão, Antônia Sofia Gomes. Faz, ainda, referências a outras capelas situadas nos bairros de Caetité e algumas não católicas como: Igreja Evangélica Presbiteriana (a mais antiga, construída por missionários norte-americanos em 1912); Assembleia de Deus, Igreja Cristã do Brasil, Igreja Adventista da Reforma, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Presbiteriana Renovada, Testemunhas de Jeová, Igreja Batista, dentre outras. Na linha espírita, destaca: Centro Espírita Aristides Spinola (1905) e o Centro Espírita Rita Irlanda de Carvalho.

<sup>36</sup> Diário de registro dos encontros de leitura da pesquisa, dia 08/01/2008.

culturais da cidade, os quais parecem esperar estudos que favoreçam o diálogo com outras culturas.

Talvez pela ausência de mais pesquisas nessas áreas a idéia ufanista de cidade seja visível e sem discussões maiores. Como em muitas outras cidades, nos últimos anos, numa ação desafiadora, surgem as festas massificadas, as micaretas, por exemplo, oriundas de outros espaços culturais legitimados e chegam parecendo impor esse novo jeito idealizado para a diversão. Se, de um lado, há os que querem repetir feitos grandiosos e, por falta do envolvimento reflexivo com a causa histórica, patrimonial, cultural, suas leituras não evidenciam o engrandecimento sócio-histórico, cultural e educacional da região, por outro lado, as entradas das culturas massificadas chegam, ocupando espaço, exercendo poder de dominação.

Em meio a esses desafios, pensar estratégias de diálogo entre presente, passado e futuro, especialmente em cidades como Caetité, para discutir memórias citadinas e rurais, parece ser uma tarefa de urgência, no sentido de investigação das histórias de leitura, somando forças com as poucas pesquisas já existentes sobre a cidade. Em viagem, em contato com iniciativas de difusão da leitura em espaços culturais da cidade de Caetité, posso falar em presenças, observando a relevância da Escola Normal de Caetité, espaço antigo de cultura regional, conforme trecho do discurso proferido por Anísio Teixeira: “[...] Caetité foi escolhida para construir o centro de uma vasta zona sertaneja em matéria de ensino público [...]” (SOUZA, 2005, p. 79). Ao pensar as narrativas de leitura e suas relações com as questões sociais, apresento indagações do tipo: quem tinha acesso aos espaços culturais, quem era considerado leitor na época, enfim, o contexto da cidade.

Penso nas iniciativas culturais e, ao identificá-las, atento-me ao ato de ler e a constituição leitora do lugar desta pesquisa. Entre presenças, como as práticas de leitura de uma cidade com longa história, falo também das ausências, pelas lembranças. Desse lugar, encontro-me com as difíceis relações cotidianas referentes ao ensino-aprendizagem e tento associá-las aos ideais de Anísio em defesa de escola pública, gratuita e de qualidade e, até mesmo, em espaços considerados de todos, como a escola pública da cidade, a qual, de fato, garantiu instrução a pessoas das diversas cidades.

Pelo entrelaçar das histórias, chego aos que escolheram Caetité como moradia fixa ou temporária por razões de estudo e vejo-me em contato com as

primeiras experiências de viagens à cidade, década de 70, época em que no ir- e - vir, entre o lugar de estudo e o lugar em que nasci, pude dar continuidade à escolaridade. Por essas experiências, falo do lugar, tanto para a acolhida, quanto para o afastamento dos que aqui chegavam e, diante dessas histórias, recorro a registros históricos do lugar, para pensar o ensino fundamental e médio de espaços educacionais de Caetité, como o Instituto de Educação Anísio Teixeira - IEAT<sup>37</sup>.

Pelas lembranças encontro outras vivências, como a relação com a família e a comunidade em consonância com a escola pelos colegas e estagiários no enfrentamento às dificuldades. Da mesma escola, dita para todos, talvez, por não haver na época ensino privado<sup>38</sup>, lembro-me dos colegas, das discriminações, seja na maneira de se proceder com o ensino-aprendizagem, seja nas escolhas por determinadas pessoas, cabendo aos que não se incluíam nesse espaço de privilégio, poucas alternativas, fazendo-me pensar o que hoje chamo de mundo compensatório, na identificação com as narrativas dos livros indicados, sobretudo as que pareciam mais próximas das dificuldades e, com histórias como a difícil trajetória do menino Zezé<sup>39</sup>, eu usufruía da convivência com pessoas e com os lugares de desafios.

---

<sup>37</sup> Cf. Santos (1976), o começo do ensino em Caetité tem relação com os padres portugueses e depois com as famílias instruídas que aqui procuraram abrigo, a exemplo dos Gomes de Azevedo, pelo pendor às letras, teatro e música. Com a criação, no início do século XIX, das Escolas Régias (latim, português, música, geometria e lógica) nesse Alto Sertão da Bahia, surge a primeira Escola Normal de Caetité, criada em 24/08/1895 e fechada em 29/12/1903, por motivos políticos. Da época, pelas dificuldades, tendo, somente, escolas. “As Escolas Primárias Estaduais que vinham do Século XVIII, registram-se as iniciativas privadas no ensino: Escola Americana em 1912 de missionários presbiterianos, depois o Colégio São Luís Gonzaga do padre Luís Pinto Bastos, vigário da freguesia padres jesuítas, expulsos de Portugal em 1910, a Companhia funda o Colégio na cidade em conexão com o Antônio Vieira de Salvador; depois veio o Colégio Imaculada Conceição, colégio em regime de internato, dirigido por freiras e fundado pelo primeiro bispo da diocese (Dom Manoel Raimundo de Melo – 1915/1925)”. Do colégio dos jesuítas, surge a Escola Normal (inaugurada em 21/04/1926), O governo, mais tarde, constrói os pavilhões Ruy Barbosa e Góes Calmon, dos quais, atualmente, só existe o Ruy Barbosa, onde está instalada a Câmara de Vereadores de Caetité. Em 1962, a Escola Normal é transformada no Instituto de Educação Anísio Teixeira, escola de formação de professores, um dos cinco Institutos de Educação da Bahia. Como é sabido, os outros quatro estão nas cidades Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Salvador. Na década de 70, o IEAT recebeu, também, os cursos profissionalizantes e atualmente funciona com o Ensino Fundamental e Médio (Normal Médio e a Formação Geral), tendo abrigado projetos de formação como o Logos II (década de 80) e o Proformação (no início dos anos 2000).

<sup>38</sup> O ensino privado é retomado na cidade, primeiramente para auxiliar na formação inicial e, no início da década de noventa, surge o Colégio da Cooperativa de Caetité, escola de ensino fundamental e médio, Colégio Mundo Colorido, Escola Carrossel, dentre outras.

<sup>39</sup> Cf. Ref., o livro “Meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos, destaca uma família paupérrima. O menino Zezé para superar a realidade difícil do mundo exterior cria uma fantasia, como conferir alma a animais e árvores, fazendo de um pé de laranja-lima seu confidente, falando-lhe de suas travessuras e dissabores. Para enfrentar o mundo adulto, considerado hostil, encontra afeto na figura substituta do pai, ou seja, o amigo Portuga. Assim, vive muito cedo o aprendizado da dor e da saudade.

Talvez tenham sido situações assim, como o conhecimento das narrativas de leituras, o que me favorecia abrir caminhos, para que novas relações acontecessem, inclusive para buscar outros espaços com atividades culturais da cidade. É com essas lembranças que não perco de vista as narrativas dos leitores do espaço empírico dessa pesquisa e, nesses espelhos, chego a outros espaços de leitura da cidade. O ambiente acadêmico, por exemplo, a possibilidade de envolvimento social, seja pela formação acadêmica, inicialmente, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caetité e, em seguida, a UNEB – Campus VI/Caetité<sup>40</sup>. Com a conclusão do Curso de Letras, reafirmo os propósitos com a formação de professores, já em desenvolvimento no IEAT, desde o começo do trabalho com o Projeto Logos II, na continuidade como aluna e professora do Magistério e, posteriormente, pela graduação e especialização. Com lembranças de projetos de leitura, desenvolvidos nesses espaços, chego à Casa Anísio Teixeira para falar, especificamente, da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira<sup>41</sup>.

O contato com projetos de leitura tem me instigado a pensar as narrativas de leitura dessa região, tanto nos espaços urbanos, quanto nos rurais e, ao trazer, o cenário de lugares como Caetité, talvez pelo fato de possuir uma população relativamente pequena, pela identificação das ausências, deparo com a necessidade de novas iniciativas para o enfrentamento do complexo papel acadêmico em

---

<sup>40</sup> Pela criação da Escola de Nível Superior, em 1977, Secretaria de Educação do Estado, o espaço é cedido para a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caetité, em 1980, vinculada à Secretaria do Ensino Superior da Bahia-SESEB. O funcionamento, porém, deu-se dois anos depois com o curso de Licenciatura Curta em Artes Práticas – habilitação em Administração Escolar, funcionando, provisoriamente, no IEAT. Em junho de 1983, incorporada à recém-criada Universidade do Estado da Bahia, passou a oferecer o curso de Licenciatura Curta em Letras. Com sede própria e novos cursos, em 1991, o curso é convertido em Licenciatura Plena, passando a oferecer habilitações em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Em 1997, atendendo às transformações no regime organizacional das Universidades Estaduais, ajustando-se à UNEB, dividida em áreas do conhecimento, surgem os vários departamentos. (Revista UNEB, set./2003).

<sup>41</sup> A Biblioteca Móvel está vinculada à Biblioteca Pública da Casa Anísio Teixeira e atua, prioritariamente, na zona rural, em classes multisseriadas. Não é, portanto, um trabalho desarticulado do projeto como um todo pertencente à Casa Anísio Teixeira. É uma extensão que está permitindo à comunidade em geral o acesso à cultura e à educação, além de despertar o interesse pela leitura e para o aprendizado. É um projeto que tem o patrocínio das Indústrias Nucleares do Brasil e do Programa de Incentivo à Cultura – FAZCULTURA – do governo do Estado da Bahia. O acervo é composto de mais de mil livros, periódicos, vídeos e CDs. Abrange todo tipo de literatura, inclusive a infanto-juvenil; há livros didáticos e obras de referência (Atlas, dicionários e enciclopédias); está equipada com computador, tv, vídeo e proporciona atividades de animação (contadores de histórias, oficinas de arte-educação, exibição de vídeos, teatro, músicas, empréstimo em domicílio, bem como a orientação de pesquisas em meios tradicionais e digitais. (Projeto da BMAT, 2000).

espaços distanciados dos centros de formação, tanto para o ensino, quanto para a extensão e pesquisa. Então, é com essa ideia que trago o espaço empírico da pesquisa, as escolas rurais “Janir Aguiar” e “Altair Públio”, localizadas nas comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola, respectivamente, quem sabe, para associá-las aos espaços já legitimados.

Saindo do contexto mais urbano, da sede de Caetité, lugar em que, pela possibilidade de revisitar os lugares de presença e de ausência, é possível falar em tesouros, pelos quais se tem a escolha de depositá-los em baús, para “traça” comer, ou deixá-los abertos, para serem revirados com o intuito de significação de outras vidas, preparo-me para apresentar os espaços rurais em que a BMAT atuou na constituição leitora desde o começo do seu projeto de leitura, ano 2000, chegando, especificamente, às escolas rurais, antes multisseriadas, “Janir Aguiar” e “Altair Públio” e, com essa ideia, prossigo viagem nesse intuito de querer revirar baús, pensando em tesouros e, também, na constituição leitora favorecida pela BMAT.

## **2.2 A constituição leitora da BMAT em escolas rurais de Caetité: espaço empírico e colaboradores da pesquisa**

Antes de mapear o espaço de atuação da BMAT nas escolas rurais do Município de Caetité e do lugar empírico da pesquisa, penso ser interessante falar da biblioteca itinerante, um instrumento de universalização da leitura, também, por constatar que a ideia da leitura itinerante não é uma invenção do mundo contemporâneo. De acordo com Saraiva & Lopes (1955), desde o século XVII, começa a manifestar-se a existência de um público diferente do público de salão. Em 1660 aparece o primeiro jornal diário, em Leipzig. Em 1815 há, em Londres, oito diários da manhã e oito da tarde, além de vários semanários.

Do progresso econômico, político e social da burguesia, origem do Romantismo, é que surge, também, apesar das censuras, a importância e a procura do livro e da formação de diversos públicos, podendo beneficiar-se do crescimento, pelas obras como Quixote, de Cervantes, as quais eram lidas oralmente e em círculos de ouvintes. A um público burguês e também popular a quem se destinavam os folhetos de cordel e por ele se popularizaram gêneros literários como o romance

picaresco espanhol, o desenvolvimento do romance alcançava uma população mais vasta e dispersa. Sendo os jornais, assim como os livros, relativamente caros, multiplicaram-se os gabinetes de leitura e, a partir de 1836, também o jornal tornou-se barato na Inglaterra e é desse período que se registram as experiências com a biblioteca ambulante: “[...] Aparecem também nos séculos XVIII e XIX, em Inglaterra e no Continente, as bibliotecas ambulantes e os gabinetes de leitura”. (SARAIVA & LOPES, 1955, p 708.).

Pela invenção da imprensa, através das tiragens dos impressos, as quais favorecem o seu acesso a novos leitores, tem um processo desafiador de constituição leitora. De certo avanço em relação ao período anterior à imprensa, tem-se o controle dos textos, em espaços vigiados pela censura do poder mandatário vigente, e o ato de ler é tido como privilégio destinado a um grupo restrito. Assim, de uma leitura que surge com o crescimento da burguesia, vai se expandido, passando por experiências diversas, levando-me a pensar qual deveria ter sido a primeira biblioteca.

Sem condições de assegurar a resposta, destaco, conforme Nóbrega (2002), a preocupação humana no sentido de organizar a leitura e preservar seus conhecimentos. Em diálogo com a autora, percebo que a noção de biblioteca vem do mundo grego e é antiga; a etimologia da palavra (em grego, *biblion* = livro; *théke* = caixa, armário) é reveladora de uma imagem a ela constantemente atribuída, um cofre que guarda a memória, o tesouro da humanidade, seu legado, sua herança aos homens que virão. A biblioteca, desta forma, é vista como um templo onde os segredos devem ser ritualizados e transmitidos para e por alguns poucos, a fim de que o mistério possa continuar.

Desse lugar, surge o avanço da leitura, pela invenção do papel e a invenção da tipografia por Gutenberg, uma verdadeira revolução para dinamizar a leitura. A partir do livro impresso, portanto, pôde-se falar em democratização e divulgação do conhecimento, pois a biblioteca passa a ser mais acessível, chegando à contemporaneidade, tempo em que a leitura é ato complexo, não só de utilização do livro e da biblioteca, mas como espaços maiores e mais desafiadores, no sentido de expansão da leitura e da escrita: “[...] Não ser avestruz, ser farol – o que ilumina o mar bravio para que os barcos possam saber dos rochedos, iluminando-se a si

mesmos, ao mesmo tempo, na escuridão. (NÓBREGA, 2002, p.127). Olho as bibliotecas fixas, itinerantes e/ou virtuais e chego aos desafios contemporâneos.

Entre possibilidades e impossibilidades no ato de realização de encontros de leitura, pela condição de valorizar não só os textos já escritos, mas também as narrativas encontradas na oralidade do sujeito-leitor, encontro ações da biblioteca querendo expandir-se como se ela tivesse quebrado suas paredes e, com essa ideia das leituras não armazenadas, aciono o desejo de expansão. No contato com a Casa Anísio Teixeira e a BMAT, observo melhor o projeto de leitura. Não se trata de proposta grande, talvez pela falta de pessoas mais engajadas com a causa de constituição leitora nas diversas localidades.

No entanto, o projeto político-social itinerante da Biblioteca Anísio Teixeira tem demonstrado engajamento com os leitores. Em contato com as escolas rurais do Município, conforme demonstrativo dos mapas (Anexos C até a letra I), referentes à itinerância da BMAT, desde o ano 2001, essa biblioteca vem acompanhando alguns espaços, como a sede do Município e as comunidades rurais, escolas selecionadas pelo programa de leitura e, entre relações citadinas e rurais, lugares revisitados, através das práticas culturais de leitura, vêm atuando a exemplo do espaço empírico desse trabalho, ou seja, as escolas rurais e multisseriadas, Janir Aguiar e Altair Públio, pertencentes às comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola.

A partir da contextualização, falo do processo de escolha dessas escolas, levando em conta a preocupação com questões como o fato de elas terem sido acompanhadas pelo programa de leitura da BMAT, desde o começo do projeto, da relativa história dedicada ao ensino multisseriado, da precária estrutura escolar e da localização na zona rural de Caetité. Como visitante, falo do que me instigou a pensar as relações pessoais e sociais nessa localidade e, nessa ideia de cruzamento das histórias minhas, das que leio e escuto sobre a comunidade, das que foram produzidas durante o processo de pesquisa, chego às primeiras visitas à região, década de 90, período em que a INB estava em processo de implantação do empreendimento de exploração de urânio.

Essas lembranças põem-me em contato com as dificuldades, com as incertezas e até com as expectativas do momento e com as discussões dos malefícios e benefícios de uma exploração de minérios.

Com a implantação do programa de leitura da BMAT, pela escrita de um artigo sobre a itinerância da BMAT, fui novamente visitar essas escolas, ocasião em que, no prédio da Escola Janir Aguiar, professoras e alunos se uniram a nós para a vivência do trabalho de leitura levado pela BMAT. Lembro-me da alegria contagiante ao acolher em a BMAT, as atividades desenvolvidas, como as cantigas de roda e as brincadeiras, e concluo que essas visitas me incentivaram a escolher esse lugar para a pesquisa. Outros fatores observados no local, como a falta de uma infraestrutura adequada e a ausência de benefícios necessários à vida contemporânea (luz elétrica, água tratada, postos de saúde, escolas, bibliotecas), foram levados em consideração ao definir o espaço de trabalho investigativo.

Desse lugar, talvez como contrapartida, falo de uma paisagem bela, mesmo com a escassez de água; nos momentos em que as chuvas vieram, conforme já me referi no diário dos encontros de leitura desta pesquisa, dia 22/01/2008, nessas circunstâncias, os campos se transformaram, parecendo querer confundir os que visitam essas terras e até os que aqui vivem em dificuldades, inclusive pela falta de água. As chuvas trazem fartura da terra, significam esperança para os moradores, os quais retomam suas ideias de valorização comunitária, fazendo-me lembrar as minhas narrativas e as de outros sertanejos das “Vidas Secas”<sup>42</sup>, os que fazem o caminho de frente ou o de volta, parecendo, todavia, não perder o desejo de viajar.

Dessa condição de itinerante, posso dizer que acolho a condição de mudanças para lugares em que na longa história, como os 24 anos de ensino da região, entre ensino multisseriado e o recente, meu olhar se estende ao espaço geográfico da região e encontro, pela força do poder político e econômico, os investimentos na busca das riquezas minerais.

Para a formação educacional, todavia, as iniciativas são pequenas, talvez, por isso, os comunitários têm acolhido a BMAT, patrocínio da INB. Com essa possibilidade, os moradores buscam dialogar com as manifestações culturais, histórias do local, cantigas de rodas, reisados, enfim as ações do saber, as quais vêm sendo passadas de geração em geração. Penso no funcionamento dessas escolas, turma multisseriada no matutino e a outra, no vespertino, compostas num

---

<sup>42</sup>Cf.Ref. O livro de Graciliano Ramos está presente nessas itinerâncias, pela trajetória das personagens Fabiano e os que integram sua família, nas dificuldades para fixação nas terras sertanejas, seja pelas terras áridas (especialmente o capítulo intitulado “Fuga”), seja pelo flagelo proveniente da abundância das águas (no capítulo “Enchentes”), nas duas situações, o sertanejo encontra-se como retirante.

total de 30 a 40 alunos cada uma, como descreveram as professoras, CPs. Deparo-me com os desafios enfrentados e a necessidade da prática da monitoria entre os alunos.

Dessas dificuldades, porém, o avanço qualitativo da escolaridade da região, pela parceria e pelo estímulo na continuidade dos estudos é evidenciado, não se pode esconder, no entanto, a infraestrutura precária, somente uma sala, quadro de giz e algumas carteiras improvisadas, sanitários desativados ao lado da pequena sala de aula e o lugar muito pequeno, sem o material escolar adequado. No largo onde se localiza essa sala, encontra-se a igreja católica, onde alguns moradores se reúnem. Outra parte da comunidade é adepta da igreja evangélica e, por não terem uma sede própria, fazem reunião na sala da escola.

Ao redor do largo, há casas de moradores, casas da comunidade para apoiar a organização dos comunitários, como a sede da Associação dos Comunitários de Riacho da Vaca. Ao nuclear as classes multisseriadas (projeto da Secretaria de Educação do Município)<sup>43</sup>, a situação parece agravar-se, não só pela perda da função escolar, mas também pela falta de alternativas, no sentido de beneficiar a comunidade. Entre perguntas e tentativas de respostas, as leituras feitas do caminho não desejado e das margens do caminho passam a significar leituras relevantes para a compreensão dos diversos espaços da leitura. Desse lugar, reafirmo as ausências referentes à educação, encontro os interesses econômicos que se sobrepõem aos educacionais e, com essas constatações, chego às falas das

---

<sup>43</sup> Cf. Relatório de Atividades, ano 2005, o qual prevê metas para o período de 2005 a 2009 (reduzir a 10%, no máximo, as classes multisseriadas; reduzir os índices de evasão e repetência para, no máximo, 10%; promover a inclusão e permanência dos alunos portadores de necessidades especiais na Rede Regular de Ensino; ampliar o acesso e melhorar a qualidade do atendimento educacional à população de 04 a 06 anos; impulsionar a universalização do acesso ao Ensino Fundamental; assegurar oportunidades educacionais apropriadas aos jovens e adultos, proporcionando a formação básica do cidadão, e assegurar investimentos na formação continuada dos profissionais da Educação), “das 236 classes multisseriadas” - ensino rural do Município, ano 2003 - a Secretaria de Educação do Município, referindo-se à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9394/96), justificou a nucleação dessas classes multisseriadas ao transferir a comunidade escolar para as escolas maiores e com classes seriadas e, no caso dessas escolas do lugar empírico da pesquisa, para o distrito de Maniaçu. Para isso, a Secretaria garante aos alunos e professores das antigas escolas multisseriadas o transporte diário e o acompanhamento pedagógico. Das 236 classes identificadas no ano de 2003, agora em 2008, restam 10 classes. Vale salientar que essa nucleação se deu da seguinte forma: entre 2004 e 2005 foram nucleadas 99 turmas; em 2006, existiam 40 turmas multisseriadas, e em 2007, 20 classes, chegando às quinze classes, cuja manutenção, ainda perdura, segundo informações da Secretaria do Município, porque essas classes se localizam bem distantes das escolas polos, mapeadas na nucleação planejada. A coordenação informou, ainda, que a nucleação total das turmas poderia descaracterizar ainda mais o perfil identitário das comunidades onde se localizam as classes multisseriadas, a ideia é aguardar a ocasião mais oportuna para incluí-las nas metas traçadas para reduzir a multisseriação no município.

professoras e alunos que hoje viajam até o distrito de Maniaçu para a continuidade da formação educacional.

Dialogo com Pinho (2004), ao discutir qualidade do ensino e a necessidade de compreensão das classes multisseriadas do meio rural, questionando os motivos de querer superá-las. Mesmo sem respostas para o momento, destaco a relevância dessa discussão, ao pensar o ensino rural como uma construção parceira. Nessa escuta, observo o que já se fez e se faz em lugares com longas datas dedicadas a esse tipo de ensino. Com as narrativas dos leitores do espaço da pesquisa, deparo-me com as possibilidades de leituras, e, em tempos de empreendimentos e da alta tecnologia, penso não serem isolados ou de difícil acesso os diversos lugares. Na escuta às questões que surgem, como o que fazer com os espaços dessas escolinhas que foram desativados nessas comunidades e por que não se pensar essas perdas para a região, vou sinalizando preocupações com as práticas educacionais.

Recorro às ideias de teóricos como Teixeira (1997), para pensar ações pedagógicas aligeiradas e o desenraizamento das crianças bem envolvidas com o ambiente familiar e rural em que estão inseridas. Com esse propósito, focalizo não só a falta de profundidade na reflexão do processo de ensino, mas também a necessidade de se pensar a singularidade do meio rural e não, simplesmente, implantar aí a mesma escola que é desenvolvida na cidade. Dessas leituras percebo as possibilidades adequando-se para a formação educacional das pessoas, tanto as que vivem no meio rural, como as que vivem na cidade, constituindo opções pertinentes, de acordo com a escolha de cada pessoa, sem contar que, havendo maior assistência ao meio rural, muita gente que vegeta nas grandes cidades, poderia viver, com qualidade, em comunidades rurais deste imenso país.

Em diálogo com esses estudos, entendo os moradores rurais que ainda resistem e optam por ficar em suas comunidades, lutando, inclusive, para conservar as mínimas conquistas educacionais já adquiridas junto ao poder municipal, até mesmo as escolinhas multisseriadas, entendendo que elas representaram e representam uma forma de contato com o poder público. Em contato com o cenário diversificado da pesquisa, com área rural relativamente grande e as escolas multisseriadas já sendo incorporadas no processo de nucleação, ao dialogar com ideias de quem questiona esse fato, principalmente quando a troca é somente para

substituição do multisseriado para a estrutura seriada urbana, vou sinalizando essa ideia de suscitar a discussão entre os que pensam a educação somente pelo modelo seriado<sup>44</sup>.

Com esse pensamento, encontro-me na escuta e vejo as duas professoras, também CPs, no enfrentamento do começo do trabalho, as preocupações com as classes multisseriadas. Pelas lembranças, eu as visualizo em meio às dificuldades para a busca de formação, quando enfrentaram sol e chuva até a cidade de Caetité para participarem de projetos de formação continuada, como o Projeto Logos II, do qual participei como auxiliar na orientação e supervisão docente, e, mais tarde, o Programa de Formação de Professores em exercício<sup>45</sup>. Essas falas evidenciam não só o envolvimento com o ensino multisseriado, mas também revelam o quanto a experiência pôde garantir-lhes a segurança no fazer o pedagógico.

No enfrentamento de outros desafios, como os novos alunos e as experiências em comunidades maiores, já se faz possível fazer comparações entre uma situação e outra; elas revelam, não só expectativas, mas também a estranheza, ao se depararem com questões de perdas nas relações de ensino e de aprendizagem, suas conversas são representativas de indicativos para se pensar melhor a implementação de novas propostas educacionais, talvez para que os resultados não venham a surpreender os que pensam a educação para as escolas espalhadas por lugares tão diversificados.

Desse contexto, em meio às lembranças, entrelaçando histórias, e diante da educação no meio rural, dialogo com ações observadas nas Escolas Famílias Agrícolas, as quais têm revelado significados da prática pedagógica na Bahia. Em contato com elas, através do programa de graduação de professores em exercício para monitores das Escolas Famílias Agrícolas da Bahia (AECOFABA) e os da Rede das Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi-árido (REFAISA), anos de 2003 e 2004, pela possibilidade de coordenar o Curso de Letras na cidade de Riacho de Santana – Bahia, talvez pela sistemática dessas escolas e pela troca das instruções, chama-se atenção as atividades de formação, tanto na família, quanto na vivência da prática pedagógica.

---

<sup>44</sup> Cf. Ref., ARROIO, (1999).

<sup>45</sup>PROFORMAÇÃO – Ensino e Aprendizagem. Brasília – 2000. FUNDESCOLA – SEED/MEC.

A ideia de Pereira (2008), evidencia a discussão, ao falar de práticas educativas, territórios e biografização, as reflexões a partir da educação rural, a especificidade de um lugar associada à ideia de território, considerando território tanto o rural, quanto o urbano, central ou periférico, para trazer o específico (atores locais, suas dinâmicas, a história do lugar) não só como um compasso a ser assumido pela escola rural, mas também como um desafio a ser enfrentado pelas diversas práticas escolares, tanto as que estão na cidade, quanto as que se encontram em ambientes rurais.

Essas discussões foram me instigando a pensar os lugares e suas complexidades, sem apontar idealizações por determinado lugar, mas, sim, as alternativas no enfrentamento dos desafios cotidianos. Então, com o planejamento dos encontros de leituras desta pesquisa, já em contato com o lugar empírico da pesquisa, aciono o registro das informações dos diários referentes aos dias 18, 21 e 28/12/2007 e vou-me certificando de que os alunos das escolas Janir Aguiar e Altair Públio, acompanhados pela BMAT, desde o ano 2000, hoje, em séries diferenciadas nas escolas de Maniaçu, seriam os leitores indicados para integração do grupo de pesquisa e, pelo entrecruzando com as minhas histórias e com as dos CPs, fui trazendo pessoas e lugares, dos diversos espaços, tendo como prêmio o desfrute das belezas desses lugares, cada um com sua singularidade.

Elenco, portanto, os detalhes a respeito desses leitores da BMAT, falando de como se deu a escolha para organizar o grupo. Estabeleço critérios para escolha dos CPs, como observar o fato de cada integrante desse grupo ser leitor da BMAT, ou de ter sido durante o período em que a biblioteca fez a formação leitora nas escolas multisseriadas do município de Caetité, ou seja, desde o ano 2000, e, assim, defino o *corpus* da pesquisa, constituído por 25 leitores.

Ao fazer contato com a Casa Anísio Teixeira e a Secretaria de Educação do Município de Caetité, fui me aproximando mais das professoras da localidade<sup>46</sup>, as quais foram importantes para que a seleção dos colaboradores do estudo empírico levasse em consideração o fato de o grupo ser bem diversificado. Pelos primeiros textos recolhidos, encontro outros traços dos 25 colaboradores, onde identifico que todos são moradores das comunidades de Riacho da Vaca e de Carambola, 16

---

<sup>46</sup>Irene Maria de Carvalho Moura e Maria Aparecida Trindade (Professoras e moradoras das comunidades Carambola e Riacho da Vaca desde o começo das escolas Janir Aguiar e Altair Públio).

mulheres e 09 homens, sendo 22 ex-alunos das escolas multisseriadas. Ao lado deles, a agente de saúde que atua na região, também dirigente da comunidade, a qual quis fazer parte da pesquisa. As professoras que atuaram no ensino multisseriado do local, foram incorporadas e, assim, o grupo foi definido.

Dos alunos que foram acompanhados pela BMAT e com uma faixa etária entre 09 a 30 anos, vou identificando especificações: 03 cursam a quinta série, 03 a sexta, 05 a sétima e 02 a oitava. No Ensino Médio (Formação Geral), há 03 alunos no primeiro ano; 02, no segundo e 02 no terceiro. A agente de saúde tem trinta anos, e as professoras, uma com 44 anos e a outra com 49 anos e formação no magistério (séries iniciais do ensino fundamental), hoje, trabalhando na alfabetização e na primeira série do ensino fundamental em Maniaçu.

Observo que são ajudantes nas tarefas das casas ou das roças dos pais; alimentam-se praticamente do que colhem nas roças; divertem-se com os jogos como o futebol, tanto masculino como feminino, e outros tipos de brincadeiras como o baleado. Estão sempre próximos uns dos outros e se encontram em diversos momentos, como na espera do transporte para a viagem até Maniaçu.

Pelos diários escritos e na apresentação deles, encontro os lugares de ausência onde as cenas se passam; por eles, observo melhor os leitores, CPs, falando de leituras do que não é consagrado ou legitimado, mas do que é possível construir pela condição de ter planos, desejos e sonhos. Ao falarem de sonhos, chegam a revelar certo idealismo e, nesse desejo pela busca de conhecimentos, parecem acreditar que é isso o que irá melhorar suas vidas.

Nessa ideia de apresentá-los, falo deles, através do contato com suas narrativas pessoais e sociais: “Eu sou uma pessoa que acredito em meus objetivos, tenho meus sonhos, acredito e luto para realizá-los, eu me acho uma pessoa feliz [...]” (Edilson): “Sou uma menina muito corajosa [...]” (Regivânia). Falam de si, da vivência cotidiana, das brincadeiras como presenças nos espaços de ausências, aparecendo pelos momentos prazerosos: “[...] Gosto de jogar futebol. Gosto de outras brincadeiras. Eu sou um bom aluno e gosto de estudar, sou trabalhador e eu sou feliz, curto minha vida, sou muito inteligente, sou amigo dos meus colegas” (Rogério). “[...] brincávamos muito inclusive de balango, de pular corda, quando chovia, era a maior festa; abaixo da minha casa tem uma ladeira, aí, quando vinha a

chuva, a demora seria parar para podermos sair e brincar de escorregar, [...]” (Marinalva).

Percebo as cantigas de roda, anteriormente muito mais apreciadas na localidade, não somente porque os leitores estão maiores, como também porque as crianças têm revelado outras preferências: “[...] Sempre que vou aprendendo as coisas boas, eu vou ensinando a quem quer aprender [...]” (Rosilene). “[...] sou um jovem educado, inteligente, gosto de encontrar os amigos, gosto de muitas brincadeiras, gosto também de trabalhar, etc”. (Robério).

Estendendo laços de convivência entre si e em meio à comunidade, nos espaços culturais, a contação de histórias propicia leituras que estimulam o imaginário infantil. Eles contam as histórias pessoais e sociais, trazem as próprias experiências, parecendo garantir, com isso, a constituição leitora ao falarem com entusiasmo de seus percursos.

Não só na família, mas também fora dela, a contação de histórias contribui para o incentivo no ato de ler e para conduzir novas leituras: “Desde criancinha minha mãe sempre lia historinhas pra mim, historinhas estas que eram super interessantes e me faziam sorrir demais. Fui crescendo, e com isso de ler e sempre achar “engraçado”, fui me dedicando sempre mais à leitura [...]” (Marinalva). Pela narrativa, Marinalva fala de leituras do seu mundo infantil e do momento atual, em que depara com as leituras legitimadas, certamente os livros relacionados aos estilos literários consagrados e reconhecidos nos ambientes escolares. Fala dessas leituras pelo gosto que se amplia em contato com elas, constituindo fontes, também, de revelação da vida e da realidade.

Em meio às histórias, antes mesmo de realizar a oficina de poesia, organizada, pela escolha de poemas referentes às leituras pessoais<sup>47</sup>, percebo a preferência pela linguagem poética. Entre eles, na produção dos textos, encontro poemas; gostam dos versos, tanto na oralidade, quanto na escrita, demonstrando habilidade em combinar palavras e em organizar rimas.

Envolvidos com as práticas de leitura, organizam versos da própria autoria, dialogando com os que estão na cultura local para socializar histórias de si: “[...] “Aprendemos, com Miguel Sanches, que histórias é pra compartilhar, várias histórias

---

<sup>47</sup> Cf. Ref., poemas de Roseana Murray: “Receita de dizer o nome”, “Receita de se olhar no espelho” e “Receitas de se olhar, escolhidos para compor uma das atividades de leitura - encontro de pesquisa - dia 15/01/2008.

como a do nome e tantas outras que iremos contar [...]” (Elenilde e Silvanete). Pela linguagem, metafórica e personalizada, sentindo-se natureza e se colocando no lugar de outros seres, trabalham a estruturação do texto sem deixar de combinar palavras. Compartilham histórias, associando-se a animais e plantas, garantindo, assim, significados às histórias pessoais: “Voar livre faz parte da nossa vida. Eu sou uma menina que sempre procura o bem para mim e para os outros. Eu corro atrás também da alegria, gosto de ver todos na paz, na alegria [...]”. (Euzivânia). “Eu sou uma pessoa que as vezes me sinto como um passarinho, não por ele voar ao espaço, mas por ele fazer seu ninho as vezes sozinho. Vou a busca dos meus objetivos como posso, a maioria das vezes consigo, mas as vezes não [...]” (Juscelma).

Llosa (2004), ao falar das insuficiências da vida, diz que as mentiras dos romances nunca se dão de forma gratuita, pela mentiras têm-se possibilidades de expressão de curiosas verdades. Com essa ideia, como marca identificada na linguagem dos CPs, percebo essa condição de tentar sair de si e ocupar outros lugares para se sentirem estrelas, animais, plantas: “uma estrela guia que procura iluminar o caminho das pessoas que estão a vagar sem direção [...]” (Maria Aparecida). “Eu sou uma flor que sempre deseja muita paz”. (Regimara). Ou ainda: “[...] Eu sou uma pessoa muito alegre, bondosa, sou sorridente, moro com meus pais, minha mãe, meus irmãos e eu trabalho e gostaria de ser uma formiguinha que gosta de trabalhar, ela é amiga de todos e eu também sou”. (Eliana).

Através dessas falas trago marcas identificadoras dos CPs, reveladoras do cotidiano familiar, escolar e social de uma forma geral e já revelo os encontros de leitura pensados para essa pesquisa, os quais agora passo a relatar de forma mais específica.

### **2.2.1 Os encontros de leitura, instrumentos e procedimentos da pesquisa**

O contato com os diversos espaços da formação acadêmica, não só os recentes para o acompanhamento das reuniões de Linha de Pesquisa, orientação e até mesmo os eventos, em cidades do Brasil, mas também os anteriores em que estive para discutir a formação e a leitura, esse contato reafirma a natureza

qualitativa deste estudo. Daí, elejo a abordagem autobiográfica, dialogando com teóricos como Nóvoa (1988), Pineau (1988), Poirier et al (1999), Josso (2004), Souza (2006) e, para pensar a leitura e memória, teóricos como Bachelard (1993), Llosa (2004), Lacerda (2003), Larossa (2003), Lopes (2004), os quais apresentam contribuições importantes no que se refere às articulações entre leitura e memória, na tentativa de manter vivo o acervo encontrado, seja ele impresso ou da oralidade.

Para as práticas de leitura, os estudos de Chartier (2001), Abreu et al (2007), Lacerda (2003), Paulino (2004), Cordeiro (2006) põem-me em contato com o avanço na história do impresso, a história de uma prática cultural. Para o diálogo com as discussões sobre educação rural, Freire (1999), Teixeira (1997), Pinho (2004), Pereira (2008), dentre outros, ajudaram-me a pensar a complexidade da relação entre urbano/rural.

Assim sendo, ao discutir narrativas oriundas de espaços não legitimados, busco compreender o ponto de vista desses teóricos, levando em conta dizeres do tipo: “As histórias de vida querem fazer falar os ‘povos do silêncio’ através dos seus representantes mais humildes [...]” (Poirier et al ,1999, p. 12).

De posse desse referencial teórico, não temo o enfrentamento dessa viagem e, após estabelecer um cronograma de trabalho, já começo o contato com a pesquisa na cidade de Caetité, considerando, portanto, a possibilidade de pensar e repensar a metodologia inicialmente pensada no anteprojeto de pesquisa, e, nessas buscas, vou reafirmando o desejo de trabalhar com narrativas de leituras, tidas como instrumentos para o campo de estudo, tendo como colaboradores, os leitores da zona rural do município de Caitité, cuja população é caracterizada com poucos estudos e distante dos meios de ascensão social.

Ao vencer os percalços iniciais, inclusive, a definição pelas narrativas escritas e a utilização dos diários enquanto registros dos encontros de leitura, enfrento o desafio da pesquisa.

Em dezembro de 2007, articulo os encontros de leitura, já pensando nos procedimentos para que dois deles acontecessem na Casa Anísio Teixeira, pela possibilidade de utilização de recursos como a filmadora e, também, pelos espaços como o museu, cinema e as oficinas, a exemplo da contação de histórias. Aos poucos vou deixando de lado as lembranças para assumir o que está mais perto dos colaboradores. Então, munida de roteiro de pesquisa e do planejamento definido

para os encontros de leitura (Apêndices “C até E”), vejo-me com expectativa para realizar, juntamente com a equipe da BMAT, os dez encontros (oito na antiga escola multisseriada Janir Aguiar, comunidade de Riacho da Vaca, e os outros dois na Casa Anísio Teixeira em Caetité).

Esses encontros foram realizados, no período de janeiro a abril de 2008 e, para escutar os colaboradores, nos cinco primeiros, seleciono os diversos tipos de textos. A partir daí, proponho as atividades, levando em conta as leituras vivenciadas nos espaços pessoais como a família e a escola, suas relações entre espaços citadinos e rurais. Para a outra parte dos encontros, enfatizo mais as experiências sociais e a constituição leitora, antes e depois das práticas de leitura da BMAT, em que os textos escolhidos possibilitaram aos colaboradores reconstruir as suas narrativas sociais.

Pela discussão dos textos autobiográficos, foram produzidas narrativas pessoais escritas e os diários, registros organizados, ora de forma individual, ora em pequenos grupos, quase sempre dialogando com outros textos representativos da cultura local. Em cada encontro, portanto, os textos autobiográficos eram propiciados a partir das mais variadas formas de conhecê-los, ora pela contação de histórias, ora pelas músicas, filmes ou mesmo pelas leituras dos textos impressos. Dessa escuta, percebo a necessidade de aproximação, a partir do que eles mais apreciavam.

Então, com apoio da BMAT, munida dos instrumentos de leitura, vou compreendendo o quanto se faz difícil meu papel de investigadora, no entanto a preocupação, nesse sentido, parece ter se tornado benéfica e fui cuidando para assumir minha função na escrita deste trabalho.

A equipe da BMAT passa a exercer desempenho maior nos trabalhos, demonstrando interesse pela ideia do festival. Concilio as funções, atenta à escuta e para garantir o registro dos diversos momentos dos encontros de leitura para a pesquisa.

Entre os preparativos para o festival, as atividades previstas no planejamento dos encontros de leitura foram acontecendo e para ampliar o diálogo, as narrativas de vida de autores como Sanches Neto, Zélia Gattai, Clarice Lispector, os poemas de Roseana Murray e o filme Hoje é dia de Maria garantiram as leituras da vida.

Assim sendo, através da programação, fez-se possível, em cada encontro, a escolha de uma dupla ou trio para elaborar o diário<sup>48</sup>, de forma que garantisse os registros dos fatos vivenciados, na expectativa também de apresentá-los no encontro seguinte. Somando-se a esses registros, logo após a vivência de cada encontro de leitura, eu fazia as minhas anotações, ou seja, meu diário (Apêndice E).

Falo, portanto, em diários, pelas narrativas de leituras produzidas nas três fases de desenvolvimento dos encontros de e, ainda, dos diários escritos por mim, constituindo, também, narrativas de leituras para esta pesquisa.

Pelo entrelaçamento das narrativas de leitores, reafirmo e defendo este procedimento: o uso dos diários nas pesquisas autobiográficas, justificando melhor a escolha dos instrumentos usados nessa investigação, as narrativas de leitura tomadas a partir dos eixos temáticos: formação e leitura.

Falo, também, dos arquivos e fichas de leitura da BMAT, documentos encontrados na Casa Anísio Teixeira, os quais me possibilitaram confrontar os dados recolhidos pelas narrativas de leitura dos colaboradores.

---

<sup>48</sup> **Contatos:** (Casa Anísio Teixeira, equipe das práticas de leitura da BMAT, a Secretaria de Educação do Município e as professoras do lugar empírico da pesquisa), momento para sensibilização, definição do total de encontros de leitura e dos CPs, apresentação e aplicação de roteiros escritos identificadores dos leitores e da localidade - (dez./2007 e janeiro/2008); 2- desenvolvimento dos encontros de leitura: dez encontros realizados a partir de experiências de leituras, tanto em espaços pessoais como a família e a escola, nos ambientes citadinos e rurais, quanto em espaços sociais para pensar a constituição leitora, antes e depois da chegada da BMAT- (janeiro/2008 a abril/2008); 3- socialização das atividades vivenciadas durante a execução do projeto: realização do I Festival Comunitário de Cultura - I FESC. Previstas em Regulamento, adaptação de trabalhos da Casa Anísio Teixeira, as categorias de músicas e poemas foram atividades marcadas para a concorrência aos prêmios. No dia escolhido para a realização do festival, as apresentações foram feitas com base não só nos textos inscritos, mas também nos diários dos encontros de leitura para a pesquisa e com atividades teatrais trazidas pelo grupo de leitura da Casa Anísio Teixeira. Nesse dia, os presentes criaram o espaço cultural de leitura a ser acompanhado pela BMAT, escolhendo a Escola Janir Aguiar para ser esse espaço cultural de leitura, local como exposição dos poucos instrumentos de leituras da comunidade (livros, instrumentos do reisado, as produções já desenvolvidas, fotografias). Houve, também, por parte da Casa Anísio Teixeira, o anúncio no sentido de que não só apoiaria a organização das práticas culturais de leitura, mas também conseguiria computador e iniciaria a inclusão digital na localidade. A direção da Casa Anísio Teixeira referiu-se às Indústrias Nucleares do Brasil (INB) como possibilidade de apoio para garantir a energia local, somando-se com a energia solar da comunidade. (27 de abril/2008).

### **2.2.1.1 Os diários dos encontros de leitura, fontes históricas, fichas de leitura da BMAT e a análise da pesquisa**

Em contato com os preparativos para a pesquisa, pensava os momentos em que viajava para Salvador, ocasião em que vivenciei a apresentação dos diários nas minhas aulas no Mestrado<sup>49</sup>. Certifico-me dos laços pessoais e sociais que foram intensificados e a discussão teórica como reflexão imbricada. No ensaio de escrita sobre a discussão teórica das narrativas escritas e em contato com o diário dos encontros de leitura, vejo-o não apenas como uma estratégia para recolher dados para uma investigação, mas, principalmente, para responder a anseios do grupo de leitura. Desse lugar, em parceria com uma colega, surge o trabalho “As histórias de vida como formação e pesquisa: a importância do diário”.

Esse exercício de escrita parece ter sido o pontapé para me instigar ainda mais na busca do diário como narrativa autobiográfica e reflexão das experiências pessoais e sociais, como defende Souza (2005), ao adotar o método autobiográfico e as narrativas de formação como possibilidades do autoconhecimento para realizar a pesquisa e a formação de professores na área de educação. Dessas narrativas, as quais podem ser expressas em diários autobiográficos, demarca-se o espaço onde o sujeito seleciona suas idéias, reconstrói sua experiência de vida e, numa visão autoreflexiva, ressignifica a trajetória de si e a dos outros, não perdendo de vista o próprio processo de formação.

A ideia das memórias de histórias de formação para compreender a relevância das lembranças memorialísticas, como acena Lopes (2004), aparece como relação, relato e narração. Nesse sentido, memória e leitura se entrelaçam, proporcionando situações em que essas categorias possam ser exercitadas, na perspectiva de realizar a volta aos tempos de cada sujeito, o conhecimento de si. Dessa relação de conhecimento, de construção pessoal e social, a possibilidade de registros favorece a escrita em diários: “El diário, como género textual, es una sucesión de textos más o menos extensos – desde la nota o apunte suelto a varias

---

<sup>49</sup> As disciplinas “Abordagem (Auto) biográfica e formação de professores” e “Abordagem (Auto) biográfica e formação de leitores” ministradas pelos professores doutores Elizeu Clementino de Souza e Verbena Maria Rocha Cordeiro, nesse período, ensejavam a tomada do diário como registro para a formação e pesquisa.

páginas – escritos sobre la marcha, al hilo de los acontecimientos [...]” (FRAGO, 2002, p.148).

O diário, nesse aspecto, sendo instrumento da prática vivenciada, passa a ser referência para a investigação do processo formativo e é fator de desencadeamento de reflexões e mudanças, conforme constato, logo na primeira apresentação do diário do encontro de leitura desta pesquisa. Da elaboração do texto, encontro, por exemplo, o cuidado em associar os registros com a oralidade da cultura local, e o Terno de Reis da comunidade surge como atividade de valorização entre os CPs: “[...] Neste instante, no ranchinho/ Passou a estrela guia, aí meu Deus/ visitou todos os presentes / Onde o menino dormia, aí meu Deus [...]” (Elenilde e Silvanete).

À medida que ia adentrando-me nos trabalhos, em contato com o diário, ia me certificando de que essa escolha foi acertada e, simultaneamente, pensava, também, em sua legitimidade para as pesquisas dessa natureza, levando-se em consideração o que diz Hess (2006), ao trazer o diário como escrita do momento, pela espontaneidade, pela força dos sentimentos e até pela falta de distanciamento. Com esse instrumento e com as narrativas de leitura dos colaboradores, pela possibilidade de coletar os textos produzidos, observo a constituição leitora, em espaços tanto pessoais, quanto sociais e, em contato com os diversos tipos de textos, sinto-me instigada a organizar, após a realização de cada encontro de leitura, o arquivo das narrativas de leitura dos colaboradores, separando o que pertencia a cada um e já destacando focos temáticos que apareceram por essas primeiras leituras dos textos coletados no início dos encontros de leitura.

Com esses registros da pesquisa, narrativas orais/escritas, após lê-los e separá-los, individualmente, estabeleço elementos caracterizadores do sujeito-leitor, conforme ficha sinalética, adaptação baseada em estudos de Poirier et al (1999), (Apêndice B), contendo nome, idade, formação pessoal, profissional e leitora, experiência com as práticas de leitura da BMAT, telefone, e-mail, a fim de pensar procedimentos de “clarificação” diante da abundância de textos. A partir daí, após cada encontro de leitura, ia registrando os dados referentes a cada CP na ficha sinalética do leitor. Acrescento, ainda outros textos, ou seja, as narrativas e desenhos dos CPs, as fotografias dos diversos momentos, filmagens de atividades realizadas na Casa Anísio Teixeira (dia 29/01/2008), os textos relacionados à

realização do I Festival Comunitário de Cultura (I FESC), momento de culminância da pesquisa, dia 27/04/2008, já começando a organizar a pasta-arquivo da coleta.

Em contato com as histórias dos CPs, fui percebendo o entrelaçamento com a minha história de leitora, principalmente pelas lembranças das brincadeiras e das leituras na família, pela ausência dos impressos, a contação de histórias. Aprendo por esses caminhos o quanto essas narrativas favorecem outras formações, descobrindo a função de ser autor da história em sintonia com uma trama comum a outros autores das histórias de quem viaja com as leituras, passando de geração em geração ou de um lugar para outro.

Nessas circunstâncias, os caminhos opostos também revelam significados. Por eles, intensifico o diálogo com teorias que discutem epistemologias e metodologias do diário de formação, como perspectiva formativa e (auto) formativa, pensando fatos, vivências e a forma processual dos relacionamentos nos diversos tempos: “[...] Os diários comportam e entrelaçam experiências e acontecimentos que vão constituindo identidades e subjetividades, centrados no processo de narrar a própria vida [...]” (SOUZA & CORDEIRO, 2007, p. 47). O contato com esses aspectos teóricos favorece-me a organização dos focos, levantando informações sobre as leituras nesses espaços vivenciados pelos CPs e, para registrar esse cenário, a máquina fotográfica e a filmadora (quando possível) foram utilizadas, coletando maiores impressões do espaço empírico da pesquisa.

Com a realização da terceira etapa dos encontros de leitura (I FESC) e o material de pesquisa separado e organizado, vivencio, nesse momento, certa ansiedade por não ter sinalizado, totalmente, as categorias de análise. O momento desafiador, no entanto, me instigava a pensar rumos para a desconstrução e construção dos escritos apresentados. Penso, então, em confrontar a pesquisa com trabalhos de leitura da Casa Anísio Teixeira, como as fichas de empréstimo de livros (BMAT) e as atividades realizadas com as práticas de leituras da BMAT, envolvendo os leitores das escolas Janir Aguiar e Altair Públio em outros momentos de desenvolvimento do seu projeto.

Encontro, pelas fontes históricas das narrativas culturais da cidade de Caetité, em espaços como a Casa Anísio Teixeira, bibliotecas públicas ou particulares e, também, pelos arquivos e fichas de leitura da BMAT, possibilidades de não só caracterizar o cenário e espaço da pesquisa, mas também observar as

leituras referentes às narrativas dos CPs. Com essas leituras, constato que, nesse período do projeto da BMAT, as tarefas desenvolvidas eram constantes e diversificadas. Ao confrontá-las com os diários produzidos nos encontros de leitura para esse estudo e em sintonia com a escuta às orientações da qualificação, fui procurando os temas comuns, observando dados fichados para, assim, estabelecer as categorias de análise, as quais foram assim organizadas: “família/ escola: lugares de ausências e de presenças”; “urbano/ rural: espaços do palco da vida”; “a constituição do leitor: leituras de si e de outros mundos”.

Os próprios escritos dos CPs foram inspiradores dessas categorias. Em contato com essas narrativas, aprecio a linguagem figurativa usada por eles, mas posso dizer que esse momento da investigação nada tem de relação com tranquilidade, é como se o tempo todo eu estivesse no enfrentamento da pesquisa, até nas poucas horas de sono. Desses lugares, eu também vivia o processo de escrita e rescrita, fiz leituras sobre cidade, busquei recolher informações a respeito dos aspectos sócio culturais de Caetité, enfatizando as práticas de leitura do lugar e fui consultar fontes históricas da cidade, seja pelos registros como livros, jornais e revistas, seja pelas falas que puderam me ajudar a certificar-me dos fatos que pesquisava. Munida desses documentos, percebo que o entrosamento da equipe de leitura da BMAT com as escolas rurais do Município garantiu-lhes um saldo significativo.

Encontro, portanto, fotografias das ações teatrais, das contações de histórias, das oficinas de reciclagem de papel, desenhos, pinturas e das produções textuais, quer narrativas, quer poesia. Temáticas referentes à discussão da identidade local foram registradas: receitas de comidas típicas, remédios caseiros, festas, jogos e brincadeiras, paisagens, músicas, causos e atividades econômicas da região, como diálogo com impressos levados para empréstimo na BMAT. Observo as fichas de leitura da BMAT e encontro os impressos sendo utilizados como material a ser levado para a casa. A procura de livros emprestados não parece ser grande; em cada lugar de vivência do projeto de leitura, encontram-se registros dos leitores que tomam os impressos emprestados, sendo, aproximadamente, de 10 a 15, os leitores que procuram as leituras de obras bem diversificadas, desde os clássicos da literatura brasileira, até os livros de autoajuda, acrescentando gibis, teóricos, os didáticos e paradidáticos.

Nos espaços específicos das classes multisseriadas, encontro as preferências pelas histórias infantis e livros usados nas atividades de leitura desenvolvidas no projeto da BMAT. Para exemplificar o que digo, trago as fichas de leitura do espaço empírico desta pesquisa, algumas, inclusive, de CPs, e vejo que suas buscas são bem diversificadas. Encontro um total de 14 cadastros referentes aos anos 2007/2008 e os registros de impressos como “Uma noite sem igual”, de Ana Maria Machado, “Os melhores contos”, de Fernando Sabino, “Nascido para amar”, de Buscaglia, “As grandes religiões do mundo”, de Marcus Bach, “As aventuras”, de Marup Verde de Gláucia Lemos, “A bela adormecida”, de A. L. Singer, “A formiguinha e a neve”, de João de Barros, dentre outros, e os diversos gibis, como os da turma da Mônica.

Em contato com esse material, fui confrontando o que vi registrado pelos trabalhos desenvolvidos no projeto de leitura da BMAT com o diário que fiz, logo após a realização dos encontros de leitura, na busca de compreensão das questões levantadas para este estudo. Estando, ainda, ligada ao Mestrado em Salvador, também como itinerante, organizava os escritos ora em Salvador, ora em Caetité e, em viagem, eu vivia, pela escuta das vozes no ato de digitar ou pelas lembranças vindas da memória que ia acessando.

Penso nas falhas, como aprendiz de pesquisadora, no fato de não ter sido suficientemente perspicaz para provocar revelações mais profundas por parte dos CPs, nos obstáculos em passar para a escrita a complexa relação entre pesquisador e colaboradores, mas prossigo em confronto com minha história de leitora e de professora, atentando-me para os registros das narrativas de leituras. Em viagem, posso falar em caminhos mais nítidos, embora estivesse me sentindo, às vezes, meio insegura na organização das muitas informações. Entendo, todavia, que as categorias definidas facilitaram estabelecer procedimentos para a análise das narrativas coletadas e, com estas, já agrupadas na pasta-arquivo, uma a uma pela ficha-sinalética do CP, foi-me possível organizar, numa primeira parte, os dados mais gerais e, na parte específica, com outras informações em folha anexa, fui agrupando os registros conforme as categorias estabelecidas.

Então, pela sequência da programação dos encontros de leitura, fiz novas leituras dos registros, lançando-me na busca de pistas que me revelassem o processo de constituição leitora dos colaboradores. Diante do demonstrativo do que

parece ter sido a vivência das práticas de leitura da BMAT, procuro as pistas que caracterizam o sujeito-leitor nos aspectos pessoais e sociais, observando suas relações em ambientes urbanos e rurais.

Escrevo o resumo dessa leitura, observando a frequência das palavras, o tom poético bem acentuado nas narrativas de leituras, inclusive para me indicar a nomeação dos títulos e subtítulos na escrita do texto. Nesse momento das muitas leituras, pela ideia de lembrar, localizar e cruzar os sentidos comuns das narrativas escritas, falo da experiência complexa e exigente, dos muitos dias dedicados a esse trabalho cheio de impasses, todavia marcado, também, pelo ato prazeroso, significativo e revelador de mundos alheios e dos meus.

Nesse encontro, em que essa ideia da adversidade na vida parece se afirmar, observo as narrativas escritas em versos e com elas a preocupação em arrumá-los sem ferir o ato criador e fico me perguntando se os desafios não foram sempre meus parceiros da viagem. Certificar-me da relevância dos desafios, na condição de pesquisadora, diante de impasses e de alegrias, deixa-me ora sem rumos, ora ancorada, na certeza de que toda viagem impulsiona para o inusitado. Com essa convicção, procuro apertar os cintos, na expectativa de prosseguir nessa aventura. Pela possibilidade de comparar os dados da pesquisa e de posse do material localizado, sinto-me no encontro das práticas de leitura desenvolvidas e, dessa diversidade de material para consulta, chego a outros registros realizados no ano de 2002, em que alguns dos CPs, ao dialogar com a cultura local, produziram textos para a organização de livrescos:

“A árvore que mora na floresta é verdinha. Debaixo dela passava uma menina, e água ia buscar, ela via passarinhos voando para lá e para cá.” (Demilton).

“[...] Fizemos desenhos bonitos com muita alegria, parabéns, biblioteca móvel, te espero outro dia. A todos os visitantes quero parabenizar pelo bonito trabalho aos alunos deste lugar.” (Edilson)

“[...] Eu não sabia ler, mas, depois que a biblioteca deu para vim na minha escola, eu dei para ler e escrever. A biblioteca está de parabéns, em toda escola que você vai, todos alunos te quer bem”. (Joaquim).

Esses registros dos leitores da BMAT servem para confirmar questões identificadas nos encontros de leitura, através dos diários e narrativas de leituras dos CPS, apresentadas no texto seguinte, em que analiso os dados coletados. Encontro, desses espaços de ausências, como o lugar dessa investigação, pelas iniciativas culturais, ou seja, as práticas de leitura da BMAT, questões que denomino de presenças, como o gosto pela leitura. Pelo manuseio dos textos, foram-se abrindo algumas pistas para pensar questões do tipo: qual a representação dos colaboradores sobre o leitor, em que lugares a constituição leitora se fez ou não se fez, como têm sido vistas as práticas de leitura desenvolvidas pela BMAT.

Por aí, fui me encontrando com elementos norteadores e mapeando as narrativas escritas. Por esses achados, fui observando a tessitura e fazendo o cruzamento das histórias e, desses lugares, posso falar em constituição leitora por ausências e presenças, ao constatar a falta dos impressos, tanto em ambientes familiares, quanto na escola, onde a presença deles se fez e ainda se faz bem escassa. No que se refere às presenças, identifico como já dito, as atividades leitoras bem espontâneas, ora pelas brincadeiras, ora pela contação de histórias, tidas como práticas culturais de leitura nos espaços pessoais e sociais nas famílias. Ademais, a presença da BMAT tem-se revelado intensa, ao aproximar ainda mais os leitores das práticas culturais dos espaços pessoais, como a família, e de espaços sociais, a exemplo da escola.

No encontro dessas trilhas, penso na relevância desse processo de transformação dos dados recolhidos pela pesquisa e chego à conclusão de que o olhar atento e a escuta, como faróis norteadores dessa viagem, impulsionaram-me a querer ler repetidamente as narrativas de leituras, os diários da pesquisa e agora, poder partilha-los de forma mais detalhada, através do próximo texto, o qual eu chamo de “Encontros e desencontros: respostas ou possibilidades?” E é por esse caminho que convido o leitor a não pensar em desistir da viagem, ao contrário, prosseguir nessa aventura.

## Capítulo III

# ENCONTROS E DESENCONTROS: respostas ou possibilidades?

---

“[...] Em nosso último passeio pela campina ao longo do rio Mersey sua conversa comigo foi diferente da habitual. Perguntou-me com insistência o que eu queria ser, e eu, sem pensar, disse: “Doutor!”. “Você será aquilo que quiser ser”, ele me disse, com uma ternura tão grande que ambos ficamos parados por um momento. Você não precisará ser comerciante, como eu e os tios. Você estudará, e escolherá aquilo que mais lhe agrada.” [...] (Canetti, p. 52, 2005).

### 3.1 Conhecendo minha prática leitora: entre leituras pessoais e sociais

Das muitas histórias de leitura, sejam pessoais ou sociais, relacionadas ao fazer-se leitor, é interessante compreender o lugar das relações familiares, como nessa passagem em que pai e filho falam da escolha profissional. Nas histórias do menino Canetti, há pessoas da família e outras pessoas de sua convivência social, dividindo histórias que ficaram guardadas na memória, histórias essas que são constituidoras do conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Com essa ideia, penso em histórias de leituras como as do menino Canetti<sup>50</sup> e quis escutar os leitores, CPs, levando em conta, primeiramente, as questões: quem sou eu, o que eu gostaria de ser, qual a história do meu nome, o que sei sobre minha origem, onde e como a história de escolha de meu nome foi constituída, que fato marcou minha vida.

A escuta a essas indagações me permitiu acompanhar as lembranças vindas de pessoas e de lugares que os inspiraram a falar de si e das histórias sociais. Nas duas itinerâncias, tanto a do menino Canetti, quanto as dos CPs, leitores da BMAT, percebe-se a singularidade como marca na constituição leitora. Na primeira, advinda da cultura européia, as práticas enraizaram-se em ambientes citadinos, conduzindo o leitor de Canetti a acompanhar sua trajetória leitora; seu ir-e-vir na relação com a família e por diferentes lugares da Europa arrasada pela Primeira Guerra Mundial. O menino Canetti, então, vivencia um ambiente marcado pela presença dos livros, presença que o conduziu ao caminho da literatura.

No que toca aos leitores da BMAT, CPs, suas experiências com a leitura, oriundas da cultura rural, percorrem um caminho inverso ao do menino Canetti. Assentados num cenário em que é visível a escassez de impressos, os leitores vivenciam as práticas de leitura, pela limitação e pela distância das histórias de leituras reconhecidas e favorecidas pelas viagens e por encontros propiciadores da leitura legitimada. Poder-se-ia falar em pontos comuns entre esses dois mundos?

---

<sup>50</sup> Cf. Ref., Elias Canetti é filho de judeus sefardins, nasceu em 1905, em Ruschuk, na Bulgária, e viveu em lugares como Londres, Viena, Frankfurt e Zurique, onde faleceu no ano de 1984. Em 1981, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura e, da sua autoria, no Brasil, já foram publicados: "Auto-de-fé" (1982), "Vozes de Marrakech" (1987), "O outro processo" (1988), "O todo-ouvidos" (1989), "Massa e poder" (1995), "A consciência das palavras" (1990), "A língua absolvida" (1987), "Uma luz em meu ouvido" (1988) e "O jogo dos olhos" (1990).

Para responder à questão, atento-me à escuta das histórias de construção leitora, práticas de leitura da BMAT e, através delas, identifico elementos semelhantes à trajetória leitora do menino Canetti, principalmente, no momento em que foi questionado a respeito do que gostaria de ser. Nesse sentido, penso nas palavras de Rafael, ao ser questionado a respeito do que gostaria de ser: “Ser professor e ler muitos livros da nossa vida”.

Na fala do adolescente parece haver o desejo de adentrar o mundo pela leitura e, como professor, certamente, fica mais fácil trazer para junto de si o que para eles, ainda é distante, os livros, por exemplo. Na conversa entre o pai e o menino Canetti, a temática em destaque era a escolha da profissão. Pelo diálogo entre Canetti e o pai, a sensibilidade paterna é evidenciada, inclusive, para a surpresa do menino. Seu pai, certamente, pela possibilidade de olhar para si, rompe com as tradições familiares, manifestando para o filho sua compreensão, no sentido de vê-lo optar por caminhos dos sonhos, não importando as escolhas familiares. Se não pôde, como filho, exercer o direito de fazer sua escolha profissional, sendo conduzido a dar continuidade aos negócios familiares, mesmo não sendo esse o seu propósito, agora reconhece, para o seu próprio filho, o direito de ser o que desejasse.

Pelos caminhos, penso na história da humanidade, nas leituras, como a do menino Canetti, e em outras histórias de leituras, próximas ou distantes de mim e, em muitos momentos, vejo-me nesses espelhos, sentindo-me confusa sem saber se falo de mim ou de outras leituras. Pela condição de pesquisadora, retorno à minha função e é, assim, com as histórias de leitura em mãos, que me certifico de que elas estão e estarão, tanto em mundos citadinos, quanto em ambientes rurais, constituindo elo de aproximação dos povos.

Reconheço, portanto, que encontrar as histórias das experiências humanas é questão de busca pelo mundo da leitura, entre outras possibilidades. Por essa condição, chego ao lugar empírico da pesquisa. Pelas histórias, orais ou escritas, observo e escuto as experiências formativas e as comparo às casas da infância em diálogo com a vida, como acena Bachelard: “[...] os valores de intimidade são tão absorventes que o leitor já não lê o seu quarto: revê o dele. Foi já escutar as lembranças de um pai, de uma avó, de uma mãe, de uma criada, [...]” (1993, p.33).

Então, para me certificar de que a leitura não é, necessariamente, formação que começa com o vínculo das crianças à escola, mas pelas leituras pessoais que estão no meio familiar e em espaços mais próximos do mundo próprio, como redes de sociabilidade, Chartier (2001), recorro às histórias pessoais e sociais, escritas pelos colaboradores, a partir de discussões de outras narrativas de leituras como “Minhas primeiras recordações” e “Orgulho de família”<sup>51</sup> e encontro os leitores falando de si: “Eu sou uma moça feliz, desejo o bem para todos [...]” (Rosângela), ou ainda:

Eu sou uma moça sincera e honesta. Sempre luto para conseguir o que quero e corro atrás dos meus objetivos. Sempre corro atrás daquilo que desejo ter em minhas mãos, sou competente em todas as coisas, sou ansiosa pelos objetivos e sou uma pessoa simples e que gosta de só dizer a verdade. (Gleidiane).

Do lugar onde as ausências são visíveis, observar leitores revelando seus planos e objetivos de vida ou se expressando pela linguagem figurada poderia ser visto como uma possibilidade, talvez a que eles têm para vivenciar significados à vida? Não seria, talvez, uma forma de brincar com as palavras para distanciar-se do mundo real e sobreviver às ausências? “Fazer seu ninho às vezes sozinho”, como diz Juscelma, comparando-se ao pássaro, remete-me à ideia de liberdade, de querer encontrá-la, ainda que seja a partir de si, ato solitário, pelo fazer-se no silêncio, porém pela intensividade do seu pensamento para conquista de outros espaços, ainda que seja pela imaginação.

Para tentar compreender essas profundezas, mergulho nas histórias de leitura, procurando imbuir-me de um olhar atento à vida, como acena Llossa (2004, p. 22): “[...] quando a vida parece plena e absoluta e, graças a uma fé que tudo justifica e absorve, os homens se conformam com seu destino, os romances não prestam serviço algum [...]”. A parceria com a ideia impulsiona-me a continuar viagem para olhar as leituras pelas profundezas. Encontro a religiosidade, parecendo ser lugar para contrabalançar as exigências do mundo real, como opção de escuta. Não posso dizer que foi pelas profundezas. Ao contrário, enraíza-se de

---

<sup>51</sup> Cf. Ref., os textos são referentes ao livro “A língua absolvida, história de uma juventude”, do escritor Elias Canetti, autor da epígrafe escolhida para iniciar esse texto da dissertação.

forma visível na cultura local, garantindo harmonia, poesia, histórias e parceria com os grupos familiares e sociais: “Eu cheguei ao mundo bem na época do natal, por isso eu ganhei esse nome [...]” (Anatália). “O meu nome foi escolhido pelos meus padrinhos de batismo [...]” (Demilton).

O meu nome foi surgido assim. Quando a minha mãe estava grávida de mim, ela ficou muito preocupada se eu não nascesse no dia certo, mas só que foi passando o tempo, ela foi engordando muito, aí ela fez uma promessa, se fosse homem, chamava Aparecido e se fosse mulher, chamava de Aparecida [...]” (Aparecida Anália).

Ao reconstruir suas histórias, trazem elementos da vivência religiosa, o Natal, o batismo, os nomes de santos e os relacionam às histórias pessoais, as quais estão imbricadas, também, com a cultura da comunidade, através dos momentos tristes ou alegres: “Eu sou uma jovem de 30 anos, com 1,72m, 68 quilos, morena, alegre, carismática, solteira, já tenho o 2º grau completo, moro com meu pai e um irmão [...]” (Elenilde). “Eu sou um jogador de bola [...]” (Rafael). “[...] Também teve muitos momentos ruins em minha infância como, por exemplo, quando minha vó e meu avô faleceu que me deixou marcado no meu coração, deixou uma marca pra nunca mais apagar [...]” (Carlina).

No processo de reconstrução das narrativas, escritas ou orais, percebo as lembranças do sujeito em formação, ao falar de si, como apontam Souza e Cordeiro (2007)<sup>52</sup>, constituindo sentido à vida. Na escrita dos diários, trazem situações cotidianas das famílias: “Diz minha mãe que na família dela que não tinha o nome Joaquim, que eles achavam bonito, e quando eu nasci, meu pai colocou o nome Joaquim”. (Joaquim). “[...] minha avó achou este nome muito bonito e mandou mãe colocar e mãe colocou, meu nome é Gilson Cardoso da Silva [...]” (Gilson). “Eu me chamo Rogério, porque minha mãe gostou do nome [...]” (Rogério). Trazem, também, as lembranças, os desejos e a ideia de pertencimento, parecendo querer afirmar suas marcas pelas histórias:

---

<sup>52</sup> Cf. Ref., de acordo com Souza e Cordeiro (2007), “[...] Os diários comportam e entrelaçam experiências e acontecimentos que vão constituindo identidades e subjetividades, centradas no processo de narrar a própria vida [...]”.

Sou a primeira filha do segundo casamento do meu pai. Eles contavam que quando apareci no mundo, foi uma grande alegria, apesar dos 11 filhos que já faziam parte da família. Osvaldo, o filho mais velho de papai, juntamente com sua irmã Olívia, na época eles estudavam em Caetité e ficaram encarregados de procurar um nome para aquela menina. Dias depois, foi apresentado para os meus pais, um lista de nomes, entre eles o nome Irene, destacado, o motivo desse nome eu nunca tive a curiosidade de saber. Meus pais gostaram dele, acharam bonito e registrou Irene. Com o passar do tempo, comecei a enfeitar o meu nome. Achava ele lindo. Comprovava isso, Caetano Veloso, em sua melodia “Quero ver Irene sorrir”. Cheguei até a formar uma dupla com minha irmã Irani e juntas cantávamos, na escola, nas festinhas de comemorações etc... (Irene).

Encontro os CPs cantando a vida, falando em poesias e contando histórias cotidianas. Abreu (2004), ao demonstrar números da nossa cultura, diz que o gosto por poesias parece ser o que menos distingue as pessoas em termos de condição social. “A escola parece estar matando o gosto pela escrita poética, pois quanto maior for o número de anos de estudo, menor a quantidade de escritores [...]” (ABREU, 2004, p. 39)<sup>53</sup>.

Dialogando com a autora e em contato com os escritos dos CPs, identifico o gosto pela poesia e a ação de ler e de escrever como atividades que se desenvolvem pela espontaneidade da vida, distanciada, ainda, dos manuais de leitura, fixados pela formalidade do ensino.

Nesse sentido, os lugares de condições sociais precárias, pelo incentivo à leitura e à escrita, parecem constituir espaços mais livres para a constituição do leitor, contrastando com outros ambientes citadinos, lugares da falta de tempo e de exigências mais acentuadas do mercado capitalista, lugares em que as experiências pessoais não estão sendo ouvidas, circunscritas, portanto, aos espaços escolares.

---

<sup>53</sup> “[...] nas classes A e B 12% escrevem – criando ou copiando – poesia; 12%, prosa e 17%, letra de música; na classe C, 16% escrevem poesias, 9%, prosa e 17%, letra de música; nas classes D e E 15% dedicam-se à poesia, 10% à prosa e 14%, à letra de música [...]”. (ABREU, 2004, p. 39).

Discutindo o que digo, observo que, a partir da modernidade<sup>54</sup>, época de transformações em que as exigências cotidianas se tornaram complexas, culminando em inquietações contemporâneas, os saberes vêm fragilizando as relações humanas, abrindo vários caminhos. Se, por um lado, isso é bom, porque favorece a busca, por outro, pode-se cair no comodismo, esperando ver o que pode acontecer. Catani (2000) acena para a época contemporânea, caracterizando-a como uma busca de formas, através das quais o sentido se constitui, valorizando a experiência e a subjetividade.

Apoiando-me nessa ideia, sinto-me instigada à discussão dos desafios da contemporaneidade. Embora perceba a complexidade, tanto em lugares de ausências, quanto de presenças, destaco a busca para responder as questões propostas nesse trabalho. Para isso, elejo categorias de análise nas leituras pessoais e sociais: *família/escola: espaços de ausências e de presenças* e *urbano/rural: espaço do palco para a vida*. Através delas, discuto as leituras que se dão nesses ambientes, a vivência no mundo infantil, as primeiras leituras, as brincadeiras, as histórias das relações que se constituem em espaços citadinos e/ou rurais.

Para a discussão das práticas de leitura da BMAT, elejo a categoria *a constituição do leitor, leituras de si e de outros mundos*, levando em conta o processo leitor, antes e depois da BMAT, e as práticas de leitura, como a contação de histórias, a partir da interferência da biblioteca. Com isso, há a expectativa de que o leitor deste texto, diante das histórias de leituras, se sinta mais situado nos percursos da viagem, acompanhando a construção leitora, no que diz respeito a marcas, pessoas e lugares.

---

<sup>54</sup> Cf. Ref., segundo Berman, são muitas as fontes que alimentam o forte movimento em torno da vida moderna: grandes descobertas nas ciências físicas; a industrialização da produção; a descomunal exploração demográfica; rápido e, muitas vezes, catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa; Estados nacionais cada vez mais poderosos; movimentos sociais de massa e de nações constituindo um mercado capitalista mundial em constante expansão. Na tentativa de estabelecer controle sobre essa vasta história da modernidade, Berman a divide em três fases: primeira - do início do século XVI até o fim do século XVIII, em que as pessoas estão começando a vida moderna; segunda - em 1790, quando se registra a grande onda revolucionária, em que há uma profunda dicotomia da sensação de atender a dois mundos onde emerge e se desdobra a ideia de modernismo e de modernização e, ainda, a terceira - século XX, com a expansão do processo de modernização e, em contrapartida, a multiplicação do público moderno e as linguagens confidenciais.

### 3.1.1 Família/Escola: lugares de ausências e de presenças

Ao enfatizar a leitura não somente oriunda da vivência escolar, mas também como prática familiar e sócio-cultural, antes da formação leitora da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, quis saber, a partir das histórias pessoais e sociais dos CPs a existência ou não de um ambiente favorável à leitura na localidade em que cada um viveu a infância e encontro, nesses espaços de relações, as ausências e presenças.

Ao compartilharem as histórias vividas, após contato com um dos episódios de Hoje é dia Maria, a saga da menina Maria, que é obrigada a fugir de casa pelas maldades da madrasta e pelas bebedeiras do pai, questionados a respeito da infância, onde está e onde foi morar, os CPs falaram da sobrevivência familiar e do apoio aos pais, auxiliando-os nas tarefas cotidianas da casa e das roças, “[...] Minha infância não é corrida nem muito lerda, não trabalho como Maria, não quer dizer que não trabalho, [...]” (Juscelma).

Na fala da adolescente fica evidente o trabalho como apoio familiar, caracterizando sua infância pelos opostos “lerda” e “corrida”, expressando o trabalho, tida como auxílio nas tarefas cotidianas. Para quem vive na região, essa função se faz de forma comum nas famílias sertanejas, especialmente na zona rural, onde pequenos agricultores contam com os familiares para dividirem as tarefas, tanto das casas, quanto das roças. Pelas falas, vejo-os identificados com a região. Narram suas histórias de leitura e apresentam a vida na zona rural como saudável e prazerosa, constituindo, ao que parece, um espaço propício para as leituras e para as brincadeiras:

[...] ficávamos horas ali dando escorregões. Mais abaixo tinha um local próximo a um lajedo onde juntava água, também íamos até lá nos divertir, chegávamos em casa a tardinha dizendo que estávamos nadando, mesmo nem sabendo o que era nadar, apenas ficávamos pulando dentro da água. (Marinalva).

Aprecio essa ideia de diversão, opondo-se à falta de recursos, como a ausência dos brinquedos fabricados para propiciar as brincadeiras. Ao falarem em

nadar, a ação em si não é a mesma de um frequentador de piscinas, particulares ou de clubes, nem mesmo de quem vai à praia. No entanto, do lugar de riacho seco, a pouca água da chuva, pelo que fica evidenciado, pode propiciar o prazer e a diversão. Percebo, sim, as brincadeiras, elas estão pela criatividade de brincar com o que, para muitos, jamais poderia ser considerado um brinquedo. A vivência integrada e ativa, pelas ações criadas em contato com a natureza local, parece ser a propiciadora do ato de brincar, não obscurecendo, contudo, o lugar de faltas, até mesmo a falta de brinquedos e de espaços de lazer, como a piscina, certamente algo tão distanciado da realidade deles, que sequer sabiam o que era nadar.

Tento descobrir maiores subsídios para entender de onde vem o entusiasmo para as brincadeiras e os vejo, tanto em marcas de ambientes familiares, quanto na escola multisseriada<sup>55</sup>, nesse caso, pela possibilidade de recreio: “[...] Na minha infância eu ia para a escola estudar e na hora do recreio eu e minhas colegas brincavam de roda e corre-corre e a cantiga de Mariazinha e Carrapicho e foi muito marcante para mim [...] (Anátalia). O recreio era um pequeno tempo do período escolar, suas marcas, pelas brincadeiras, falam da liberdade de expressão, do entusiasmo, e, ao que parece, o recreio propiciou parceria e integração com as atividades do ensino formal tanto na escola, quanto em outros ambientes.

Para compreender o que digo, em Ornellas (2005), encontro a defesa da escuta no ambiente transferencial do ato educativo. Certifico-me de que, entre os CPs, o ambiente propicia a escuta, e as suas poucas práticas de leituras têm contribuído para lhes garantir participação e parceria, principalmente pela possibilidade de estender as brincadeiras para outros espaços de socialização das experiências de vida, as quais se caracterizam por aproximações e por diferenças. Talvez pela falta de atrativos, os poucos encontrados conduzem os leitores a evidenciarem suas experiências discursivas, incluindo sua relação com as outras formas de linguagem e pela condição de poder articulá-las:

A convivência com a música, a pintura, a fotografia, o cinema, com outras formas de utilização do som e com a imagem, assim como a convivência com as linguagens artificiais poderiam nos apontar para

---

<sup>55</sup> As escolas Janir Aguiar e Altair Públio, conforme já dito em outros segmentos desse trabalho, eram multisseriadas, ou seja, na mesma sala, havia séries diferentes, a única professora contava com o apoio dos alunos para desenvolver as atividades do ensino.

uma inserção no universo simbólico que não é a que temos estabelecido na escola. Essas linguagens todas não são alternativas. Elas se articulam. É essa articulação que deveria ser explorada no ensino da leitura, quando temos como objetivo trabalhar a capacidade de compreensão do aluno. (ORLANDI, 1993, p. 40).

Então, com essa ideia de articulação das diversas linguagens, parecendo pertencer ao mesmo grupo social e cultural, eles partilham as alegrias e tristezas, como se fossem de uma mesma etnia. Em um dos primeiros encontros de leitura, porém, ao discutir a origem do nome, pela leitura do texto “Maria Negra”<sup>56</sup>, de Zélia Gattai, observo alguns colaboradores omissos na discussão do conhecimento de si; outros, pelas palavras, demonstram distanciamento em relação ao reconhecimento de questões raciais, por exemplo, no momento em que uma menina negra, ao falar de suas características físicas, assumiu-se como parda e não negra<sup>57</sup>.

Encontro as dificuldades de falar de si, como essa questão de assumir-se como negra, e a timidez, manifestada, por alguns, nos momentos em que precisaram fazer apresentações individuais. Associo esses campos aos desafios existentes, no sentido de compreensão de outros mundos e, ao falar disso, lembro-me do que diz Bueno (1998), ao discutir a formação do Brasil moderno em que na discussão, o autor acena para a passagem acelerada do campo para a cidade, fazendo do espaço presente a convivência com várias épocas históricas.

Reporto-me à necessidade de paciência histórica e, ao mesmo tempo, à realidade, conclamando à movimentação, mesmo em lugares mais isolados. Paciência e movimentação, portanto, sendo lados que exemplificam a contradição do mundo atual, marcado pelos desafios. E é com essa ideia que vou adentrando as leituras, agora focalizando, mais especificamente, o espaço empírico da investigação. Atento-me às orientações multisseriadas, às leituras em parceria identificadas como marcas desse período de ensino-aprendizagem. Para Belo (2002), a leitura como atividade de atribuição de sentidos, não só dos impressos, escritos ou não, mas também para além disso, como a voz e o gesto. Encontro, na vivência advinda dos ambientes rurais, as estratégias valorizadas na organização

---

<sup>56</sup> Cf. Ref., o texto “Maria Negra”, livro “Anarquistas Graças a Deus”, Zélia Gattai, refere-se à mulher que seria a pajem da Zélia Gattai menina. Foi quem, inclusive, escolheu o nome da autora, justificando ser belo e que era o mesmo da menina de que ela cuidava antes de vir morar na casa da família Gattai. O texto é concluído com a apresentação da menina Zélia para a Maria Negra, a qual responde: “[...] Credo! Parece uma broa saída do forno! [...]”.

<sup>57</sup> Cf. diário do encontro de leitura para a pesquisa (dia 08/01/2008).

das práticas de leitura, por serem realizadas a partir de uma diversificada tipologia textual e pela socialização do grupo de alunos, e as várias séries, na mesma sala, favorecendo leituras amplas com possibilidades de partilha das experiências vividas.

Busco os estudos de Pereira e Schaller (2008), ao discutir o sentido da experiência escolar para jovens de EFA<sup>58</sup>, ressaltando que esses jovens demonstram entusiasmo ao falar dos diversos momentos do seu cotidiano, falando do seu aprendizado e diferenciando-o das experiências em outras escolas. Com esses estudos do lugar em que as ausências são visíveis, também, vejo ser possível falar de presenças, como essa situação de bem-estar já tão anunciada por esses leitores. Com isso, não quero falar em omissão das ausências, elas são visíveis, inclusive na escola em que os poucos livros lembrados foram as cartilhas, ABC, a bíblia e os didáticos, manuseados pelos professores, a partir do contato com a escola.

Mais uma vez, vejo-me no espelho deles, ao me identificar com situações similares, como as práticas de leituras vivenciadas pelas histórias oriundas da oralidade da cultura local e da ausência dos livros, como ressalta Sanches Neto (2004), ao dizer que não vem de uma biblioteca paterna e, sim, de sua ausência. Na escuta a essas narrativas, observo, desses vazios, possibilidade de presenças, desde que o incentivo e o acompanhamento dos que se encontram nos espaços marcados pela falta sejam uma garantia de constituição leitora.

Lembro-me dos que vencem sozinhos, os autodidatas: “Não se passa da condição de aprendiz à de leitor sem uma ruptura” (POMPOUGNAC, 1997, p. 33). Nessa situação, em diálogo com o autor, observo a lógica a ser evidenciada, ou seja, não é a herança das leituras e, sim, o percurso do autodidata. Nesse aspecto, discuto a necessidade de sair da origem e, desfazendo-se do universo mental referendado pela viagem real ou mítica, ser capaz de acessar novos saberes e novas práticas culturais.

Assim, no processo, em variados espaços, percebo a singularidade da constituição leitora. Então, vou ao encontro das práticas leitoras que falam de alfabetização das multisseriadas, em contato com o método silábico, não diferindo,

---

<sup>58</sup> Escolas-Família Agrícolas do Estado do Amapá, configurando-se como escolas em que os interesses da população rural constituem fator observado pelos alunos no momento em que buscam optar pela escolaridade. Da associação do Centro Interuniversitário EXPERICE, a pesquisadora, em colaboração com Jean-Jacques Schaller e com financiamento da FAPESP, apresenta as práticas educativas, territórios e biografização, apontando reflexões a partir da educação rural.

portanto, de tantas escolas brasileiras, cuja vivência da leitura é descontextualizada: “Me constituí leitora através de vinte e três palavrinhas que se chama o A.B.C , fui se juntando letras diferentes e formava palavras [...]” (Carlina). Entre presenças e ausências, falo, ainda, dos desafios, no sentido de aproximação com o mundo impresso e a necessidade de ampliar os espaços já adquiridos e valorizados pela leitura que provoca um confronto com a realidade.

### 3.1.2 Urbano/Rural: espaços do palco para a vida

[...] O poema, “Irene entrando no céu” (me falhou a memória o nome do autor) que maravilha. O tempo foi passando e descobri que o meu nome estava na atriz Irene Ravache, comecei a colecionar fotografias dela, eu queria ser atriz. E hoje, sim. Sou atriz. **Atriz do palco da minha vida**, com o meu simples nome que inspira saudade, música, alegria e Felicidade (Irene), (Grifos meus).

Com a expressão “Atriz do palco da minha vida” da CP, associa-a aos espaços urbanos e rurais representativos da pesquisa, por compreender a atuação de quem, no ir-e-vir para os diversos lugares, fala das práticas de leituras, a partir de histórias de leituras e da vida. Ao pensar em palco, trago as leituras da vida dos leitores da BMAT sendo representadas e vividas, ora em contato com a educação urbana, ora com a rural.

Nesses dois espaços, localizo os leitores e suas ações no desenvolvimento da vida. Dos 25 (vinte e cinco) CPs, leitores da BMAT com faixa etária diversificada, ou seja, de 09 a 49 anos, observo que 24 (vinte e quatro) viveram sua infância na zona rural, com histórias de leituras vindas das relações familiares, do ambiente mais próximo de si e da educação não escolar; como afirma Paulino (2004), essas histórias são oriundas da literatura oral, constituindo os saberes literários e subentendendo as bibliotecas particulares, utilizando poesias, músicas populares e outras leituras dos lugares onde não existem bibliotecas.

Suas leituras revelam marcas cotidianas. Irene, comparando-se a uma atriz, ao responder a exigências da vida, adotou dois filhos, mesmo já sendo mãe dos seus próprios. Falou dos filhos, inclusive dos dois adotivos, filhos de uma mãe com problemas mentais, que precisou afastar-se deles por conta dessa patologia<sup>59</sup>. Da vida mais localizada, seu palco para o exercício de atuação tem relação com ações do cotidiano, suas alegrias e mazelas, fazendo-me lembrar a temática “Cidade e nação na narrativa brasileira contemporânea”: “[...] quanto mais próximo à origem, mais universal [...]” (GOMES, 1999, p. 267).

Nessa ideia de valorização da província para não cair no artificialismo cosmopolita, tomo a pesquisa, a qual vai me fornecendo subsídios para o encontro de marcas singulares, identificadoras do espaço empírico e me apontando caminhos, cada vez mais, inesperados. Então, viajo muito mais pela possibilidade de conhecimento do caminho, à medida que vou adentrando-me nele. Aprecio essa condição; por ela, chego à narrativa escrita de outra colaboradora, a que, dentre os demais, viveu sua infância em uma cidade, vindo para a zona rural da Bahia no período da adolescência. Fala desse tempo infantil, como a saga da menina Maria, de “Hoje é dia de Maria”:

“Hoje é dia de Maria” me fez recordar a minha infância, perdi minha mãe quando eu tinha oito meses de nascida e meu pai casou-se com outra mulher que passou a ser minha madrasta, sofri muito, dos três aos cinco anos de idade, eu não podia brincar, tinha que ficar sentada em uma cadeira o dia todo para não se sujar, um dia aconteceu que eu fiz cocô na roupa e ganhei uma surra que retalhou minha costa. Recordo que ela tirava minhas roupas, amarrava minhas mãos e me jogava de bruço em cima da cama e me batia com fio de ferro dobrado, depois passava vinagre com sal nos ferimentos pra não inflamar. Meu pai não sabia de nada era açougueiro em Rolândia, Paraná e só vivia viajando comprando boi para matar. Quando eu completei treze anos ela fugiu com outro homem e meu pai resolveu vim morar na Bahia [...] (Maria Aparecida).

“As duas Marias” se encontram pelas histórias da infância e descrevem os atos de violência física e psicológica da madrasta em relação a uma criança. Vejo-as

---

<sup>59</sup> Cf., diário preparatório dos encontros de leitura para a pesquisa (dia 28/12/2007).

falando de si e do que viveram, como o abandono, pela falta de escuta e de acolhida no momento em que o apoio familiar é imprescindível. Trago mais perto de mim essas experiências escondidas na interioridade do sujeito e me questiono: o que é viver convivendo com traumas que não foram, sequer, escutados? Vejo-me diante de labirintos, mas sigo a viagem na escuta ao silêncio que fala.

Pela condição de pesquisadora, retorno ao foco deste trabalho, ou seja, as práticas de leitura e, por intermédio delas, encontro as sinalizações de que essas ações vêm representando presenças para lugares de ausências. Pelas histórias das Marias, a mulher temível dos contos de fada de outrora, a madrasta, aparece, em um tempo em que esse papel de “ser madrasta” ganha outra conotação, ou seja, ser alternativa para garantir harmonia infantil, já que, em muitas situações de relacionamento familiar desfeito, essa mulher é propiciadora de integração e de sentido familiar.

Percebo as muitas histórias fazendo-se possíveis, inclusive as narrativas dos tempos anteriores, das marcas culturais, trazendo à tona os dramas escondidos na interioridade de uma pessoa. Olho as histórias, vejo nelas as muitas vítimas de violência infantil, que não puderam, sequer, ser ouvidas e que carregaram ou carregam consigo esse fantasma, sendo, em alguns casos, obrigadas a conviver com o provocador do trauma. Falo das histórias de violência a crianças dentro dos próprios lares e aponto como “madrasta” a pessoa não só de uma mulher, mas de um pai, irmão, vizinho, enfim, qualquer outro.

Na história específica de Maria, CP, ela parece encontrar, na figura do pai, algo que se relaciona com segurança, ainda que seja, apenas, nos momentos em que se ele fazia presente, pois vivia, na maior parte do tempo, ausente para a busca da sobrevivência material da família. Poderia dizer que sua ausência era presença? Dialogo com Bachelard quando diz: “[...] na nova casa, retornam as lembranças das antigas moradas, transportamo-nos ao país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial [...]” (BACHELARD, 1993, p. 25).

Com essa ideia, penso no que é retornar ao mundo infantil de forma imóvel, no entanto, por essa possibilidade, discuto a relevância do que foi dito e das nossas casas, tidas como universo para permissão de aprofundamentos com os nossos mundos. Então, sem temer desafios do caminho, agarro as perguntas, inclusive aquelas para as quais não tenho respostas, e as transporto para o silêncio. Nessa

escuta, prossigo minha viagem pelas histórias de leituras. Certifico-me dos significados de pertencimento presentes na vivência da colaboradora, como se ela já estivesse na localidade desde a fase infantil. Não a vejo falando em livros nesse momento da vida, mas das diversas situações, agradáveis e/ou desagradáveis, demonstrando a necessidade de escuta.

Barreto (2006), referindo-se à concepção de leitura na contemporaneidade, diz ser um ato complexo de produção, de construção e de negociação de sentidos, ressaltando o papel do leitor, no ato de significação, ou seja, é ele que seleciona as relações do texto com as quais se identifica mais, fazendo-se identificado pelas questões norteadoras de outros encontros. Com essa ideia do leitor que se identifica com a leitura, a partir das suas itinerâncias, adentro-me nas leituras desenvolvidas, tanto nos espaços urbanos, quanto em ambientes rurais, observando as presenças e ausências nesses dois lugares, seja pela continuidade de estudos ou por outras razões: “[...] Nasci em Caetité, terra de educação, no distrito de Maniaçu, povo de muita animação, adoro Riacho da Vaca, gente de bom coração [...]” (Slivanete).

Entre a cidade e a zona rural, as histórias de leituras dos leitores da BMAT vêm sinalizando as ações dos leitores, como das duas professoras, ao retratarem sua formação continuada, viveram viajando entre os dois espaços, desde tempos anteriores, como no período em que as conheci no Projeto Logos II, núcleo de Caetité, quando atuavam como professoras leigas, nas classes multisseriadas. Do meio rural, onde as condições para a propagação da cultura estão longe de ser ideais, observo, pela cultura local, as condições reais precisando ser incentivadas, principalmente pelas práticas de leitura para difusão da ideia de compromisso e de pertencimento:

[...] Bom, não souberam me falar o ano, mas houve uma escola em que a professora era Maria Dolores, uma das moradoras da casa do Horto Florestal<sup>60</sup> (INB), hoje não mora na comunidade. Então, ela registrou a escola e colocou o nome do lugar. Riacho da Vaca. Varginha foi desaparecendo aos poucos, hoje ninguém mais fala esse nome, só os mais velhos guardam na memória. Acho Riacho da Vaca mais bonito, já é bastante conhecido no município de Caetité e tem um terno de Reisado que é tradição da comunidade e o povo

---

<sup>60</sup> Museu Geológico organizado pelas Indústrias Nucleares do Brasil (INB), após processo de desapropriação de propriedades da região.

gosta muito. Riacho da Vaca, anos atrás era mais animado. Sentimos muita falta do pessoal que saiu por causa da indenização da INB. Hoje já estamos acostumados. (Demilton).

A narrativa de Demilton acena para o reconhecimento do local, apontando perdas das iniciativas educacionais. Encontro, ainda, o tom saudosista de quem fala das faltas, como a saída do pessoal, a partir da chegada das Indústrias Nucleares do Brasil (INB), embora fale também em ganhos, como o museu geológico, idealizado para exposição dos minérios da região, e o reisado, cultura local. Chama-me atenção a expressão “Hoje já estamos acostumados”. Tenho por ela a sensação de que esse campo mereceria maiores escutas e chego a recorrer a estudos afins<sup>61</sup>.

Em meio às discussões, como em outros momentos da pesquisa, vou alçando o meu voo, como quem viaja, sem perder de vista a sintonia com os espaços de análise. Não perco de vista o pensamento nas perdas e ganhos dos caminhos da vida. Falando em vida, trago suas experiências; por elas, constato algumas perdas sendo inevitáveis; às vezes, necessárias para o avanço na constituição do leitor. Em outras, porém, como a sinalização feita por Demilton, parecem revelar as perdas que vêm pela imposição, referindo-se ao progresso e desenvolvimento sustentável da região. As histórias de leitura, no entanto, falam de perdas pessoais e sociais. E acostumar-se será mesmo o único caminho?

Prossigo viagem, mas eu a percebo não querendo seguir de forma silenciosa. Dessa voz que fala, recorro a Faria (1998), que diz que Mallarmé examina diversos modos de leitura em silêncio, até chegar aos espaços em branco; como ressalta a autora: “Na obra de Mallarmé, a leitura em silêncio pode ser também a leitura do silêncio”. (FARIA, 1998, p. 231). Tento pensar o que seria leitura do silêncio e, como uma resposta, não “a resposta”, surge em mim a ideia de que as perdas e ganhos da vida estão para todos; algumas irreversíveis, outras não, de acordo com a fala de Demilton, ao trazer, pela lembrança, os moradores que saíram da comunidade pelo processo de indenização da empresa de exploração de urânio.

Apego-me ao processo, pelas leituras, ao propiciar ao leitor o encontro com significados, tentando compreender esses vazios, na perspectiva de que o leitor

---

<sup>61</sup> Cf., Associação Civil Greenpeace, out./2008.

possa abrir-se na aventura da vida. Então, preparo-me ainda mais para continuar a viagem, pensando em quem chega ao lugar de ausências, tanto para a exploração de riquezas naturais, quanto, pelas práticas de leitura da BMAT, para a constituição de leitores. Na ligação oposta entre perdas e ganhos, riqueza e pobreza, vou ao encontro das práticas de leitura da BMAT.

### **3.2 As práticas de leitura da BMAT: entre viagens, leituras pelo mundo?**

Em lugares mais isolados, onde há poucas condições de trabalho e de sobrevivência, lugar da falta de investimentos nas políticas para a valorização do homem que vive no meio rural, da falta de espaços para a propagação de materiais da cultura local, observar a BMAT abrindo caminhos é bem significativo e o CP assim a intitula: “O carrinho bonitinho”: “A biblioteca chegou, nós fomos visitar, fiquei muito pensativo e não parei de observar [...]” (Edilson).

O diminutivo pode significar afetação ou afetividade; para o CP, ao falar em “carrinho bonitinho”, talvez pela escolha de colocar substantivo e adjetivo no diminutivo, a ideia de afetividade fica visível, recelando não se tratar de qualquer carro, mas do que chega para propiciar pensamentos, alegrias. Procuro observar outras falas sobre biblioteca e encontro registros em que a afetividade está evidenciada, seja pela descrição dos preparativos para essa visita, a qual pode ser comparada com a espera de uma pessoa querida, seja pelo reconhecimento às ações realizadas pelos integrantes da equipe da BMAT:

[...] A professora Irene preparou juntamente com a gente, músicas e mensagens para desejar boas vindas à Biblioteca, no momento em que ela chegasse. Particpei dos trabalhos da Biblioteca móvel três anos, aí conclui a quarta série e fui estudar em Maniaçu. Foi com esforço da professora Mara que a Biblioteca Móvel começou percorrer a zona rural, para que os alunos tivesse mais conhecimento, incentivando-os na leitura e atualizando mais o aluno. A Biblioteca Móvel ajudou muito a gente. Ela trabalhava com livros de boa qualidade. A leitura era feita através de textos, poemas, desenhos e pintura, filmes, oficinas, etc... Keila contava lindas estórias, Tião dirigia este carrinho, Fernando brincava ensinando a

gente muita coisa. Cleidy fazia cestinha de jornal, e a minha professora tinha muito carinho, tenho saudades. Durante esses anos a Biblioteca me ajudou [...]. (Demilton).

A acolhida à BMAT por parte dos CPs revela o quanto foi acertado escolher as escolas multisseriadas e rurais para desenvolver as práticas de leitura. Identifico por ela não apenas a chegada de livros, mas também outras possibilidades de leituras para diversos gostos. Acompanhando as narrativas escritas, a partir de questões referentes às leituras de textos<sup>62</sup>, os quais favorecem as lembranças do processo de constituição leitora, os CPs trouxeram seus conceitos de leitura: “Para mim, **leitura é ler e viajar pelo mundo** afora através da imaginação descobrindo e conhecendo sempre mais e mais, novas coisas”. (Marinalva), (Grifos meus).

Pensando o porquê dessa forma de representação da leitura, ou seja, viagem pelo mundo ou como caminho de acesso à porta secreta, trago a idéia de Ianni (2000), de que a viagem revela alteridades, favorece a recriação de identidades e desvenda pluralidades, também para os que viajam de forma imaginária, pela possibilidade de ouvir histórias, de lê-las, ou vendo coisas, pessoas e signos de outras culturas, pela possibilidade de ouvir histórias de leitores. Entendo essa viagem e a vejo como uma ação mais envolvente. Então, faço o confronto dos textos que falam das práticas de leitura da BMAT para compreender a utilização dessa leitura, que, às vezes, aparece como idealização e, às vezes, como solução de problemas.

Essa comparação traz para mais perto de mim alguns elementos significativos, lembrando Silva (2004), quando diz que o leitor busca prender-se à leitura por considerá-la capaz de suscitar intuições da vida humana. E, aos poucos, vou compreendo a supervalorização das práticas de leitura da BMAT: “[...] ela nos traz mais conhecimento e mundos novos e abrem novas portas para o conhecimento [...]” (Anatália). Numa linguagem metafórica, leitura para abrir novas portas, a CP faz-me pensar no quanto é forte o ato de ler, pela possibilidade de o leitor colocar em outros espaços, expressando o conhecimento de outros mundos, como destaca, também, Silvanete, ao trazer a ideia de leitura:

---

<sup>62</sup>“Felicidade Clandestina”, Clarice Lispector, “Herando uma biblioteca”, Miguel Sanches Neto, “Álbum de Leitura”, Lílian Lacerda, dentre outros, foram importantes para impulsionar as discussões da constituição leitora.

[...] Eu me sinto emocionada ao falar da BMAT, pois ela nos trouxe muitos benefícios e um dos principais foi à prática da leitura, pois estamos vivendo num mundo de tecnologias avançada, onde os jovens não querem mais saber de ler, tudo é pelo computador e pela internet. E a BMAT nos incentiva a ler. Os jovens de hoje não querem mais saber de pesquisar em livros, pois na internet já se encontra tudo resumido e pronto. Os livros das bibliotecas, aos quais tenho lido tem me feito ver o mundo de outra forma, [...] (Silvanete).

Entendo que supervalorizar a leitura, considerando-a “abertura a uma porta secreta”, parece querer revelar, em linguagem metafórica, mundos não conhecidos, para falar do que é possível fazer, na condição de leitores. Então, com a BMAT, acompanho seus caminhos, muitas vezes, parecendo ser idealizados leitores. Com Yunes (2002), a linguagem que constitui o homem, particularizada pela força das experiências pessoais, entrecruzadas com agrupamentos sociais, representa o se pensar, na medida em que se pensa o mundo.

Tomar a linguagem para pensar a vida, o que parece ser prática no cotidiano dos CPs, na medida em que reconstruem sua constituição leitora e fazem a defesa da leitura, pelas várias vias, inclusive, a partir de livros como aborda Silvanete, ao falar dos que têm preferência por outras linguagens, destacando a escolha do computador em lugar da leitura de livros. Com isso, acena para o espaço sociocultural, permitindo-me o diálogo com Cordeiro (2006), ao falar de abordagem sociológica como epistemologia relativamente nova e da origem dos estudos culturais oriundos do campo da História Cultural<sup>63</sup>.

Pelo exposto, observo os estudos relacionados às práticas culturais de leituras, especialmente, os que estão marcados pela ausência de impressos, com referências às leituras escolares realizadas, apenas, a partir da decodificação de símbolos. Com essa ideia de discutir a formação leitora vinculada ao relacionamento imbricado entre leitura, cultura e sociedade, a leitura sendo prática cultural, recorro a Melo (2007), que, também, defende, na prática cultural, a leitura, que influencia a forma de ser e de pensar dos diversos povos, não como ato estagnado. A autora

---

<sup>63</sup> Cf. estudos de Chartier (2001).

discute, portanto, as possibilidades de mudanças, à medida que as sociedades vão mudando, fazendo marcas na história e no modo de ler.

Por esses caminhos, chego mais próxima das práticas de leitura da BMAT desenvolvidas nas escolas multisseriadas e de seus propósitos em definir espaços de trabalho, procurando discutir as questões ligadas à história local, como no caso específico da pesquisa, ou seja, a história dos vinte e quatro anos de criação da escola Janir Aguiar, a dos vinte e dois de ensino multisseriado, assim como a falta de bibliotecas ou até mesmo dos cantinhos de leitura para as escolas multisseriadas. Talvez pelo fato de não precisar vincular sua programação às exigências formais do ensino, a BMAT, de fato, desenvolve as práticas de leitura de forma livre, constituindo opção de desejo e de lazer, pelo que observo nos diários dos encontros de leitura: “[...] Aqui em Riacho da Vaca, mais uma vez a comparecer, a biblioteca móvel, de grande desejo e lazer, trazendo orientações, para nós todos aprender [...]” (Rosilene, Juscelma, Geovane).

Considero, no entanto, questões já ditas, como o lugar das ausências. Diante disso, ao chegar a BMAT a esse lugar, no mínimo, espera-se a acolhida. Chama-me a atenção a forma com que os CPs recebem a BMAT. É como se a biblioteca estivesse chegando a terras adequadas; isso se evidencia, a partir de questões do tipo: Como me constituí leitor (a)? Quem me incentivou a ler? Quais práticas de leituras eram desenvolvidas em minha infância? Que implicações esses fatos identificadores causam em mim? Como vejo a BMAT? Como são as práticas de leitura desenvolvidas e a leitura é só de livros? O que essas leituras me dizem, ou disseram?

A escuta às narrativas revelam mais que uma simples acolhida: “[...] ela é uma biblioteca extremamente legal para quem sabe ler, pra quem não sabe e para os analfabetos e assim vai em frente, ela nos ajuda em tudo [...]” (Euzivânia). Ao separar leitores por categorias, ou seja, os que sabem ler e os analfabetos, Euzivânia, deixa transparecer a ideia de que o leitor é somente o que tem escolaridade, vindo de encontro às outras falas, cuja visão de leitor se diferencia: “Ser leitor é ser uma pessoa que sabe ter coragem e ser estudiosa do nosso país [...]” (Joaquim). “[...] Quem tem o hábito de leitura, deve amar e dar valor, pois é bom ler, é maravilhoso ser leitor [...]” (Carlina, Edilson e Vailton). “[...] Leitura encanta a

vida, informa, educa, é divertida. Em cada livro um amigo certo, se precisar ter alguém por perto”. (Marinalva e Anatólia).

Identifico, contudo, na narrativa de Euzivânia – quem sabe ler e analfabetos - a BMAT para todos os leitores, sejam eles da oralidade ou os que já têm domínio da escrita, entendendo a ideia de BMAT que deseja não, apenas, garantir livros: “A Biblioteca Móvel Anísio Teixeira trouxe muitos livros para nós [...]” (Aparecida). “[...] Eu vejo ela como se fosse minha família me incentivando a ler, as leituras têm sido muito maravilhosas [...]” (Carliana). Comparar a BMAT à família, sendo incentivadora da leitura, remete-me a pensar essa associação do ato de ler para favorecer a socialização das leituras pessoais em espaços de cultura.

Compreendo a família, muito mais que a escola, como guardiã e incentivadora das histórias que dão significados à vida do sujeito-leitor, constituindo registros das leituras desejosas de serem feitas em parceria com as propostas da BMAT, a qual pode propiciar práticas de leitura, não somente para trazer o livro ao lugar que não tem biblioteca. Percebendo a complexidade no ato de desenvolver iniciativas de leitura, atento-me para a relevância em acompanhá-la com cuidado, inclusive fugindo da leitura padronizada e de obediência a modelos. Para Mindlin: “[...] Não existem regras rígidas que possam ser estabelecidas e, menos ainda, obedecidas, indicando o que deve e o que não deve ser lido. É uma questão de gosto e de interesse pessoal: [...]” (2007, p. 104).

Com essa ideia de compreensão do mundo da leitura pela possibilidade de ler, a partir do que faz o leitor livre para ler, recorro aos diários de pesquisa: “[...] Ler é bom, ler é uma animação, faz lembrar os passados do fundo do coração. Faz também aprender a dar e receber educação [...]” (Rosilene, Euzivânia, Carliana). A leitura para entusiasmo, para lembrar o passado e como mecanismo de educação, conceituação dos CPs, parece revelar mais uma vez as ausências do lugar onde o texto foi construído, na medida em que, não havendo outros atrativos, a poesia chega para compreender o ato de criar, propiciador de sentidos à vida, mesmo por parte de quem vive em lugares de ausência.

Assim, pela linguagem diferenciada, chego à ideia de Barthes (2006), sobre o prazer do texto, acentuando que o texto se faz a partir de um trabalho entrelaçado e, de forma incessante, perdido na textura, no espaço em que se desfaz o sujeito, como a aranha, dissolvendo ela mesma, até chegar ao ato construtivo, no caso, a

teia. Tem-se a ideia do texto, não como um produto acabado, mas um tecido que se tece para a criação de novos textos, pelo prazer de se sentir envolvido com o ato de ler, inclusive a vida. Nesse caso, essa é uma função que não tem um lugar certo. Dá-se entre narrativas ouvidas, lidas e criadas, pela possibilidade da “aranha” e da “teia” ou, quem sabe, do “leitor viajante” e a “viagem”, pelas relações entre ambos e pelo jogo estabelecido no mundo da leitura. Os elementos significativos na criação do texto, como a sensibilidade poética, encontrada no lugar de ausência, não somente nesse período da pesquisa, mas desde os primeiros contatos, reafirmando em mim essa ideia de que, nas ausências, há presenças, favorecendo ao lugar “vazio” a palavra com sentido, geradora de vida, pela possibilidade de combinar poesia, música, dança e teatro.

Nessas circunstâncias, entendo o que diz Ianni (2000): deve provar ser, de modo simultâneo, ora um deserto, ora plena de sentidos, dependendo da forma pela qual é escrita, falada, lida ou ouvida; e, a partir daí, discuto a preocupação da BMAT em favorecer os livros para propiciar a constituição leitora. Pelas leituras de e pela análise das narrativas escritas, a partir de questões referentes às práticas de leitura da BMAT, os CPs falam de leituras: “[...] A Biblioteca móvel também contribuiu na minha formação do leitor, oferecendo empréstimos de livros, assim como as outras atividades desenvolvidas” (Demilton). Livros e outras atividades de leituras são encontrados em lugares de ausência no Alto Sertão Baiano, lugar do paradoxo da vida: ausências e presenças, pobreza e riquezas, sofrimento e alegrias, escassez de chuvas em algumas épocas e a abundância em outras. Pelo jogo das ideias adversas, poder-se-ia falar em diálogo entre as leituras legitimadas e as não legitimadas?

### **3.2.1 A constituição do leitor, leituras de si e de outros mundos**

A contação de histórias tem sido uma experiência propiciadora da constituição leitora desde tempos remotos. Ela antecede a leitura dos livros, embora seja uma prática que vem desaparecendo na sociedade de hoje. Nessa ideia da

leitura itinerante, faz-se possível a propagação das histórias e a tentativa de conhecer os contadores: “[...] o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições [...]” (BENJAMIN, p. 198, 1993). Das experiências, tanto de quem as transmite, quanto de quem as ouve, a ideia de valorização das histórias vindas das relações humanas, as próprias e as alheias, a fim de que o sujeito-leitor, de posse de suas experiências, possa contá-las, garantindo as marcas vividas e conhecidas, através do ato de ouvir e de contar histórias.

De posse dos instrumentais referidos, a pesquisa vai sinalizando para a relevância das histórias na constituição leitora, oferecendo possibilidade de olhar o passado e as leituras presentes, entrelaçando-as com outras leituras que retratam o processo leitor, como a do menino Canetti. Tento compreender essa continuidade do processo de crescimento do leitor, no caso dos CPs, e os encontro relacionando a construção leitora com a aprendizagem multisseriada e com o contato entre a professora e os instrumentos de leitura propiciados pela escola: “[...] Desde bem pequeno já tive contato com livros, revistas, estorinhas, etc. Aprendi a ler quando a minha mãe preparava aula para seus alunos [...]” (Demilton). Ou então:

Eu me constitui leitor da seguinte forma, fui incentivado bastante a ler, a principal pressão foi a minha professora Irene, que até hoje não esqueço, pois ela incentivava a gente a prática da leitura, através das práticas de livros, textos, poemas e a prática da leitura através de desenhos, pois cada desenho que eu fazia tinha um sentido e retratava alguma coisa. [...] (Edilson).

As lembranças escolares trazem o ato de ler e de escrever pelo alfabeto em contato com os irmãos, parecendo falar da escola, continuidade da família, cuja relação de aproximação permitia que a criança fosse guiada pela “mão” da professora, para o desembaraço da escrita. Essa prática, descrita por Silvanete, constituiu, em tempos anteriores, uma vivência comum na alfabetização em terras do sertão baiano:

[...] Mas eu me constitui leitora através do ABC onde a professora Irene foi me incentivando juntamente com meus irmãos mais velhos. Lembro-me da minha inocência de criança com uma cartilha rosa novinha, era muito lindo aquilo, pois eu tinha um sonho muito grande em ser secretária e sempre gostei de ler desde pequena não gostava muito de escrever, mais hoje eu amo escrever e adoro ler. Falou leitura é comigo mesmo, tudo que sou hoje é graça a professora Irene que já pegou na minha mão pra me ensinar escrever o nome. (Silvanete).

Pelas narrativas escritas, as pistas vão sendo desveladas, fazendo-me pensar o ato de ensinar, as leituras da sala de aula, focalizando o reconhecimento ao trabalho das professoras, o discernimento no ato de cumprir tarefas escolares, incluindo as atividades com desenhos, as quais foram descritas como sendo ações de significados e não, apenas, para preencher o espaço vazio proveniente dos desafios em dar conta de séries diferentes em cada sala: “Hoje eu tenho muito que agradecer a professora Irene, pois ela me deu força a quatro anos, ensinando-me a ler e escrever, ler histórias, a aprender o alfabeto, a escrever o meu nome [...]” (Rosilene).

Embora fosse a alfabetização escolar centrada no método silábico, no ensino intuitivo, fosse a contrapartida das relações imbricadas, aparecia “pegar na mão”, parecendo simbolizar companheirismo na vivência entre professor e aluno, contrariando a ideia da alfabetização que toma a sílaba isolada da palavra e do contexto, fazendo-me lembrar o processo de alfabetização descrito pelo menino Graciliano Ramos no conto “Leitura”<sup>64</sup>. Através do ensino intuitivo, portanto, percebo a singularidade do grupo, para garantir o ensino-aprendizagem pautado na vivência das próprias experiências, as leituras da vida.

Para Geraldi (2002), é a leitura fruição do texto, ou seja, para recuperar, pelas experiências de ensino, o ler de forma gratuita, distanciando-se dos controles avaliativos, das fichas a serem preenchidas, muito comuns nas orientações formais do ensino. A defesa é pelos espaços de constituição leitora, seja fora ou dentro da escola, pela possibilidade de ler por ler; ler para propiciar sentido à vida, como

---

<sup>64</sup> Cf. Ref., o conto “Leitura” do livro “Infância”, de Graciliano Ramos, retrata as dificuldades de alfabetização do menino Graciliano Ramos na compreensão das letras, sílabas, palavras. Havia a presença ameaçadora, os castigos e a tão temível “palmatória”. Caso não acertasse a lição, esse instrumento era acionado.

fizeram ou fazem as mães dos leitores da BMAT no ato da contação de histórias ou no incentivo às brincadeiras da localidade.

Ao possibilitar essas e outras leituras pessoais e sociais, falam de experiências reveladoras do conhecimento de si e da vida social, muitas vezes, oriundas dos leitores com pouca escolaridade. Suas experiências têm revelado o quanto essas leituras que antecedem à escola, são relevantes à constituição leitora, fazendo-me pensar: será que não são essas pessoas que irão dar maior sentido às leituras encontradas nos ambientes de formalidade, às vezes, com muita sofisticação e pouco envolvimento entre autores e atores referentes aos projetos de leitura?

A pesquisa parece me colocar em lugares desconfortáveis, levando-me, através das lembranças, aos primeiros contatos com professores rurais, os leigos chamados, pela condição do meu primeiro trabalho, o que também me instigou a chegar até aqui. Daquele tempo até agora, pelo que ressignifico minha vida, na condição de pesquisadora, vejo-me diante de parcerias para o ensino-aprendizagem. Percebo o entrelaçamento dos caminhos, pela experiência tanto dentro da escola, quanto fora dela, pelos leitores dos lugares de leituras não legitimadas, por se colocarem parceiros do saber ler e escrever, do modo que como conseguem dar conta: “[...] Quem me incentivou a ler foi minha mãe, pegava alguns papéis que tinha alguma coisa mais fácil pra mim ensinar e aí ia soletrando as palavras [...]” (Euzivânia).

Vou pelos caminhos, pensando na idéia de Irene, ou seja, de se sentir atriz e de poder representar nos palcos da vida; aprecio quem faz a vida, como se estivesse num grande teatro para buscar estratégias de uma vida melhor. Fui à busca de registros de leituras encontrados na Casa Anísio Teixeira, percebo o incentivo nos trabalhos para dialogar com a arte culinária da região, com as cantigas de roda, com jogos e com brincadeiras, levando-se em conta as músicas da cultura local, atividades econômicas, remédios caseiros, causos, paisagens e a religiosidade: “[...] A Biblioteca Móvel ajudou muito a gente. Ela trabalhava com livros de boa qualidade. A leitura era feita através de textos, poemas, desenhos e pintura, filmes, oficinas, etc.” (Demilton).

É possível ver os livros, antes escassos, circulando entre os leitores das escolas multisseriadas e a adesão a eles é, também, bem livre, dá-se de forma

opcional. As fichas de empréstimo indicam que a maioria tem preferência pelos textos em que escrita e gravuras podem ser combinadas, destacando os gibis como leituras apreciadas. Há, também, os que buscam livros de auto-ajuda e os romances pedidos pela escola, demonstrando entusiasmo pelos textos fílmicos:

[...] Assistimos a bom filme, Hoje é dia de Maria, que relatou uma estória da infância de Maria. Pobre menina solitária com seu pai ela vivia, sua mãe tinha morrido e de saudades ela padecia. Arranjou uma madrasta, lhe castigava com desaforo, Maria fugiu da sua casa, a procura de um tesouro. A infância de Maria, são tantas cenas que tem, escrevemos várias lembranças, da nossa infância também [...]" (Irene e Maria Aparecida).

As práticas de leitura, portanto, são descritas com gosto, entendo que essa conquista é resultado do incentivo da família/ escola, dos ambientes de vivência comunitária e da iniciativa da BMAT, através das leituras: “[...] É preciso ampliar a rede de bibliotecas e difundir a idéia de que esse pode ser um espaço de leitura e não apenas de realização de tarefas escolares [...]” (ABREU, p. 37, 2004). De fato, tomar os espaços bibliotecários como lugar de leituras tem feito da BMAT um espaço valorizado pelos leitores. Se, ao contrário, lhes presta, apenas, o serviço de emprestar livros, uma parte dos colaboradores, prefere ir à busca das suas brincadeiras. Constato essa prática, principalmente por parte dos homens, em um dos encontros de leitura:<sup>65</sup> [...] elas pegam livros para a leitura nos intervalos. Os homens preferem brincar de bola em volta da pequena escola, disputando com os passarinhos o barulho [...].

Encontro os versos pela possibilidade dos recitais, nos encontros desenvolvidos, ou pelos registros nas produções textuais; essa questão já dita, agora aparece de forma visível em várias narrativas escritas. Em forma de quadrinhas ou cantigas de roda, a poesia aparece<sup>66</sup>: “Se não gostaram do que fizemos, favor nos desculpar, pois não somos poetas, queremos retratar, esta manhã tão importante, que acabamos de narrar.” (Elenilde e Silvanete). “Minha casa pegou fogo, corri para não queimar, entrei no cursinho e é aqui que vou morar” (Rosilene, Euzivânia e Carliana).

---

<sup>65</sup> Cf. diário do encontro de leitura da pesquisa (08/01/2008).

<sup>66</sup> Cf. diário do encontro de leitura da pesquisa (15/01/2008).

Essa marca dos CPs garante-lhes um diferencial, ao confrontá-los com outros de ambientes citadinos. Talvez a preferência pela estruturação textual em versos tenha relação com a manifestação espontânea das leituras locais, a exemplo do reisado. Encontro, na tradição do reisado, a Folia de Reis, como orgulho dos comunitários, premiações conquistadas: “[...] Os três Reis quando souberam, viajaram sem parar, ai meu Deus. Cada um trouxe um presente, pra menino Deus saudar, ai meu Deus [...]” (Elenilde e Silvanete). Ao observá-los enquanto se apresentavam, vi que os reisados, pelo improvisado, acolhem os expectadores, mudando as palavras e mantendo o canto dos reis, como repentistas e, na roda de samba, demonstrada na Casa Anísio Teixeira, eles foram envolvendo os participantes na dança e favorecendo a alegria. Eles parecem ter essa necessidade de agregação, conforme fazem com o Terno de Reis. De geração em geração, pela oralidade e com marcas na religiosidade da cultura popular, vão garantindo o seu espaço de vivência cultural. Em diálogo com Caldas (1999), encontro a necessidade de compreensão das próprias especificações culturais. Imbuída dessa ideia, observo, em meio aos CP o espaço, sinalizando como terreno próprio para especificar os feitos culturais, pelo que já fazem e pelo que ainda tendem a fazer <sup>67</sup>.

Talvez, por essa vivência cultural, marca dos leitores, eles tenham sugerido o encerramento dos encontros de leitura através do I Festival Comunitário de Cultura. Para comprovar o que digo, transcrevo parte do longo poema vencedor desse festival: “[...] A leitura em nossa vida. É uma eterna imensidão. Faz-nos transparecer. No meio da multidão. Enfrentar outras fronteiras. Através da imaginação [...]” (Robério). No entrelaçamento das leituras, retomo o diálogo inicial deste texto, em que pai e filho, o menino Canetti e seu pai falam da vida, da profissionalização, sua defesa para que essa escolha fosse feita pelo desejo do filho. Na pesquisa, vejo-me, novamente, diante de espelhos que agregam muitos olhares, muitas histórias, minhas e dos outros, como estilhaços de mil cores que me fascinam pela condição das histórias ouvidas, contadas e, assim, vou sinalizando o momento de parada para enfrentar essa viagem em outros períodos, com novas buscas, encontros, desencontros...

---

<sup>67</sup> Eles disseram como ocorre o encerramento do reisado e, também, já vi, normalmente, após o dia 06 de janeiro de cada ano. Todos os Ternos de Reis da região se encontram, em Caetité, para o Festival de Reis. No dia, na Praça da Catedral, após apresentação dos reisados, acontece a premiação dos ganhadores. (Cf. diário do encontro de pesquisa, dia 29/01/2008).

## **Capítulo IV**

### **SOBRE VIAGENS:**

### **é possível fazer paradas.**

---

“[...] Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.”  
(PESSOA, 2008, p. 11)

#### **4.1 Das questões norteadoras, respostas, possibilidades...**

Em contato com viajantes e sentindo-me, também, em viagem, chego ao momento de fazer paradas. Em mim, parece reafirmar-se a convicção de que uma viagem nunca termina, constatando, nessa itinerância, os espaços de continuidade. Falo, contudo, do lugar empírico desta pesquisa, com a sensação de quem viajou, como ressalta Souza (1999), buscando trazer, na bagagem, não somente um guia de viagem e, sim, a prática de leitura, tida como outro tipo de bagagem para, com isso, poder penetrar melhor na cultura desse lugar. Quis, portanto, pelo entrelaçamento das histórias, minhas, como minha constituição leitora, com as histórias dos CPs e com outras histórias de leitura, compreender as práticas de leitura desenvolvidas pela BMAT.

Ao estabelecer diálogo com ideias reveladoras de grandes viagens, como expressa a epígrafe iniciadora deste texto, em que o poeta elege o mar como interlocutor e espaço infinito de expansão e aventuras, percebo que se fez possível focalizar dificuldades de quem deseja enfrentar desafios, expressando a necessidade de ultrapassá-los. Por esse mecanismo, recorro ao pensamento (DE CERTAU, 1994) que introduz esta dissertação, tendo encontrado, ao lado de outros teóricos, pistas para discutir a formação e a leitura como buscas fundamentais, ainda que sejam aspectos parciais nesta sociedade de consumo.

Aprecio o que se faz possível ao acionar ações da leitura e da escrita e essa ideia da conquista pela aventura de se lançar por caminhos desconhecidos; talvez, por isso, tenha sido esse o motivo que me levou a tomar como propósito a metáfora da viagem, cujo destino propõe ultrapassar fronteiras, seja para dissolvê-las, seja para recriá-las: “[...] A rigor, cada viajante abre seu caminho, não só quando desbrava o desconhecido, mas inclusive quando redesenha o conhecido [...]” (IANNI, 2000, p. 29).

No movimento do ir- e- vir pelos lugares para garantir este estudo, encontro a leitura em espaços de ausência, propiciando as experiências do caminho, não somente as vivências desenvolvidas no momento da viagem, mas também à medida que se recorre a essa aventura. Desses lugares, localizo a cartilha na constituição leitora, representando os impressos encontrados: “[...] comecei a ler em uma cartilha

da alfabetização com textos pequenos e com palavras fáceis de ler e escrever, esta foi a cartilha que eu os meus irmãos tínhamos mais contato [...]” (Juscelma).

A leitura não me interessa como processo de decodificação de sinais, mas como atividade de dar significado ao mundo, a leitura como conhecimento, divertimento, evasão, enredamento num mundo que está em dilatação e é, munida dessa ideia, que vejo o espaço onde vivem os leitores, como chamativo à leitura dos próprios mundos, mundos trazidos pela memória, como lembranças marcantes da infância, sejam elas prazerosas ou não. Assim sendo, falo do espaço da pesquisa, identificado como presenças e ausências, entendendo por presenças as leituras que se dão pela oralidade, tais como as histórias difundidas e as brincadeiras, levando-se em conta a cultura local. Por ausências, percebo as leituras limitadas e as imposições da formalidade no ensino.

Constato que os leitores da BMAT parecem querer, com as práticas de leitura, contrabalancear as faltas identificadas: “[...] A leitura é o melhor caminho, que nos abre uma porta secreta iê, iê, iê, vou ler muito mais. Ah, ah, ah, pela leitura posso ter, ter, melhor desempenho, nossa comunicação vai melhorar, [...]”. (Rosilene, Euzivânia, Carliana). Percebo o discurso interiorizado de que a leitura, quando intensificada, especificamente dos impressos, representa uma espécie de chave, conforme parecem compreender esses leitores, ao trazerem a ideia da abertura da porta secreta ou ao buscar esse modelo de idealização da leitura.

Na discussão das práticas de leitura referentes ao mundo contemporâneo<sup>68</sup>, a escassez tem sido uma delas, talvez, por isso, a difusão da chamada “crise da leitura”, em que os indicativos têm revelado pessoas que não gostam dos livros, nessa ênfase da leitura ideal. Por outro lado, os pensamentos da constituição leitora chegam a essa ideia de ultrapassar os ambientes de escolarização. Assim sendo, desse lugar de paradas, recorro aos pontos que nortearam essa pesquisa para falar de conclusões, sem pretender dar respostas acabadas, mas, sobretudo, para falar em possibilidades, não de todas, mas das que parecem indicar as buscas apresentadas no início dessa viagem, como as práticas de leitura desenvolvidas pela BMAT, junto às escolas rurais do Município de Caetité/BA, têm ou não constituído leitores? Em que espaço de trabalho tem ocorrido essas práticas de leitura nessa

---

<sup>68</sup> Cf. estudos de Abreu (2004).

ideia de constituição leitora? Observando a constituição leitora antes e depois da presença da BMAT, quais elementos caracterizam o sujeito-leitor, levando-se em conta aspectos pessoais e sociais? Como tem sido o processo de constituição leitora desenvolvido pela BMAT e suas relações em ambientes urbanos e rurais?

Em contato com essas indagações é que surgiu essa idéia da viagem que precisa continuar, talvez para a busca de resultados mais definidos, como quem necessita sempre de uma grande motivação para viajar, no entanto, é possível trazer conclusões provisórias, enquanto ações processuais quem sabe já percebendo possibilidades de reconstruções.

#### 4.2 Vi “as pedras florar”

[...] e graças ao bom Deus, aqui também passei por lutas no casamento, mas posso dizer que **vi as pedras florar**. Amo Caetité, terra de gente morar. (Maria Aparecida), (grifos meus).

[...] todos pegavam livros para ler em casa e com isto me deu esperança de conseguir alguma coisa na vida, porque tem alguém para incentivar a gente a continuar estudando. (Demilton).

A biblioteca móvel na nossa comunidade é muito importante, pois desde 2000 que ela vem trazendo inúmeros benefícios para a nossa comunidade; Tais como: a prática de ler, a importância da leitura, muitas dinâmicas, vídeo (filme), desenhos e tantas outras coisas mais [...] (Silvanete).

No diário de Maria Aparecida, ao repensar sua infância, onde está, onde foi morar, inspiro-me para discutir essa ideia expressa por ela, quando diz: “vi as pedras florar”, parecendo expressar travessia. Travessia da vida, porque o lugar de que fala em floração é, também, o espaço de sua moradia, após a difícil infância passada pelas terras do Estado do Paraná. Das experiências rurais em terras baianas, traz lembranças mais prazerosas, nas relações tanto com a família, quanto do trabalho, fazendo-se possível identificar a mulher, mãe e professora no ensino infantil e os seus muitos anos dedicados à educação rural e multisseriada.

Em contato com as narrativas de leitura, conforme fragmentos destacados acima, encontro pistas do modo como os CPs tomaram as práticas de leitura para si. Através delas, percebo sinalização de caminhos, contrabalanceando a difícil relação de si e do social, ao revelar seus pensamentos, no que se refere às relações familiares, escolares e sociais como um todo. De um cenário em que as práticas culturais de leitura são encontradas para gerir o diálogo entre os participantes de lugares situados em ambientes tanto urbanos, quanto rurais, observo a relevância dessa parceria para garantir as relações nos diversos ambientes.

Esse vínculo de tomar a leitura, como expressou Demilton, pelos impressos e com a crença de que, ao idealizá-la, chega-se ao patamar dos leitores reconhecidos pelas leituras, especificamente pelos impressos, também pode ser visto pelo viés de que, estando nos caminhos, pode-se chegar a ações que coloquem esses leitores além dessa ideia do leitor idealizado. Dessa projeção que sinaliza, conforme já dito, o ideal de leitura, em que se colocam em evidência as formas e atividades de ler os textos e se ressaltam os benefícios trazidos pelos promotores da leitura, tem-se o caminho aberto, também pela ação da BMAT, para o desenvolvimento das práticas de leitura, compreendendo-as de forma inventiva e criativa.

Com Silvanete, por exemplo, ao falar da BMAT com significados, diz que foi essa biblioteca que trouxe à comunidade muitos benefícios, não só pelos impressos, mas também pela possibilidade de desenvolvimento das práticas de leitura, combinando instrumentos como os livros, filmes e dinâmicas. Ao observar o lugar de ausências, compreendo melhor o porquê do envolvimento dos leitores com a BMAT e, especialmente, com suas práticas culturais de leitura. Constatado que essas ações constituem raras atividades consideradas relevantes no lugar e, acolhê-las pela participação comprometida, pode ser uma condição para torná-las permanentes nas relações comunitárias.

Portanto, tomá-las enquanto provocação pessoal, tanto de campos internos, quanto externos, tem sido uma defesa no sentido de garantir sua ação como atividade constante em lugares de tantas faltas. Certifico-me de que a BMAT tem cumprido um papel significativo nessa ideia de constituição leitora. Não digo isso pelo fato de facilitar o empréstimo dos impressos que carrega em suas viagens e,

sim, pelo fato de desenvolver práticas culturais de leituras nos espaços em que vêm acompanhando a constituição de leitores.

Em contato com as narrativas de leitura desses leitores, vejo que a imagem de leitor que eles têm é de quem acolhe a leitura pelo entusiasmo e não por obrigação, expressando, talvez, na utilidade da leitura, pela falta de outros atrativos no lugar, o empenho no sentido de trazer para mais próximo de si o que de fato vem para eles, ou seja, as práticas de leitura, seja pela escola multisseriada, ocasião em que dialogou com a cultura local, seja pelas histórias e pelas brincadeiras como as de roda, recorrendo às ações da BMAT para pensar o resgate das práticas culturais referentes à oralidade, como marca da cultura. Desses lugares, eles relacionam a leitura com a vida, tentando tirar dessa experiência os ensinamentos para o enfrentamento cotidiano e os seus desafios:

Para me construir em leitor foi através dos meus conhecimentos e o aprendizado da alfabetização ao primeiro grau e foi através de cartilhas e histórias em livros. A minha professora Maria Aparecida ela foi para mim uma ótima professora, ela me ensinou a escrever e a ler, ela para mim foi muito importante se não fosse ela eu estaria sem saber nada [...] (Anatália).

Muito importante, pois agente conquista um mundo novo. Sem a leitura agente se sente em um deserto, imagina se eu não soubesse ler, como seria que eu estava aqui? Estava parecendo uma tonta (Carliana).

Há muitos anos atrás, a Biblioteca Móvel Anísio Teixeira viajava pelas escolas da região com o objetivo de ensinar aos alunos a importância da leitura e a riqueza que a mesma nos oferece. A Biblioteca investia não somente em leituras de livros, mas também por meio de filmes, histórias e outros meios. E dessa forma nos encheram de conhecimento e de vontade para continuarmos lendo (Robério).

Fica evidente o ato de ler como ação de utilidade, pelas lembranças da escola multisseriada, das histórias e o reconhecimento à dedicação da professora, a qual aparece bem próxima dos seus alunos na tentativa de possibilitar-lhes o conhecimento no ato de ler e de escrever. Sem essas ações, como destaca Carliana, ao se colocar no lugar de quem não tem essas conquistas, a pessoa vê-se em um deserto ou como uma “tonta”. Numa outra linha de pensamento, no entanto,

o leitor imagina-se em um mundo novo, como acena Robério ao falar de BMAT, descrevendo suas ações para lhes favorecer conhecimento e o desejo de continuidade da leitura.

Para confirmar o que digo, busco as narrativas de leitura que compõem os diários organizados por ocasião da culminância da pesquisa, ou seja, no I FESC: “[...] Hoje estamos reunidos no festival de leituras, graças à biblioteca móvel que agiu com formosura [...]” (Rosilene). De outro lado, eles desejam a leitura, também, para o deleite: “[...] Eu quero livros que alegrem a vida, bichos que falem, fadas amigas, lindas histórias de aventura, que tragam ao mundo muita ternura [...]” (Marinalva e Anatália). Com esses registros na mão, observo o entrelaçamento das diversas situações das experiências da vida e, na representação da vida, a busca para se desenvolver em várias direções; seja para instrução e para preenchimento de espaços vazios, seja para agradecimento, a leitura vem para ocupar os lugares de tantas faltas:

[...] Quero ter sempre um pouco de responsabilidade e ser sincera com a leitura na sociedade. Leitura, paz e união é o que deve ter um cidadão, seja feliz com a leitura pra não viver na ilusão. (Rosilene).

[...] Foi tanto divertimento que a nenhum momento não consigo esquecer e antes de mais nada por hoje eu só tenho é que agradecer. Chegou de Caetité com muito amor e fé o pessoal da Casa Anísio Teixeira. Riacho, Riacho, Riacho, mais uma vez Riacho (Rosilene).

[...] A leitura é traduzida pra quem sabe contemplar pois ela mesma nos mostra tudo de belo que há e não nos deixa incerteza de que a vida vai mudar [...]” (Robério).

Na adesão ao programa de leitura, pela dedicação aos trabalhos desenvolvidos, pela organização dos textos, a preferência revela um gosto bem singular pela estrutura poética, haja vista a organização de poemas, as rimas, as paródias, as cantigas, assim também o emprego da linguagem figurada em consonância com a vida campestre: “[...] Voar livre faz parte da nossa vida [...]” (Euzivânia). A leitora expressa liberdade, ao falar em “voar livre”; entendendo suas

palavras e ações pelo gosto de brincar com as palavras e me lembro do poema de José Paulo Paes: “Poesia é... brincar com as palavras como se brinca com bola, papagaio, pião [...]”.

Nesse texto, o poeta diz que bola, papagaio e pião se gastam, mas as palavras não. Então, convida o leitor a brincar de poesia. Quando observo os CPs no desejo de fazer poesia, a impressão que tenho é que eles aceitaram o convite do poeta e, pelas palavras, no lugar da ausência dos brinquedos, experimentam o prazer de vivenciar as práticas de leitura. Falo do ato de ler em que a ideia de leitura designa o ler para o entretenimento, o ler em contato com a natureza e nos campos livres dos espaços rurais, levando-se em consideração o envolvimento tanto do sujeito da leitura, como das condições sócio-históricas em que o leitor se encontra inserido.

A partir de discussões como essa, vejo a BMAT abrindo caminhos para incentivar a leitura, não só para emprestar livros, mas também como condição das práticas de leitura. Desse lugar, a iniciativa do programa de leitura da BMAT parece ter maior relevância, evidenciando uma escolha acertada, ao buscar os espaços, como os lugares das escolas multisseriadas, lugares sem impressos, mas de outras leituras, as quais vêm propiciar o diálogo com outros instrumentos e o encontro das narrativas, tanto as que chegaram, quanto as que estão nas leituras pessoais e sociais dos leitores em que se identificam as brincadeiras e as histórias da cultura local oriundas da oralidade.

O Terno de Reis, por exemplo, manifestação cultural que envolve os leitores, propicia benefícios, como a integração, prazer e o diálogo com outras manifestações culturais, especialmente no período de encontro dos diversos Ternos de Reis da região. Pela prerrogativa de que o ato de ler seja requisito significativo para a prática de leitura, busca-se atentar para o funcionamento do espaço em branco e suas diferentes dimensões para fins de crescimento pessoal e como possibilidade para trocar experiências e repensar a vida:

A biblioteca móvel Anísio Teixeira começou a ter contato com a escola Janir Aguiar no ano 2000. Ela nos trouxe livros interessantes e bons de ler, com a vinda dela neste lugar minha vontade de ler acrescentou, eu sempre tive amor pela leitura. Eu vejo a biblioteca móvel Anísio Teixeira como um instrumento de aprendizagem e respeito, porque lendo você aprende muito e faz o seu futuro mais

feliz, se você é apegado com a leitura tem mais educação, nem todos, mas a maioria, muitos não sabe ler mas gosta da leitura, isso é muito importante. A prática da leitura vem do gostar de ler, se gostar de ler, cria uma prática e a imensa vontade de ler continua. A leitura não é feita só em livros, às vezes você passa em um supermercado, ao olhar para as paredes, você vai perceber muitas palavras que servem muito se você não tivesse lido poderia até cometer um erro. A leitura mim diz coisas importantíssimas. Leitura, nossa estrela guia, nossa vida. (Juscelma).

Os leitores também reconhecem a leitura para a utilidade, como expressa Juscelma, no diálogo do ato de ler imbricado com a vida. Sabe-se que nesse ato de ler primeiro surge a leitura do mundo, depois a leitura da palavra<sup>69</sup>. Nessa ideia, pela leitura imbricada com o seu mundo, não só a leitura feita em livro, mas também para saber entrar e sair em espaços marcados pelas diversas linguagens, Juscelma vem demonstrando, inclusive, intimidade em utilizar essa linguagem em outros sentidos, escolhendo a forma metafórica, ou seja, definindo a leitura como estrela, nossa vida. Estrela lembra brilho, luz, vida, enfrentamento dos desafios da vida, e é com essas tentativas de compreensão das narrativas dos leitores que percebo o crescimento pessoal e social deles, a partir da interferência da BMAT, ao vê-los admitindo ser essa biblioteca um veículo educacional: “[...] Eu vejo a biblioteca móvel como um exemplo educacional [...]” (Geovane). Ou então:

A biblioteca Móvel Anísio Teixeira (BMAT) sempre esteve ao nosso lado, sempre vinha na nossa escola, isto é, quando eu estudava na primária, me lembro que quando a Biblioteca chegava em nossa escola era uma alegria enorme, nem só minha más de todos, afinal iríamos ter uma aula diferente, voltada à leitura, [...] (Marinalva).

[...] A biblioteca móvel Anísio Teixeira para mim é uma forma educacional, pois ela nos passa varias formas e maneiras de ver a educação estudantil para sermos bons educadores futuros. E vejo isso como um exemplo para a educação de todos que dela precisa e procura [...] (Rosângela).

---

<sup>69</sup> Cf. estudos de Freire (1999).

A partir da BMAT, como se evidencia, a forma de relacionamento com a leitura tornou-se mais aprofundada ao favorecer o contato com diversos instrumentos de leitura, sinalizando, por outro lado, um espaço vazio convidativo a pensar ações de leitura mais permanentes e que possibilitem o diálogo com outras ações culturais da região. Havia leitores que pensavam suas histórias de leituras esvaziadas de valorização cultural, pelo fato de serem narrativas vindas da ausência de impressos; essa ideia negativa de sua oralidade já começa a ser discutida pela provocação entre o diálogo das leituras propiciadas pela BMAT.

Em contato com essas narrativas, vejo desvelar leitores que podem se desenvolver ainda mais e, quem sabe, contribuir para a criação e dinamização de espaços culturais, inclusive para acolher o impresso, pelas escolhas dos diversos instrumentos de leitura acessíveis à comunidade. Nesse encontro das práticas de leitura revelando os leitores de lugares marcados pelas ausências e distanciados de estudos legitimados e pelo apoio da BMAT, observo os leitores revelando suas histórias de leitura, demonstrando o quanto estão imbricados com o ato de ler, o qual já está saindo dos espaços menores, além da família e da escolaridade, para ganhar outros públicos, sinalizando pertencimento por sua cultura e o desejo de dialogar com outras.

Então, nessa ideia de tomar as memórias para o conhecimento de si e do social, o ato de trazer lembranças foi algo revelador dos diversos sujeitos imbricados com a pesquisa, implicando vasculhar profundezas, exigindo esforço pessoal e apoio dos que se fizeram inseridos nas histórias de leituras para ajudar a trazer situações reveladoras da constituição leitora, a qual se apoiou nessa provocação. Por ela foi possível favorecer instrumentos de coleta, como os diários, cuja modalidade de texto possibilitou um mergulho mais profundo lembranças e, à medida que a familiarização foi se dando, os leitores trouxeram as experiências rememoradas<sup>70</sup>.

A leitura está no ar, sinto em cada coração, a importância que ela tem na vida do cidadão, não apenas ler em livros, pois só isso não é leitura, os jornais, revistas e músicas, ler também nas gravuras. Alô

---

<sup>70</sup> Cf. estudos de Passeggi (2008).

galera do Riacho, alô galera de Caetité, vamos ler muito mais para o que der e vier [...] (Rosilene).

Aprendo, com o entusiasmo de Rosilene, a vida pelo que “der e vier”, percebendo o quanto faz bem ver a vida pelo que é possível pela condição de se alegrar com poucas coisas, talvez simples, porém significativas, como têm sido recebidas e desenvolvidas as práticas de leituras. Com uma leitura que puxa a outra para o conhecimento de fatos, personagens, espaços, tempos de voltar, olhar o passado e perceber escolhas arbitrárias, decisões inadequadas, ações que poderiam ser diferentes, pelas leituras, como a contação de histórias, chega-se à reconstituição do vivido e às perspectivas acenando mudanças.

Desse lugar, encontro, pelas histórias lidas das mais diversas formas, como fazem avô e neto, personagens representadas pelo grupo de teatro da Casa Anísio Teixeira, o diálogo sobre a leitura e a escrita, pela possibilidade de adaptação do texto de Castanha (1995). Em contato com essa atividade, observo o espaço de representações teatrais, não necessariamente o teatro como lugar exclusivo para essa finalidade e, sim, na associação com outros espaços como a família, a escola, a igreja e a comunidade em geral: “[...] Era uma vez, nos tempos em que vaca preta dava café com leite e galinha nascia dente... Um rei que morava lá pra bandas do Riacho das Vacas. E esse dito cujo rei comia histórias... Comia histórias, Vô? Como assim? [...]”

No desfecho do texto, avô e neto falam da descoberta de que o rei não sabia ler, muito menos escrever, revelando que a conquista dessas ações é condição de não mais comer livros, ao contrário, devorá-los pela leitura. Algo semelhante encontrei, ao observar essa história sendo contada, no diálogo entre avô e neto, e fiquei observando os olhares brilhantes e atentos do público presente, não só dos envolvidos diretamente com a investigação, mas dos que assistiam às atividades de leitura, por ocasião do festival<sup>71</sup>. Vi o quanto as histórias eram, sim, devoradas pelos CPs e o público em geral, o povo que veio prestigiar o evento. Os

---

<sup>71</sup> Cf. diário do dia 27/04/2008, nesse dia, o público que se aglomerou no espaço aberto próximo à Escola Janir Aguiar e à Casa da Associação de Moradores de Riacho da Vaca e foi conduzido a ocupar o espaço da igreja católica da localidade, por ser lugar coberto, o qual garantia o abrigo pelas chuvas que caíam no dia. Desse lugar, pelas leituras culturais, o povo vibrou ao vivenciar esse encontro.

olhares eram atônitos, parecendo esperar novas narrativas para devorá-las insaciavelmente, expressando querer mais:

[...] Eu quero crer na boa leitura, levar os jovens a ter cultura, quero crianças livres sorrindo e aprendendo se divertindo. Leitura encanta a vida, informa, educa, é divertida. Em cada livro um amigo certo, se precisar ter alguém por perto. Eu quero livros que alegrem a vida, bichos que falem fadas amigas, lindas histórias de aventura, que tragam ao mundo muita ternura. (Marinalva e Anatólia).

Quanto ao ato de criação, pela possibilidade das releituras, espelhando-me no trecho da paródia escrita e apresentada por Marinalva e Anatólia, lembro-me do que diz Lajolo a respeito do fim da história: “[...] Frustradas, exacerbadas ou satisfeitas – mas sempre renovadas ao longo da leitura – as expectativas empurram o leitor de uma página para outra, até que se chegue à última. (2004, p. 12). Ao acompanhar os leitores que iam ao encontro de livros para ampliar suas histórias, vejo-os expectantes, querendo ser empurrados, a partir das marcas das práticas de leitura, e, então, entendo a relevância dos espaços culturais de leitura para o diálogo com outras culturas.

Certifico-me de que a criação de espaços culturais de leitura pretende congrega adeptos a partilhar e criar novas parcerias. No entanto, não se pode pretender que todos embarquem nessa aventura. Nesse aspecto, o convite para ser leitor aparece como fruto da escolha, que passa, também, pela motivação de querer ser ou não um leitor. Em consonância com essa ideia de liberdade como desafio da constituição leitora, fico pensando em sujeitos em formação e leitura e em dizeres de agradecimento que mais parecem de reflexão dos CPs, no momento em que o trabalho precisava de paradas: “A leitura é viver. A leitura é sorrir. A leitura é aquilo que interpreta para você”.

Com essa ideia, penso no papel da BMAT e nos desafios de continuidade na realização das práticas de leitura, seja para acompanhamento dos leitores já conquistados, seja na constituição de novos e, nessa reflexão, sinto-me frente às considerações finais, ao trazer, em forma de diário, as implicações desse estudo, levando-se em consideração os desafios de comunidades marcadas por dificuldades, como a falta de impressos.

## **OUTRAS VIAGENS: novas ancoragens**

---

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza. Projeta no espaço e no tempo um eu nômade, reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades. Nessa travessia, pode reafirmar-se a identidade e a intolerância, simultaneamente, à pluralidade e à tolerância [...] “  
(IANNI, 2000, p. 13/4).

Escolho escrever mais um diário, ao pensar esse texto “outras viagens: novas ancoragens”. De viagens em viagens, cheguei a lugares em que a escrita do diário propiciou a mim e, ao que parece, aos CPs, a motivação para pensar não só as questões elaboradas para essa investigação, mas as nossas vidas. Penso que foi, também, a escrita dos teóricos escolhidos que me impulsionou a adentrar por esses caminhos para fazer o diálogo entre as pessoas, as quais se fizeram presentes e parceiras dessa aventura.

Pelo diálogo com a epígrafe escolhida e comungando com as idéias do autor, vejo que carreguei a ideia da viagem para ultrapassar fronteiras. Comigo, agora, de forma bem mais acentuada, penso a relevância das diferenças e das semelhanças para dialogar com os tempos, pessoas, lugares. Por isso, caro leitor, agora chego para convidá-lo, de forma mais particular, a pensar implicações desse estudo, levando-se em consideração os desafios de comunidades marcadas pelas faltas, como as que estão localizadas nessas terras do Alto Sertão Baiano.

Pelas possibilidades de outras viagens, nessa idéia de revelação e de recriação das identidades para o diálogo do que é singular e plural, sistematizei um pouco do que ficou dos significados extraídos da realização do projeto e dos pontos que nortearam a pesquisa “Entre viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira”, desenvolvida no Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, a qual me levou a pensar respostas, não as acabadas; ao contrário, a pensar alternativas que surgiram das buscas apresentadas no início da viagem.

Falo da ação motivadora, quando desenvolvi o estudo e dos momentos em que pensava os objetivos propostos, ou seja, compreender como as práticas de leitura desenvolvidas pela BMAT, junto às escolas rurais do Município de Caetité/BA, tem ou não constituído leitores, observar a constituição leitora antes e depois da presença da BMAT, na perspectiva de identificar elementos caracterizadores do leitor e seus aspectos pessoais e sociais e, ainda, analisar o processo de constituição leitora desenvolvido pela BMAT, levando-se em conta as relações em ambientes urbanos e rurais.

Destaco as narrativas dos CPs, através das quais as leituras confirmaram as singularidades das experiências e a não linearidade dos caminhos percorridos, revelando a família e os seus espaços imbricados como guardiãs das histórias,

muito mais do que as escolas, as quais, talvez, estejam distanciadas da escuta referente aos desejos pessoais e sociais. Com os eixos de pesquisa, a leitura e a formação, procurei estabelecer campos de análise e, por eles e com o método autobiográfico, acesso as narrativas dos alunos e professores do ensino rural de Caetité, enquanto leitores da BMAT para compreender o processo de constituição leitora desenvolvido.

Compreendi, então, a partir da experiência dessa escuta, que o conhecimento só se dá na partilha, no contato com o outro e, no caso da pesquisa, com narrativas reveladoras de outros tempos e de outras vivências. Por elas, percebi as possibilidades de contação e de recriação das histórias de leituras. Encontrei os leitores pensando a leitura numa visão idealizada, mas sendo fortalecidos para pensar sua cultura e seu espaço numa visão de quem já sinaliza querer pensar o que é pertencimento.

No aporte do referencial teórico-metodológico, senti-me conduzida a perceber os sentidos das experiências pessoais e sociais dos leitores, desde os espaços, como a família e escola e, também, do ir- e - vir nas relações referentes à vida urbana e rural. Esses lugares foram revelando histórias impregnadas de ações como as brincadeiras, cantigas, músicas, danças e o modo de constituição leitora, as leituras antes e depois da BMAT.

Pelos encontros de leitura, na discussão e elaboração das narrativas, cada leitor foi se reconhecendo, enquanto sujeito histórico, na medida em que ia reconstruindo sua história de leitura, criando e apresentando o diário, enquanto registro dos encontros desenvolvidos. Percebi no trabalho desenvolvido com história de vida, o quanto o contato mais direto com os campos pessoais em discussão com os contextos sociais, foi singular para o entrelaçamento de histórias, tanto as minhas, quanto dos outros leitores, cujas semelhanças e contradições, possibilitaram-me adentrar na singularidade das narrativas.

Da escuta a essas histórias de leitura desenvolvidas pelos CPs do estudo, encontro experiências de vida e, dessas leituras, fui enumerando implicações anunciadas pelos leitores, quando revelavam as práticas culturais de leitura da BMAT, as quais foram desenvolvidas, na localidade, desde o começo do seu projeto de leitura. Busquei, a partir daí, interpretar o entusiasmo dos leitores com a realização das atividades de leitura da BMAT, não, necessariamente, pela leitura do

livro, mas, sobretudo, pela possibilidade de recriá-la pela vivência de ações, como a contação de histórias, a produção de textos, especialmente, dos poemas dos quais, posso dizer, constituíram a preferência dos leitores.

Com as narrativas e os diários desenvolvidos nos encontros de leitura e o trabalho de análise das fontes, compreendi que existem caminhos a serem percorridos com ações de leitura, a exemplo do que vem fazendo a BMAT para pensar, contar, ler e escrever histórias, não importando muito o lugar de onde elas chegam. As histórias são apreciadas tanto da oralidade, quanto da cultura letrada, importando sim, a soma das experiências singulares em consonância com as plurais.

Aprendi com o processo de escuta e análise das narrativas a reafirmar a idéia da leitura pela expressividade do ato de ler e não como práticas avaliativas e enfadonhas, muitas vezes, adoção encontrada em ambiente escolar mais formal. Da recuperação das lembranças de um tempo de marcas da fantasia e da imaginação, pelas experiências de ouvir histórias em contato com o meio familiar e nos espaços das escolas da infância, lugares em que havia a garantia das brincadeiras e da contação de histórias, encontrei as muitas lembranças, inclusive as minhas e, através delas, várias vezes, vi-me no espelho dos leitores da BMAT.

Deste lugar e com essas marcas comecei a perceber o processo de mudança acontecendo nas situações cotidianas, o qual parece ter surgindo pelas marcas imbricadas dos desafios e conflitos inerentes ao trabalho de formação e de pesquisa. Destaco esses momentos como importantes, porque, deles, vi atividades interessantes nascerem e senti-me instigada a conhecê-los melhor. Certifiquei-me de que as ações propostas se tornaram mais relevantes, pela acolhida e pela participação dos CPs. Pela realização das leituras e pela escrita do diário, vi novas ações se fortalecendo. Sobre essa questão, destaco o dia em que a improvisação aconteceu, perto do riacho, não mais seco, naquele momento, sendo impedimento da passagem da biblioteca móvel em virtude das chuvas caídas ou, então, no momento da realização dos encontros de leitura, no dia do festival, em que poemas e músicas (IFESC) garantiram o envolvimento dos comunitários.

Posso dizer o quanto se faz significativo enfrentar obstáculos na experiência da vida, tomando-os, como aprendizagens, as quais, muitas vezes, são indicadores de mudanças necessárias. No que se refere ao trabalho desenvolvido, mapear

obstáculos e sinalizar ações, no sentido de ampliar a parceria com o programa de leitura da BMAT, através da organização dos encontros de leitura para o diálogo com as experiências pessoais e sociais dos leitores, foram, também, importantes para a continuidade do trabalho de leitura e de práticas culturais de leitura empreendidos na zona rural de Caitité.. Encontrei em terras de ausências, como a falta de impressos para as leituras, o ato de ler como presenças e percebi os leitores nessa idéia de sonhar com outros mundos para, ao menos, pensar os lugares do desejo.

Desses espaços, falo da relevância do diálogo entre histórias de leitura oriundas da oralidade e outras como as leituras vindas dos impressos e, daí, ouvi o grito de quem deseja ampliar o projeto da BMAT, indicando a leitura, não só para a utilidade, mas também como oportunidade de diálogo com sua cultura. Embora não possa dizer que o programa de leitura da BMAT seja uma proposta ampla que dê conta de atender a realidade da educação rural do município, com área relativamente grande e com características semelhantes ao lugar empírico da pesquisa, considereei a necessidade de ampliação desse projeto, ainda que seja para os lugares em que as escolas multisseriadas foram desativadas.

Percebi que a constituição leitora da BMAT é considerada proposta relevante e muito aceita, como tem revelado seus leitores, os quais, às vezes, tomam-na como utilidade; às vezes, como entretenimento e lazer, parecendo, com isso, querer dialogar com as razões de se ler. Ressalto a parceria dos leitores da BMAT com a Casa Anísio Teixeira, momento em que assumiram o compromisso da busca de apoio, no sentido de criar o espaço de cultura no lugar em que funcionava a Escola Janir Aguiar, inclusive como sala de inclusão digital, esperando contar com instituições parceiras, a exemplo das Indústrias Nucleares do Brasil – INB.

Entendo essa busca, enquanto cobrança, contrapartida para que o lugar receba, também, os investimentos culturais. Nesse aspecto, posso dizer que o patrocínio representa uma forma de suavizar as perdas identificadas na comunidade e, do diálogo com os instrumentos de leitura, poder pensar o desenvolvimento da vida. A proposta assumida pela Casa Anísio Teixeira possibilitou organizar as leituras e propiciar atividades como o registro local, seja pela exposição dos instrumentos de leituras da comunidade (livros, materiais do reisado, as produções já desenvolvidas, fotografias) e/ou para dinamizar as práticas culturais de leitura,

com ênfase em parcerias realizadas, tendo em vista a ampliação das práticas de leitura na comunidade.

Posso falar, portanto, desse espaço de cultura como uma iniciativa que já está em andamento pela sala reformada, contando com o apoio da Casa Anísio Teixeira e da INB. Essa ação pode ser compreendida como expansão de conquistas oriundas da realização dos encontros de leitura no referido estudo. Não poderia deixar de falar da relevância dessas iniciativas com as práticas culturais de leitura pela força do diálogo entre os comunitários, que tendem a aceitar sua condição, quando não recebem o apoio ou incentivo para fazer, ao menos, o que for possível.

Desses espaços, falar, também, em presenças, pelas práticas culturais de leitura como geradoras do sentido à vida e como reconhecimento da diversidade cultural, é certificar-se da possibilidade de diálogo para pensar a valorização do que é singular e plural. Assim sendo, em ambientes citadinos ou rurais, pela condição das viagens como idéia de dissolver e recriar fronteiras, como acena Ianni (2000), encontro o convite para visitar os diversos espaços de leitura e, daí, pensar e projetar, no espaço e no tempo, as leituras, suas práticas culturais e novas experiências em outras travessias.

Sei que essa escolha é feita pela condição de ser leitor-viajante, cabendo a cada um a liberdade para buscar o caminho que deseja trilhar, decidindo, portanto, o que pretende carregar, enquanto bagagem. Entendo, porém, que nessa decisão, cabe o convite para enfrentar os desafios de conhecer as narrativas de leitura, como esse em que, em viagem, agora, é tempo de parada. Desse lugar, sinto-me a vontade para reafirmar o convite, caro leitor, e embarcar, também, nessa aventura.

Em maio/2009.

Zélia Malheiro Marques

## **REFERÊNCIAS**

---

ABREU, M. Os números da cultura. In: RIBEIRO, V. M. **Letramento no Brasil**. São Paulo: global, 2 ed. 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). Percursos da leitura. In: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007 , pp. 9-15.

ARROYO, M G. et al (Org). **A educação básica e o movimento social do campo**. Brasília, DF. Articulação Nacional “Por uma educação do campo”, 1999. (Coleção: Por uma educação do campo).

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes,1993, pp. 22-53.

BARBOSA, R. L. L. (Org.). **Formação de educadores: desafios e perspectivas**. São Paulo: UNESP, 2003, 503p.

BARRETO, A. M. **Memória e Leitura: as categorias da produções de sentidos**. Prefácio de Vanda Angélica da Cunha. Salvador: EDUFBA, 2006, 192p.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburgl. São Paulo: Perspectiva, 2006, 78 p.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, vol.1. Trad. Sérgio Paulo Sérgio Rouanet. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 198-199.

BELO, A. **História & Livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, 116p.

BELTRÃO, L. M. F. Livros na escola: a proteção e a articulação. In: Encontro de leitura e literatura da UNEB, 25 a 27, out., 2007. Salvador. **Anais do II ELUNEB**, Salvador: II ELUNEB, 2007.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. (Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Loriatti). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, pp. 15-35.

BUENO, A. Literatura e vida nas cidades: sentidos da imaginação. In: MARQUES, Reinaldo e BITTENCOURT, Gilda Neves (Org.). **Limiares críticos, ensaios sobre literatura comparada**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 243-253.

CALDAS, A. L. **Oralidade, texto e história: para ler a história oral**. São Paulo, Brasil: Loyola. 1999, 133p.

CANETTI, E. **A língua absolvida. História de uma juventude**. Trad. Kurt Jahn. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 309p.

CATANI, D. B; BUENO, B. A. O. e SOUSA, C. P. de – “O amor dos começos”: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, nº 111, pp 151/171, dezembro, 2000.

CASTANHA, M. **O rei da fome**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. (p. 269/270).

CHARTIER, R. (org). Do livro à leitura. In: \_\_\_\_\_. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, pp. 35-73.

\_\_\_\_\_. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2007, pp. 19-31.

CHENÉ, A. A narrativa de formação e a formação de formadores. In.: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988, pp. 90-97.

CORDEIRO, V. M. R. Itinerários de leitura no espaço escolar. **Revista da FAEEBA**, Salvador, v.1, n.1, p. 95-102, jan./jun.1992.

\_\_\_\_\_. Os bastidores da leitura: práticas e representações ou do lixo à biblioteca. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA – II CIPA, Setembro, 2006. **Anais do CIPA**, Salvador, 2006.

DOMINICÉ, P. O Processo de Formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988, pp. 53-61.

ESTRELA, E. S. **Os sampauleiros: cotidiano e representações**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP: FAPESP: Educ, 2003, 256p.

FARIA, Z. de. Mallarmé: concepções de leitura. In: MARQUES, R; BITTENCOURT, G. N. (Orgs.). **Limiares críticos: ensaios sobre literatura comparada**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, pp. 227-242.

FERNANDES NETO. O. **Teodoro Sampaio e a Chapada Diamantina: trechos da expedição de 1879/1880**. Pinturas e projeto, Otoniel Fernandes Neto; textos, mapas e desenhos, Teodoro Fernandes Sampaio; fotografias, Eduardo Rodrigues Peixoto; introdução: José Carlos Barreto de Santana; Tradução, Dorcas Lúcia Temorio e Rachael Anneliese Radhay. Brasília: Ed. do autor, 2005, 114p.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In.: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988, pp.19-34.

FINGER, M. As implicações sócio-epistemológicas do método biográfico. In: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

FRAGO. V. A. Relatos y relaciones autobiográficas de profesores y maestros. In: BENITO, A. E. y DÍAZ, J. M. H. **La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educación deseada**. Valencia:Tirant, 2002, pp. 135/175.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GALVÃO, A. M. O. e BATISTA, A. A. G. (ORG.). **Leitura: práticas, impressos, letramentos**. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 168p.

GATTAI, Z. **Anarquistas, graças a Deus**. 12 ed. Rio de Janeiro: Record, 1987, 271p.

GERALDI, J. W. Prática da leitura na escola. In: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2002, 136p.

GOMES, R. C. Cidade e identidade nacional na narrativa brasileira contemporânea. In: ANDRADE, A. L.; BARROS, M. L. C. e ANTELO, R. **Leituras do Ciclo**. Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos, 1999, pp 223-232..

GUMES, M. L. **Caetité e o “clã” dos Neves**. Salvador: 1975, 185p.

GUMES, J. **A Penna**. Ano V, N 113, p. 1, Col. 1,2 e 3, Caeteté – quinta-feira, 15 Jun, 1916.

HALBAWAHS. M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértices, 1990, 189p.

HESS, R. Momento do diário e diário dos momentos. In: SOUZA, E. C. e ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, pp.89-103.

IANNI, O. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 12-232.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito – ao sujeito da formação. In.: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988, pp.37-50.

\_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. Prefácio António N.; revisão científica, apresentação e notas à edição brasileira Cecília Warschauer; tradução José Claudino e Júlia Ferreira; adaptação à edição brasileira Maria Vianna. – São Paulo: Cortez, 2004, 285p.

KOEHNE, A. **História do Cinema em Caetité. Breve histórico do cinema em Caetité**. Divisão de Cultura da Sec. Municipal de Educação. Caetité: 2003. Disponível em: [WWW.caetite.ba.gov.br/históriacinema.htm](http://WWW.caetite.ba.gov.br/históriacinema.htm). Acesso em 06 out. 2004.

LACERDA, L. de. **Álbum de leitura; memórias de vida, histórias de leitura**. São Paulo: UNESP, 2003, 498p.

LAJOLO, M. Carlos Drummond de Andrade: uma história exemplar de leitura. In: \_\_\_\_\_. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005, 112p.

LAROSSA, J. Literatura, experiência e formación. In: \_\_\_\_\_. **La experiencia de la lectura: estudos literatura y formación**. Barcelona: Fondo de Cultura, 2003, pp 25-54.

LISPECTOR, C. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

LOBÃO, M. T. N. Apresentação (1965). In: NEVES, M. J. das. **Lavras Diamantinas**. Romance 1870. Salvador: Oficinas Gráficas da Fundação Gonçalo Moniz, 1 ed.1967.

LOBATO, M. **Reinações de Narizinho**. – 16ª reimpressão da 48ª edição de 1993. São Paulo: Brasiliense, 2005. – (Sítio do Picapau Amarelo)

LLOSSA, M. V. **A verdade das mentiras**. Tradução Cordélia Magalhães. São Paulo: ARX, 2004.

LOPES, E. M. T. Memória e estudos autobiográficos. In: ABRHÃO, M. H. (org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004, P. 225-242.

MACHADO, A. M. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 145p.

- MAGNANI, M. A. **Leitura, escola e sociedade**. 2 ed. São Paulo: FDE. Diretoria de Projetos Especiais. 1994. (Serie Idéias, 13).
- MEIHY, J. C. S. B. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MELO, O. C. **A invenção da cidade, leitura e leitores**. Goiânia: Ed. UFG, 2007, 246p.
- MENDES, B. de J. **A festa do Dois de Julho em Caetité, do cívico ao popular**. Caetité: Gráfica Castro, 90 p. 2002.
- MINDLIN, J. O bibliófilo e a leitura. In: ABREU, M. (Org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 2007, pp. 101-114.
- MORAES, A. A. de A. **Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação**. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000, 238p.
- MURRAY, Roseana. **Receita de olhar**. São Paulo: FTD, 1997. Savary. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- NEVES, E. F. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio** (um estudo da história regional e local). Editora da Universidade Federal da Bahia - Salvador - Bahia; Feira de Santana - Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana, 1998.
- NEVES, M. J. das. **Lavras Diamantinas**. Romance 1870. Salvador: Oficinas Gráficas da Fundação Gonçalo Moniz, 1 ed.1967.
- NEVES, F. **Rescaldo de Saudades**. Academia Mineira de Medicina. Belo Horizonte, 1986, 78p.
- NÓBREGA, N. G. da. De livros e bibliotecas como memória do mundo: dinamização de acervos. In: YUNES, E. **Pensar a leitura: complexidade**. (Org.). Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, pp 120-135.
- NÓVOA, A. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no projecto Prosalus. In.: NÓVOA, A. e FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa MS/DRHS/CFAP, 1988, pp 109-129.
- NÓVOA, A. **Vida de Professores**. Porto: Porto Ed. 1992, 215p.
- \_\_\_\_\_. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: EDUCA 2002, pp. 49-65.
- ORLANDI, E. P. **Discurso & Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.
- ORNELLAS, M. de L. S. **Afetos manifestos na sala de aula**. São Paulo: Annablume, 2005, 245p.
- PAES, J. P. **Poesias para crianças: um depoimento**. São Paulo: Giordano, 1996.
- PAULINO, G. et al. **Tipos de textos, modos de leitura**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001, 163p.

\_\_\_\_\_. Saberes literários como saberes docentes. In: **Presença Pedagógica**, v. 10. N. 59, p. 55-61, set. /out. 2004.

PEREIRA, M. I. G. G. Práticas educativas, territórios e biografização: reflexões a partir da educação rural. In: PASSEGGI, M. da C. (Org.). **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, pp. 145-164.

PEREIRA, I. G. G.; SCHALLER, Jean-Jacques. Centro Interuniversitário EXPERICE: um olhar ampliado sobre educação. In: SOUZA, E. C. de; PASSEGGI, M. da C. e ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica e práticas de formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008, pp. 211-228.

PESSOA, F. A. N. **Poesias**. Organização de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2008, 134p.

PINEAU, G. Experiências de aprendizagem e Histórias de vida In: Carré, P.; Gaspar, P. **Tratado das Ciências e das Técnicas de Formação**. Col. Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. As histórias de vida como artes formadoras da existência. In: SOUZA, E. C. e ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, pp. 41-58.

PINHO, A. S. T. de. **A heterogeneidade fundante das classes multisseriadas do meio rural**: entre a persistência do passado e as imposições do presente. 2004. Dissertação (Mestrado) - UNEB/Salvador, 2004.

PIRES, M. de F. N. **O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830 -1888)**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

PITA, E. N. Hino a Caetité (12/08/1962). In: **Selecta Acadêmica. Revista da Academia Caetiteense de Letras, ACL**. Caetité, pp.9, out., 2001.

POIRIER, J. et al. **Histórias de vida: teoria e prática**. Trad. De João Quintela. Oeiras: Celta, 1999, 181p.

POMPOUGNAC, J.C. Relatos de aprendizagem. In: FRAISSE, E. et al. **Representações e imagens da leitura**. São Paulo: Ática, 1997, p.14-55.

RAMOS, G. **Infância**. 7. ed. São Paulo: Livraria Martins, Editora S.A., s/d.

\_\_\_\_\_. **Vidas Secas**. 66 ed., São Paulo: Record, 1994.

ROCHA, M. F. S. Acróstico – Mulheres. Escola Família Agrícola de Correntina – BA. In: **Agenda 2004**. Escolas Famílias Agrícolas – EFA – A serviço da prevenção e do desenvolvimento sustentável solidário. UNEFAB (União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil). Brasília, 2004.

SANCHES, NETO, M. **Chove sobre minha infância**. Rio de Janeiro: Record, 2000, pp 9-36.

\_\_\_\_\_. **Herdando uma biblioteca**. Rio de Janeiro: Record, 2004, 140p.

SANTOS, H. L. **Caetité – pequenina e ilustre**. Salvador: escola Gráfica N. Sra. Lorêto, 1976.

SANTOS, P. H. D. **Cidade e memória: dimensões da vida urbana – Caetité – 1940-1960.** 2001. 203 p. Dissertação (Mestrado) – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2001.

SARAIVA, A. J. & LOPES, O. **História da literatura portuguesa.** 13 ed. Lisboa: Porto Editora, 1955.

SILVA, L. L. M. da. **Entre leitores: alunos, professores.** Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

SILVA, E. T. da. **O ato de ler: fundamentos para uma nova pedagogia da leitura.** 9 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Leitura na escola e na biblioteca.** 9 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004, 115p.

SILVEIRA, J. F. da. Casa, cidade e nação: lugar ou impossibilidade. In: ANDRADE, A. L., BARROS, M. L. C., ANTELO, R. (Orgs.). **Leituras do ciclo.** Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos, 1999, pp 233-254.

SODRÉ, M. et al.. Ciclo do perigo, impactos da produção de combustível nuclear no Brasil. **Revista da Associação Civil GREENPEACE.** Out., 2008.

SOUZA, E. de. O não-lugar da literatura. In: ANDRADE, A. L., BARROS, M. L. C., ANTELO, R. (Orgs.). **Leituras do ciclo.** Florianópolis: ABRALIC; Chapecó: Grifos, 1999, pp 107-114.

SOUZA, E. C. de. Epistemologia da Formação: políticas e sentidos de ser professor no século XXI. In: **Presente revista de Educação** CEAP. Salvador, CEAP, ano 13, pp.19/24, mar/ mai., 2005.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006, 184p.

SOUZA, E. C. de; CORDEIRO, V. M. R. Por entre escritas, diários e registros de formação. **Revista de educação PRESENTE,** Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, Salvador, Ano 15, n. 2, p. 44-49, jun/2007.

SOUZA, R. A. F. **Um pouco da nossa história.** Caetité: Gráfica Castro LTDA, 2005.

TEIXEIRA, A. **Educação para a democracia: introdução à administração educacional.** Apresentação de Luiz Antônio Cunha, 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

VASCONCELOS, J. M. de. **Meu pé de laranja lima.** São Paulo: Melhoramentos, 2007.

YUNES, E. (Org.) **Pensar a leitura: complexidade.** Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, 178p.

ZILBERMAN, R. Bibliotecas: escolhas e acervos. **Revista da FAEEBA,** Salvador, v.1, n.1, p. 191-195, jan./jun.1992.

## **APÊNDICES**

---

**APÊNDICE A**  
**DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO**

**Declaração de compromisso**

Eu, \_\_\_\_\_ estou ciente de que, assumindo esse compromisso, serei colaboradora da mestranda Zélia Malheiro Marques com a pesquisa ENTRE VIAGENS, LEITURAS E LEITORES: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira. Para tanto farei a pesquisa e desenvolverei dez encontros de leituras para a escrita dos diários, entrevistas, estando de acordo com o registro e gravação das atividades produzidas.

Autorizo a utilização dos dados para fins acadêmicos e de pesquisa, podendo publicar a minha identidade.

Após a análise dos dados, terei a oportunidade de ler o tratamento dado a estes, antes da divulgação do texto da dissertação.

Caetité, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do participante)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do pesquisador)

## APÊNDICE B

### FICHA SINALÉTICA

**Vida pessoal e profissional dos colaboradores da pesquisa.  
Escolas rurais (Janir Aguiar e Altair Públio).  
Comunidades de Riacho da Vaca e Carambola  
Município de Caetité – Bahia.**

Pesquisa: Entre viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira.

Município: Caetité - Bahia

Nome	Idade	Formação pessoal	Formação profissional	Experiência (Formação leitora)	Experiência (práticas de leitura com a BMAT)	Telefone E-mail
Ex. Silvanete Maria de Jesus	20	Vive em Riacho da Vaca, lugar onde fez os estudos primários (escola multisseriada)	3 série – Ensino Médio (em Maniaçu, distrito próximo à comunidade e onde vive. Trabalho nos afazeres da casa dos pais.	Gosta e lê a bíblia, romances,... Define a leitura como uma ação que se pratica lendo(livros, a própria vida e outras histórias.	Conheceu a BMAT, a partir do ano 2002; acha que as visitas da biblioteca são poucas...	7734544008

## APÊNDICE C

### ENCONTROS DE LEITURA

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc**  
**ORIENTAÇÃO: PROFESSORES DOUTORES: Elizeu Clementino de Souza e**  
**Verbena Maria Rocha Cordeiro.**  
**MESTRANDA: Zélia Malheiro Marques.**

#### ENTREVISTA: PERFIL DO GRUPO DE TRABALHO QUEM SOU EU?

Nome: \_\_\_\_\_ Nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_;  
Idade: \_\_\_\_\_; Sexo: \_\_\_\_\_;  
Endereço residencial: \_\_\_\_\_.  
Cep: \_\_\_\_\_; fone: \_\_\_\_\_; e-mail: \_\_\_\_\_.  
Escolaridade: \_\_\_\_\_; Escola: \_\_\_\_\_  
Endereço escolar: \_\_\_\_\_.  
Diretor (a) da escola \_\_\_\_\_.

Você trabalha? (        ) Sim (        ) Não. Há quanto tempo?

\_\_\_\_\_.  
Instituição: \_\_\_\_\_  
Função que desempenha: \_\_\_\_\_.  
Endereço: \_\_\_\_\_.

#### CONHECENDO A MINHA PRÁTICA LEITORA:

1. O que gosto de ler e leio:
2. O que gosto de ler e não leio:
3. Não é do meu gosto, mas leio:
4. Não gosto de ler e não leio.

#### QUESTÕES GERAIS:

1. Quando começou o contato com a Biblioteca Móvel Anísio Teixeira? Até hoje tem vínculo com os programas de leitura? Comente, procurando apontar aspectos positivos e negativos desse trabalho.
2. Que expectativas você tem a respeito do programa de leitura que será desenvolvido a partir de agora?
3. Quais objetivos você espera cumprir durante o desenvolvimento do programa de leitura?
4. Use o espaço a seguir e o verso para algumas sugestões necessárias.

## **APÊNDICE D**

### **ENCONTROS DE LEITURA**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc**  
**ORIENTAÇÃO: PROFESSORES DOUTORES: Elizeu Clementino de Souza e**  
**Verbena Maria Rocha Cordeiro.**  
**MESTRANDA: Zélia Malheiro Marques.**

### **PROGRAMAÇÃO DOS ENCONTROS DE LEITURA PARA A PESQUISA**

#### **PRIMEIRO ENCONTRO - Experiências de si (identidade pessoal)**

Dia: (08/01/2007; terça-feira, das nove às 12 horas)

Atividades:

- 1. Acolhida:** vivência “filosofando” – conhecendo o grupo e apresentando a proposta de leitura:
  - escrever o próprio nome, três características físicas, três psicológicas e um fragmento de algum texto que direciona a própria vida – quem sou eu?
  - Socialização das atividades;
- 2. Entrevista:** cada participante receberá o roteiro a ser respondido posteriormente a respeito de questões referentes à pessoa e a comunidade.
- 3. Criação do diário dos encontros:**
  - explicar como funciona o diário;
  - escolher a dupla que irá escrever o diário do primeiro encontro.
- 4. Leitura do texto:** “Histórias de um nome” – Miguel Sanches Neto;
- 5. Produção de texto:**
  - desenhar, no papel em branco, o contorno da própria mão e escrever no centro do desenho o próprio nome e, nos contornos dos dedos, cinco palavras que estão ligadas ao texto lido;
  - socialização dos textos produzidos, reflexão e montagem de painel com as mãos desenhadas.

#### **SEGUNDO ENCONTRO - Experiências de si (identidade pessoal)**

Atividades:

- 1. Apresentação do diário** feito pela dupla escolhida no encontro anterior;
  - escolher nova dupla para produzir o diário desse segundo encontro.
- 2. Apresentação da música:** “Caçador de Mim” – Milton Nascimento – (além da audição, os participantes receberão a letra da música – texto de Sérgio Magrão/Luiz Carlos Sá).
  - produção de texto verbal ou não-verbal a respeito da música “Caçador de Mim” – Quem sou eu;
  - socialização das produções.

### 3. Leitura protocolada do texto “Maria Negra” – Zélia Gattai.

- Comentários sobre o texto, questões da identidade pessoal e referências sobre a autora;

- socialização das produções a respeito da questão: Por que eu me chamo fulano (a)?

4. Vivência: em círculo e, a partir de refrão de músicas, responder cantando questões como: quem sou eu? O que eu gostaria de ser?

5. Em casa, investigar juntamente com os familiares o porquê da escolha do próprio nome - Por que eu me chamo fulano (a)?

- escrever essa história e trazer para o próximo encontro.

## **TERCEIRO ENCONTRO - Experiências de si (identidade pessoal)**

Atividades:

1. Apresentação do diário feito pela dupla escolhida no encontro anterior;

- escolher nova dupla para produzir o diário desse terceiro encontro.

2. Apresentação do texto “Aluna do Telhado” – Clotilde do Carmo - do livro “Álbum de Leitura” de Lílian Lacerda;

- comentários sobre o texto, questões da identidade pessoal, contatos com o livro e referências sobre a autora;

- Reconstruindo a memória pessoal: leitura para mim é...; desenhe algo que represente a leitura; um cor; um sentimento; um animal; um ritmo musical; um tipo de comida; parte do corpo humano; objeto inanimado; uma pessoa; uma idéia que represente a leitura;

- socialização das respostas e comentários.

3. Oficina de poesia – poemas de Roseana Murray: “Receita de dizer o nome”, “Receita de se olhar no espelho”, “Receitas de olhar”;

- distribuir os versos para cada grupo e depois orientá-los para montagem da dramatização;

- socialização das dramatizações dos poemas.

## **QUARTO ENCONTRO - Experiências de si (identidade pessoal)**

Atividades:

1. Apresentação do diário feito pela dupla escolhida no encontro anterior;

- escolher nova dupla para produzir o diário desse terceiro encontro.

2. Organização de uma caixa de leitura a partir de textos pessoais como: as próprias narrativas, fotografias, causos, objetos pessoais, dentre outros;

- fazer a exposição desses instrumentos de leitura para que possam ser contemplados pelos participantes e outros que vierem visitar o local.

3. Leitura - fragmento do livro “A língua absolvida, história de uma juventude” – Elias Canetti – “Minhas primeiras recordações” e “Orgulho de família” (p. 52 a 53);

- comentários sobre o texto, contatos com o livro e referências sobre o autor.

5. Leitura do texto “Felicidade Clandestina” – Clarice Lispector:

- comentários sobre o texto e referências sobre a autora e sobre o livro mencionado “Reinações de Narizinho” – disponibilizá-lo para empréstimo entre os participantes;

- produção de texto: narrativa referente ao processo de como cada participante se fez leitor, procurando responder questões como: como me constituí leitor (a)? Quem

me incentivou a ler? Quais práticas de leitura eram desenvolvidas na minha infância? Que implicações esses fatos identificadores causam em mim?

6. Em casa, investigar juntamente com pessoas conhecedoras da comunidade o porquê da escolha do nome da comunidade onde nasceu. Quem escolheu esse nome? Há lendas em torno disso?... Anotar o que for possível e produzir o texto: Eu nasci...

### **QUINTO ENCONTRO - identidade social.**

Atividades:

1. Apresentação do diário feito pela dupla escolhida no encontro anterior;  
- escolher nova dupla para produzir o diário desse quarto encontro.
2. Socialização dos textos produzidos: Eu nasci...
3. Teatro de fantoches – contação de histórias – Grupo de teatro da Casa Anísio Teixeira com o texto o Pequeno Príncipe – Antoine de Saint-Exupéry.
4. Produção de texto: um fato marcante em minha vida;  
- socialização dos textos produzidos.

### **SEXTO ENCONTRO - identidade social.**

Atividades:

1. Apresentação do diário feito pela dupla escolhida no encontro anterior;  
- escolher nova dupla para produzir o diário desse quinto encontro.
2. Apresentação do texto “ Herdando uma biblioteca” – Miguel Sanches Neto;  
- comentários sobre o texto, contatos com o livro e referências sobre o autor;
3. Produção do texto: como eu vejo a Biblioteca Móvel Anísio Teixeira? E as práticas de leitura desenvolvidas por ela? E a leitura, como é feita? É só de livros? O que essas leituras me dizem ou disseram? - Socialização de alguns textos produzidos.
4. Em casa, identificar, juntamente com os moradores da comunidade, representações culturais que caracterizam a vida comunitária como: reisados, cantigas de roda, festas da localidade, anotar para o próximo encontro.

### **SÉTIMO ENCONTRO - identidade social.**

Atividades:

1. Apresentação do diário feito pela dupla escolhida no encontro anterior;  
- escolher nova dupla para produzir o diário desse sexto encontro.
2. Voz e violão com Paulo Marcos – BMAT – música: Aquarela – Toquinho.
3. Apresentação dos demais textos produzidos no encontro passado: como eu vejo a Biblioteca Móvel Anísio Teixeira? E as práticas de leitura desenvolvidas por ela? E a leitura, como é feita? É só de livros? O que essas leituras me dizem ou disseram?
4. Atividade de grupo: dramatizar as atividades culturais desenvolvidas na comunidade;  
- apresentação dos trabalhos produzidos.

### **OITAVO ENCONTRO - identidade social.**

Atividades:

1. Apresentação do diário feita pela dupla escolhida no encontro anterior;

- escolher nova dupla para produzir o diário desse sétimo encontro.

**2. Conhecendo à Casa Anísio Teixeira:**

- visita ao museu e aos demais espaços como a Biblioteca Anísio Teixeira;

- no cine teatro Anísio Teixeira, mostra do vídeo “Hoje é dia de Maria” (contos populares recolhidos por Sílvio Romero e Câmara Cascudo; disco 1, primeira jornada, direção de Luiz Fernando Carvalho) – repensando a infância: onde está? Onde foi morar?

**3. Produção de texto** – que implicações essas leituras causam em mim?

**NONO ENCONTRO - identidade social.**

Atividades:

**1.** Apresentação do diário feita pela dupla escolhida no encontro anterior;

- escolher nova dupla para produzir o diário desse oitavo encontro.

**2.** Socialização dos textos produzidos - repensando a infância.

**3.** Contando a história da minha comunidade – relatos.

**4.** Contando a história da minha itinerância na construção enquanto leitor (a). (como me vejo agora como leitor (a), depois de ter sido acompanhado (a) pela BMAT)?

**DÉCIMO ENCONTRO - identidade social.**

Atividades:

**1.** Apresentação do diário feita pela dupla escolhida no encontro anterior;

- escolher nova dupla para produzir o diário desse nono encontro.

**2.** Socialização dos textos produzidos no encontro anterior – itinerância de leitor (a).

**3.** Mostra do material desenvolvido durante com os encontros de leitura

**4.** Avaliação dos trabalhos desenvolvidos.

**5.** Apresentação do diário feita pela dupla escolhida no encontro anterior;

- escolher nova dupla para produzir o diário desse décimo encontro.

**6.** Apresentação de atividades escolhidas durante os encontros a convidados da comunidade;

**7.** Instalação de campanha para desenvolver no local uma biblioteca comunitária; Confraternização.

## **APÊNDICE E**

### **DIÁRIOS DA DISSERTAÇÃO**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc**  
**ORIENTAÇÃO: PROFESSORES DOUTORES: Elizeu Clementino de Souza e**  
**Verbena Maria Rocha Cordeiro.**  
**MESTRANDA: Zélia Malheiro Marques.**

**Dentre os diários escritos, escolho um, como modelo.**

**Dia 22/01/2008**

**Zélia Malheiro Marques.**

Toda viagem tem suas paradas; algumas são desejadas, planejadas; outras surgem sem que as peçamos. Agora é assim; estamos parados no meio de uma ladeira; se prosseguirmos, cairemos em um atoleiro. Seguir, portanto, pode ser imprudência. Nessa parada para pensar, quem sabe, surge uma solução. Mais uma vez penso juntamente com Paulo (BMAT) e o motorista Seu Beto. O que faremos? Parar é a decisão mais prudente, depois, como em outros momentos, há de aparecer possibilidades de viagem. Seu Beto foi tentar encontrar soluções. Paulo e ele enfrentaram o atoleiro. Ao escrever o que vejo, penso na importância de uma viagem, suas paradas e o prosseguir. Esqueço um pouco quem nos espera do outro lado do riacho que corre; não seria melhor passear nele a pé. Levaremos o que é necessário. Qual é o problema molhar os pés? Paulo e Seu Beto tentam encarar a situação e se entregam as águas na tentativa de buscar saídas e eu escrevo. O carro da INB com dois senhores chega para apresentar, nessa parada, algumas alternativas de como prosseguir viagem. A situação é difícil; vejo que a lama formou grandes botas nos pés de Paulo e de Seu Beto. Então ele me pergunta: Devemos prosseguir viagem a pé? De imediato fiquei em silêncio, não tinha resposta. Achei mais conveniente esperar. Viagens são feitas também pela espera. Penso o que seria do sertanejo sem a esperança. Um lugar em que as chuvas são escassas é paradoxal ver a chuva em abundância, esperança do homem do sertão, tornar-se um problema; impossibilitando de prosseguir viagem. Talvez o melhor seja pensar no sentido das paradas em nossa vida e começar de novo; para frente, ou para trás. O nó está atado e não adianta precipitar para desatá-lo, ainda que quiséssemos. Apareceu Senhor Manoel, morador antigo da comunidade, mais de 70 anos vividos na localidade com a sua enxada; conversamos sobre o tempo das chuvas e as possibilidades de sair daquele lugar de paradas. Logo depois, foi aparecendo a meninada da região. Nós, logo, os reconhecemos, eram nossos alunos do grupo de leitura. Desta forma a aventura estava quase completa. Interessante é que ninguém queria desistir da tentativa de chegar ao local. Com muito esforço, e graças à ajuda do Senhor Manoel, Seu Beto manobrou o carro e o colocou em posição de retorno.

Mas a meninada queria tentar e sugeriu fazer outro caminho – passar pelo Posto da INB, lugar mais assistido, estrada melhor – museu de demonstração geológica – minérios da região. Paramos para o café e para algumas fotos. Embora os técnicos da INB não recomendassem prosseguir a viagem, com a ajuda do Senhor responsável pelo museu, moradora da região e ao vermos um dos alunos que nos acompanhava a cavalo – Robério – ganhamos força e resolvemos tentar mais uma vez. Não deu outra, só foi sair do cascalho e cair na estrada de terra vermelha e molhada para chegarmos a um novo ponto de paradas. Compreendi, portanto, que era preciso recuar para repensar o itinerário da viagem. Precisávamos fazer o caminho de volta. Providenciei para que o material levado chegasse até ao grupo de leitura; combinei com um dos alunos – Robério – que estava a cavalo para que intermediasse alguns acertos para o próximo encontro. Um grupo de homens vindo da fazenda próxima prontificou-se a ajudar a abrir caminhos de volta para que a biblioteca passasse. A casa é propriedade de um político de Caetité. Mais uma vez tive raiva de políticos; eles sempre deixam a desejar. Por que não cobram mais das autoridades competentes, maior assistência aos menos favorecidos. Aquela região é vizinha a INB (complexo industrial de urânio). As estradas desse empreendimento são todas de cascalho, porque o pequeno trecho de acesso a comunidade de Riacho da Vaca não é também? Tive raiva de nós mesmos. Acho que somos muito passivos, acomodados. Não questionamos nada que chegue aos ouvidos de quem possa resolver alguma coisa. Aceitamos tudo... Claro, estamos mesmo precisando de leituras. Que a BMAT, mesmo enfrentando desafios como esse de vencer o atoleiro, não desanime a ponto de deixar que riachos secos, como o Riacho da Vaca, se tornem, por uma noite de chuva, um problema para os moradores que, contentes com a abundância das chuvas, sequer percebem que o riacho jamais deveria ter secado, também não parecem perceber a necessidade de outros benefícios como o direito de ter boas estradas. Penso na importância dos projetos de leitura, e retorno com o Seu Beto e Paulo, cientes de que os encontros de leitura têm que acontecer, mesmo que seja difícil de realizá-los, como neste dia.

## APÊNDICE F

### Regulamento - I FESC

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE**  
**ORIENTAÇÃO: Elizeu Clementino de Souza e Verbena Maria Rocha Cordeiro.**  
**MESTRANDA: Zélia Malheiro Marques.**

### REGULAMENTO I FESC

A Universidade do Estado da Bahia – UNEB – (Mestrado Educação e Contemporaneidade), a Casa Anísio Teixeira (Biblioteca Móvel Anísio Teixeira) com o apoio da Comunidade Riacho da Vaca (distrito de Maniaçu – Bahia), abrem as inscrições para o I FESC (Festival Comunitário de Cultura) – Edição Local.

#### **I. OBJETIVO:**

Estimular a leitura e a produção textual, tanto do texto verbal, quanto o não-verbal no meio comunitário e promover condições para se pensar na qualidade do fazer artístico, evidenciando o processo criativo dos grupos de leitura.

#### **II. DESENVOLVIMENTO:**

- Mostra de atividades culturais produzidas na Casa Anísio Teixeira e durante o desenvolvimento dos encontros de leitura para coleta de material da pesquisa de mestrado com o título: “Entre viagens, leituras e leitores: a itinerância da Biblioteca Anísio Teixeira”, sendo que essas atividades estudantis (teatro, diários, histórias) não serão competitivas;
- O I Festival de Cultura Comunitário envolverá as categorias de: poemas (declamar e interpretar) e músicas (parodiar e cantar tendo como tema: **leitura**);
- As apresentações acontecerão, no dia 27/04/2008, na comunidade de Riacho da Vaca – Maniaçu – Caetité/BA;
- A ordem de apresentação dos espetáculos selecionados será estabelecida em reunião com os representantes dos respectivos grupos regularmente inscritos e selecionados, através de sorteio, ou da concordância entre as partes.
- Poderão se inscrever no I Festival Comunitário de Cultura os leitores da Biblioteca Móvel Anísio Teixeira, comunitários de Riacho da Vaca – Maniaçu - Bahia;
- Cada apresentação deverá ter um tempo de duração máxima de 10 minutos e mínima de 3 minutos;
- Serão aceitas inscrições para o I Festival de Cultura Comunitário entre os dias 30/01/2008 a 14/02/2008, com as professoras, Irene Maria de Carvalho Moura e Maria Aparecida Trindade, na comunidade de Riacho da Vaca. Só serão aceitas inscrições mediante apresentação de:

\*Ficha de Inscrição completa;

\*4 cópias do texto, na íntegra;

- Os recursos utilizados deverão ser planejados de forma que não comprometam a organização do FESC, isto é, que não atrapalhem os demais grupos participantes.
- Os grupos selecionados serão avisados para se organizarem pela ordem de apresentação dos trabalhos;
- Caso não haja um número mínimo de inscrição, a organização do FESC poderá cancelar a realização do Festival.

### III. DEBATE

Após cada apresentação e a liberação do palco haverá debate e avaliação da apresentação realizada pelo júri, com a presença do público interessado;

### IV. PREMIAÇÃO

- A Comissão Julgadora do I Festival de Cultura Comunitário será composta pôr 3 (três) jurados que premiarão;  
Os 3 (três) melhores trabalhos de cada categoria:  
Melhor texto original;  
Melhor interpretação;  
Melhor cenário;  
Melhor figurino;  
Melhor maquiagem;
- A Coordenadoria de Cultura do FESC irá premiar os três melhores Trabalhos do festival com prêmios a saber:
  - 1º Lugar: clássicos da literatura brasileira;
  - 2º Lugar: um cd – música popular brasileira;
  - 3º Lugar: paradidáticos da literatura brasileira.
    1. A divulgação dos vencedores será feita no Encerramento no dia 27 de abril de 2008, na comunidade de Riacho da Vaca – Maniaçu – Bahia.
    2. Os espetáculos participantes da MOSTRA não concorrem a nenhum prêmio.

### V. DISPOSIÇÕES GERAIS

- A divulgação dos espetáculos é de responsabilidade da Organização do I Festival de Cultura comunitário, sendo que os grupos poderão reforçar esta divulgação enviando, para a imprensa, matérias complementares para uma melhor cobertura do espetáculo;
- Poderá se inscrever com 1 (um) ou mais trabalhos em cada categoria. Caso opte pela dupla, ou tripla inscrição, os termos deste regulamento se aplicam a cada espetáculo individualmente;
- Os concorrentes, ao inscreverem seus trabalhos, concordam plenamente com todos os critérios deste regulamento.
  - Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora do I FESC, não cabendo aos participantes quaisquer recursos.

### FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME COMPLETO \_\_\_\_\_ IDADE \_\_\_\_\_  
 ESCOLA \_\_\_\_\_ SÉRIE \_\_\_\_\_  
 ENDEREÇO \_\_\_\_\_

APRESENTAÇÃO DE: ( ) MÚSICA; ( ) POEMA( )  
 TÍTULO \_\_\_\_\_

# I FESTIVAL COMUNITÁRIO DE CULTURA – I FESC

**DATA: 27/04/2008**

**LOCAL: RIACHO DA VACA**

**HORÁRIO: 13:00 h.**

**ORGANIZAÇÃO: Zélia, Mara, Fernando, Paulo, Adriana, Cleide, Datiane, Seu Beto.**

**APOIO: Casa Anísio Teixeira, UNEB (Mestrado Educação e Contemporaneidade – Campus I – Salvador/BA e Campus VI – Caetité/BA) e INB.**

## ATIVIDADES

13:00 h. - Abertura – acolhida aos participantes; apresentação da equipe de trabalho; escolha de uma equipe para registrar os fatos – diário.

13:15 h. – apresentação do 1º encontro de leitura – diário da manhã do dia 08/03/2008 – (Elenilde, Silvanete).

13:30 h. - apresentação da equipe de jurados para o 1º Festival Comunitário de Cultura – I FESC.

13:40 h.- apresentação cultural – dupla “Bastião e Bastiana” (Adriana, Fernando ou Paulo).

13:50 h. - 1º concorrente do festival – Música: Uma bota invocada – interpretada por Rosilene de Jesus Santos – 1ª série - Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia.

14:00 h. – apresentação teatral – “O médico camponês ou a princesa engasgada” (Fernando, Adriana, Paulo Marcos e Júnior);

14:20 h. – apresentação do 2º encontro de leitura – diário da tarde do dia 08/03/2008 – (Juscelma, Rosilene, Geovane).

14:30 h. - 2º concorrente do festival – Música: “Eu quero apenas” – interpretada por Marinalva da Silva Trindade e Anátalia Anália da Trindade – 2ª e 3ª séries - Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia.

14:40 h. – apresentação do 3º encontro de leitura – diário da manhã do dia 15/03/2008 – (Rosilene, Euzivânia e Carliana).

14:50 h. - 3º concorrente do festival – Música: “Voltando - paródia” – interpretada por Roseli Pires da Luz – Comunidade de Riacho da Vaca.

15:00 h. - apresentação do 4º encontro de leitura – diário da tarde do dia 15/03/2008 – (Carliana, Edilson e Vailton).

15:10 h. – preparação do turno da tarde – voz e violão – (Paulo Marcos).

15:20 h. - apresentação do 5º encontro de leitura – diário do dia 22/03/2008 – (Zélia).

15:40 h. - 4º concorrente do festival – Poema: “Leitura” – interpretada por Rosilene de Jesus Santos – 1ª série – 15 anos - Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia - (2ª participação).

15:50 h. – Peça teatral – “Os três porquinhos” – (Cleide, Fernando, Datiane).

#### LANCHE

16:10 h. - apresentação do 6º encontro de leitura (Casa Anísio Teixeira) – diário do dia 29/03/2008 – (Irene e Cida).

16:20 h - 5º concorrente do festival – Música: “Uma bota invocada” – interpretada por Carliana S. Oliveira – 1ª série – 15 anos - Colégio Estadual Pedro Atanásio Garcia

16:30 h. – apresentação do terno de reis – comunitários de Riacho da Vaca.

16:50 h. - apresentação do 7º encontro de leitura (I Festival Comunitário de Cultura) – diário do dia 27/04/2008.

17:00 h. – Premiação dos três primeiros lugares; agradecimentos e conclusão dos trabalhos – (Mara).

## **ANEXOS**

## ANEXO A

### DIÁRIOS DA DISSERTAÇÃO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE – PPGEduc  
ORIENTAÇÃO: PROFESSORES DOUTORES: Elizeu Clementino de Souza e  
Verbena Maria Rocha Cordeiro.  
MESTRANDA: Zélia Malheiro Marques.

Dentre os diários escritos, escolho um, como modelo (colaboradores da pesquisa).

Que belo amanhecer na esperança de uma boa leitura

(Eleneide Alves Cardoso e Silvanete Maria de Jesus)

No dia oito de janeiro  
Veja só o que aconteceu  
A biblioteca móvel  
Na nossa comunidade apareceu

As expectativas eram tantas  
Muitas eram as animações  
Pois todos os esperavam  
Com amor no coração

Queríamos saber  
O que iria acontecer  
Pois todos estavam curiosos  
Pra ver o que fazer

Começamos primeiramente  
Pela apresentação  
Que Zélia foi começando  
Com muita dedicação

Filosofar é bom  
Mas é preciso pensar  
Por isso mesmo a professora Zélia  
Nos colocou a apresentar

Depois da apresentação

Veja só o que vem lá  
A professora Zélia escolheu Nede e Lene  
Para o diário apresentar

Numa entrevista por nós escrita  
Nossa história iríamos apresentar  
Pois a biblioteca móvel mais uma vez  
Veio nos visitar

Aprendemos com Miguel Sanches  
Que histórias é para compartilhar  
Várias histórias como a do nome  
E tantas outras que iremos contar

Se não gostaram do que fizemos  
Favor nos desculpar  
Pois não somos poetas  
Queremos retratar  
Esta manhã tão importante  
Que acabamos de narrar.

**ANEXO B  
MAPAS**

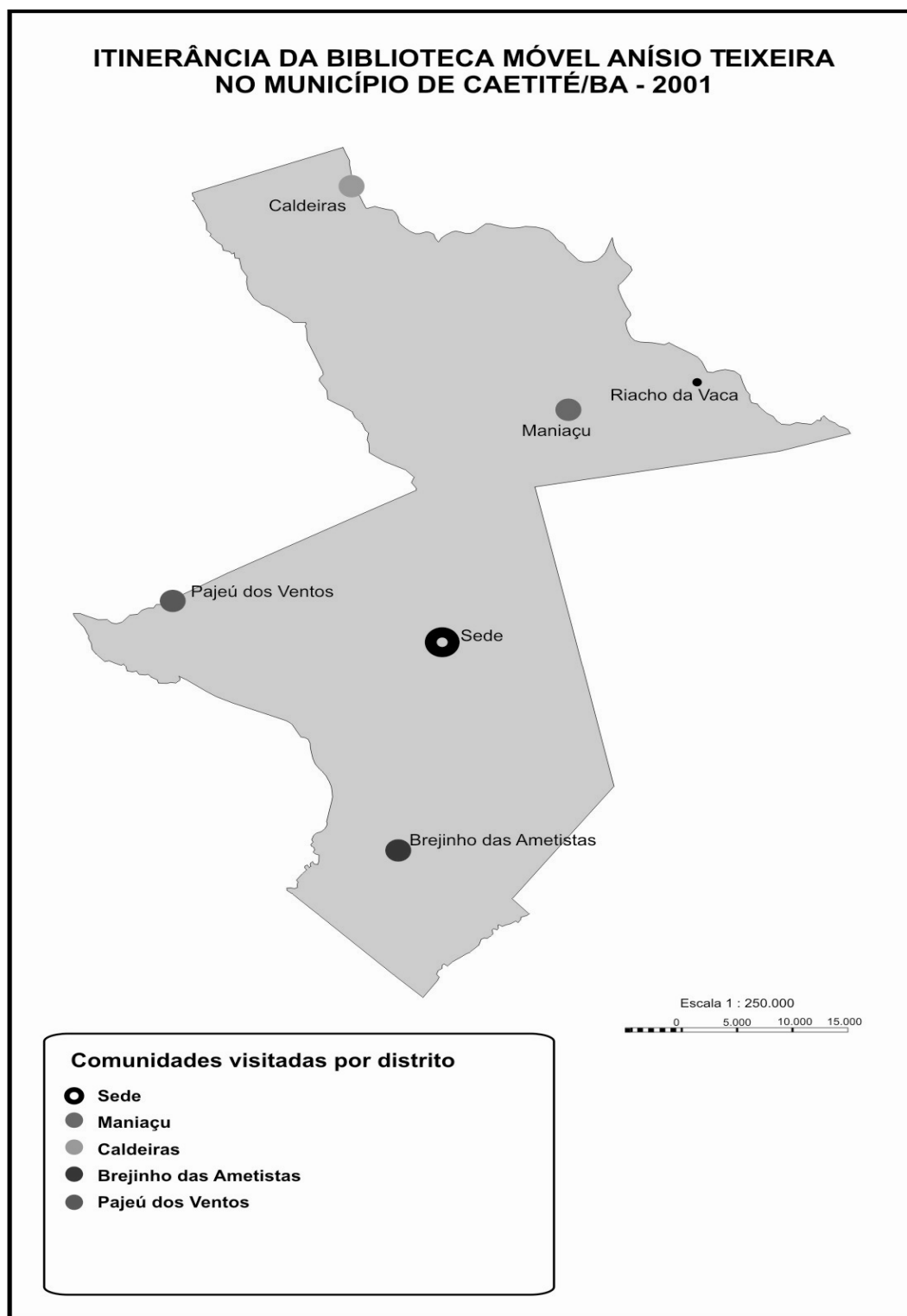
**Mapa nº 1 – Território de Identidade**



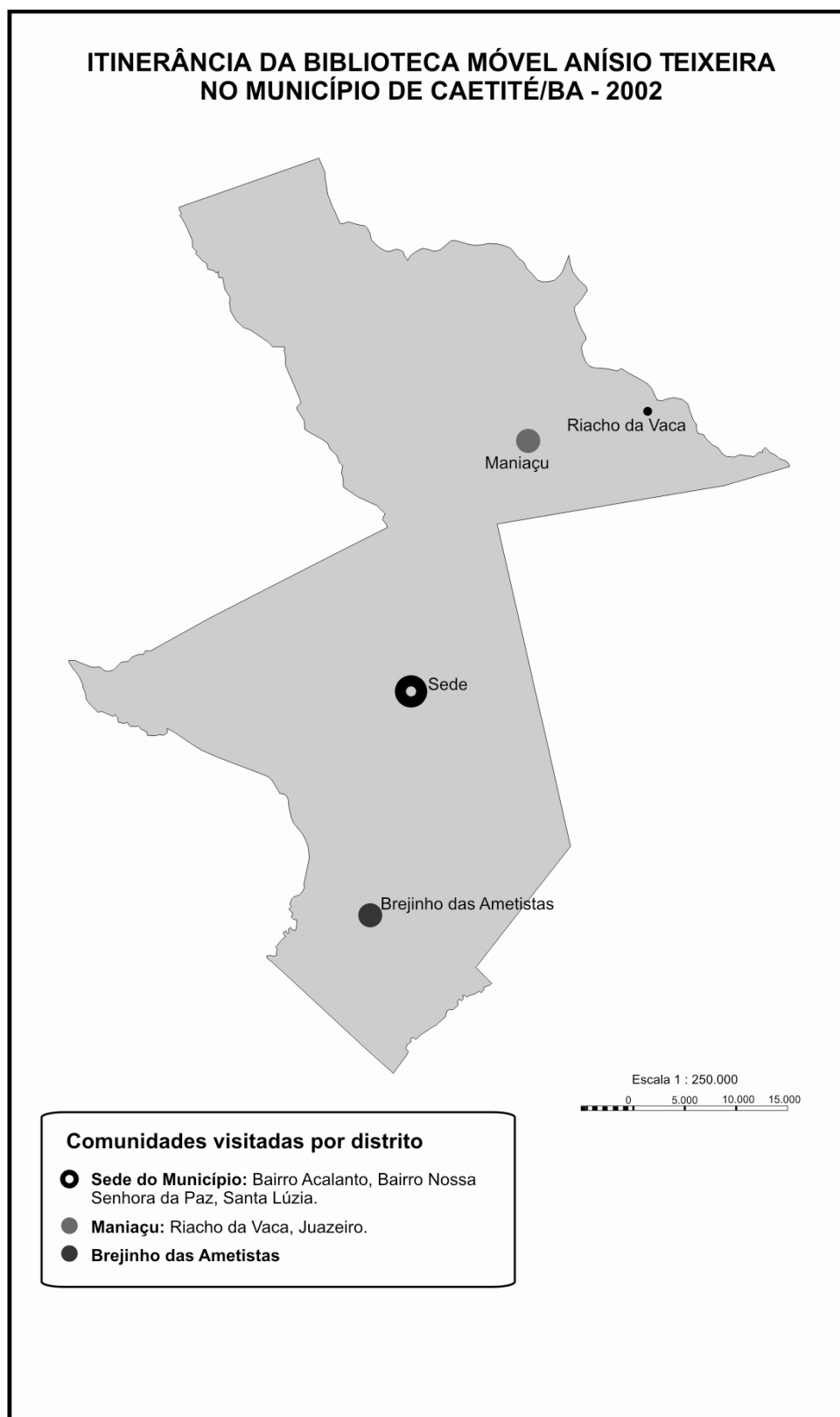
TERRITÓRIO DE IDENTIDADE	RELAÇÃO DE MUNICÍPIOS
<b>SERTÃO PRODUTIVO</b>	1- Brumado, 2- Caculé, 3- <u>Caetité</u> , 4- Candiba, 5- Contendas do Sincorá, 6- Dom Basílio, 7- Guanambi, 8- Ibiassucê, 9- Ituaçu, 10- Iuiu, 11- Lagoa Real, 12- Livramento de Nossa Senhora, 13- Malhada de Pedras, 14- Palmas de Monte Alto, 15- Pindaí, 16- Rio do Antônio, 17- Sebastião Laranjeiras, 18- Urandi, 19- Tanhaçu.

## Anexo C

### Mapa nº 2

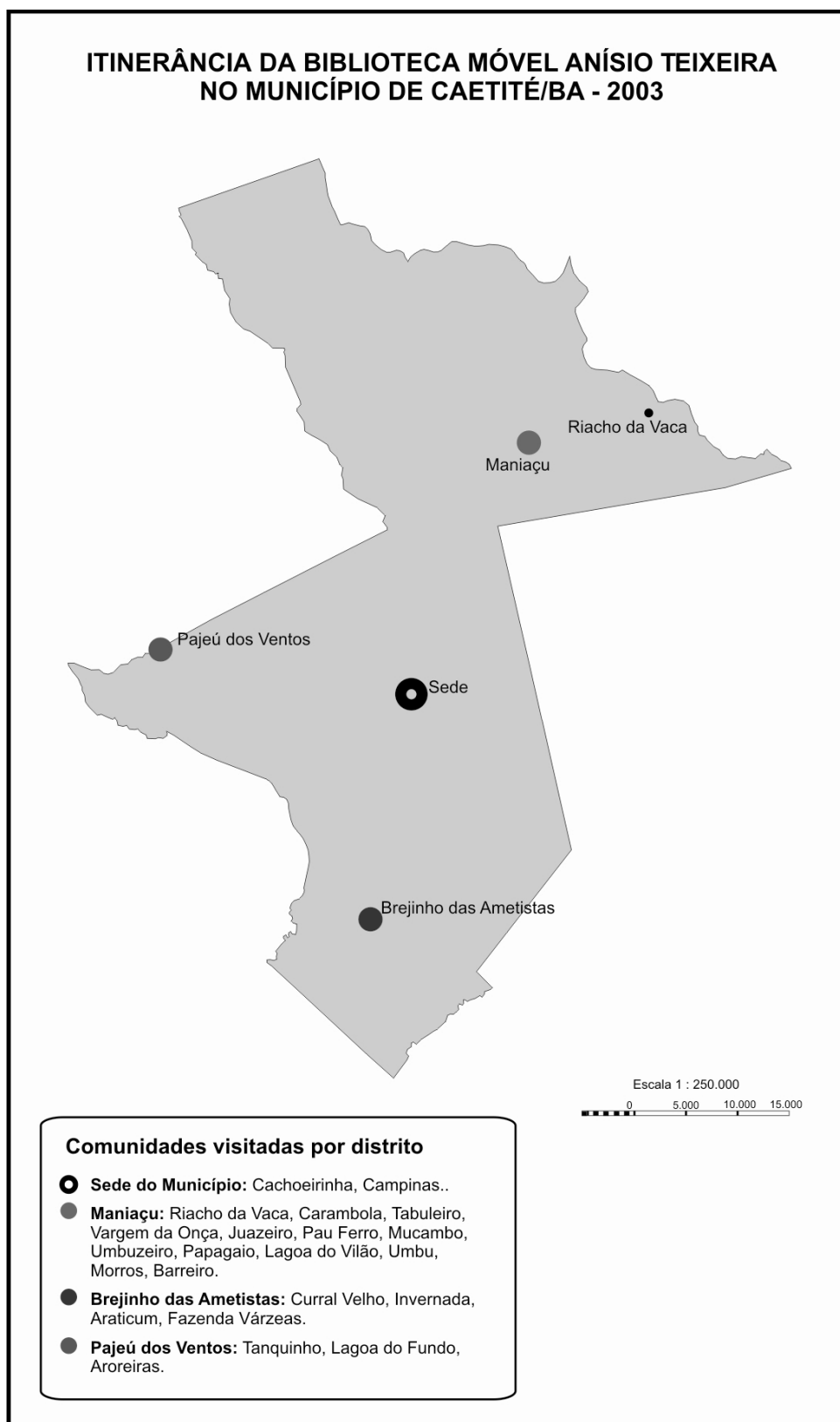


Anexo D  
Mapa nº 3



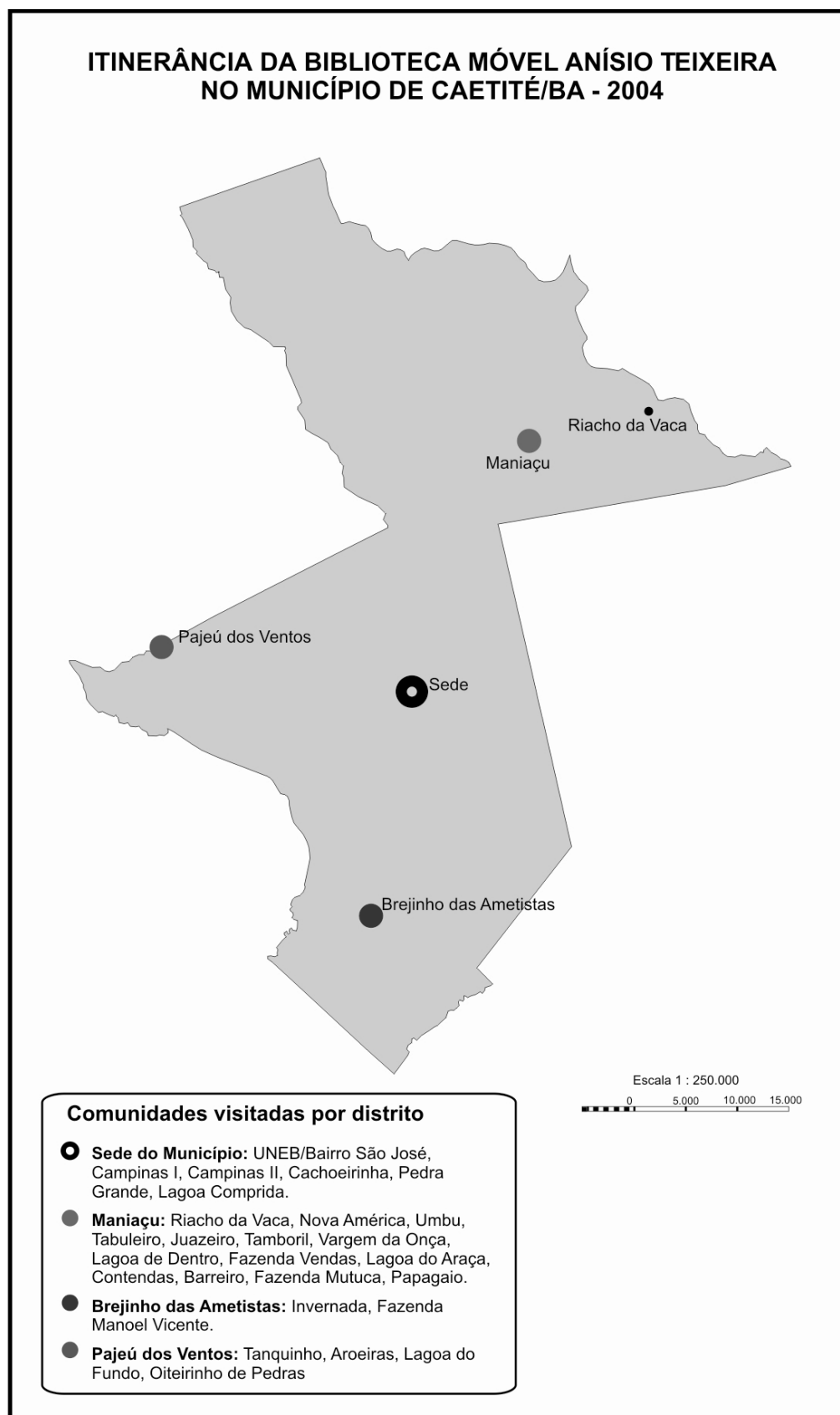
## Anexo E

### Mapa nº 4

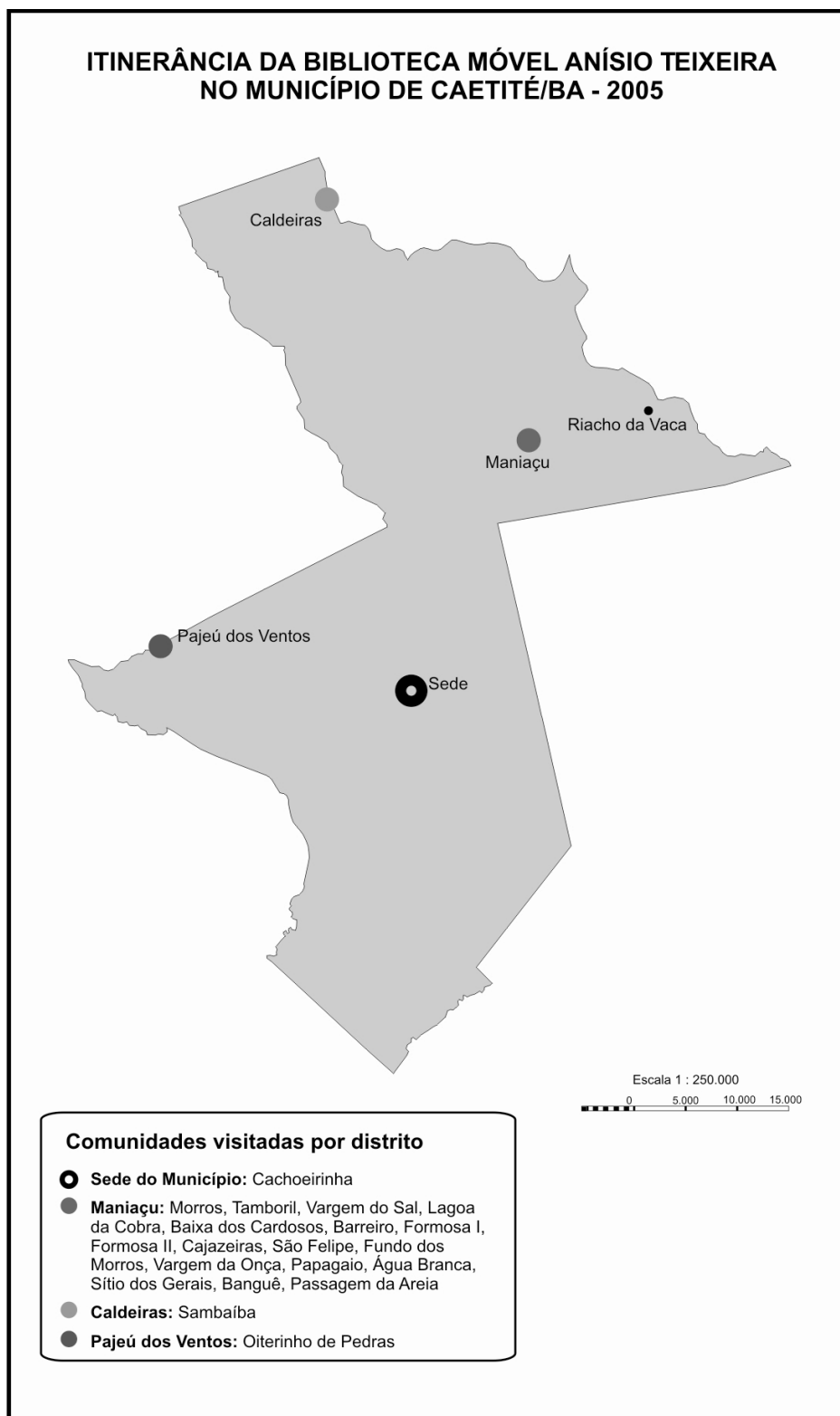


## Anexo F

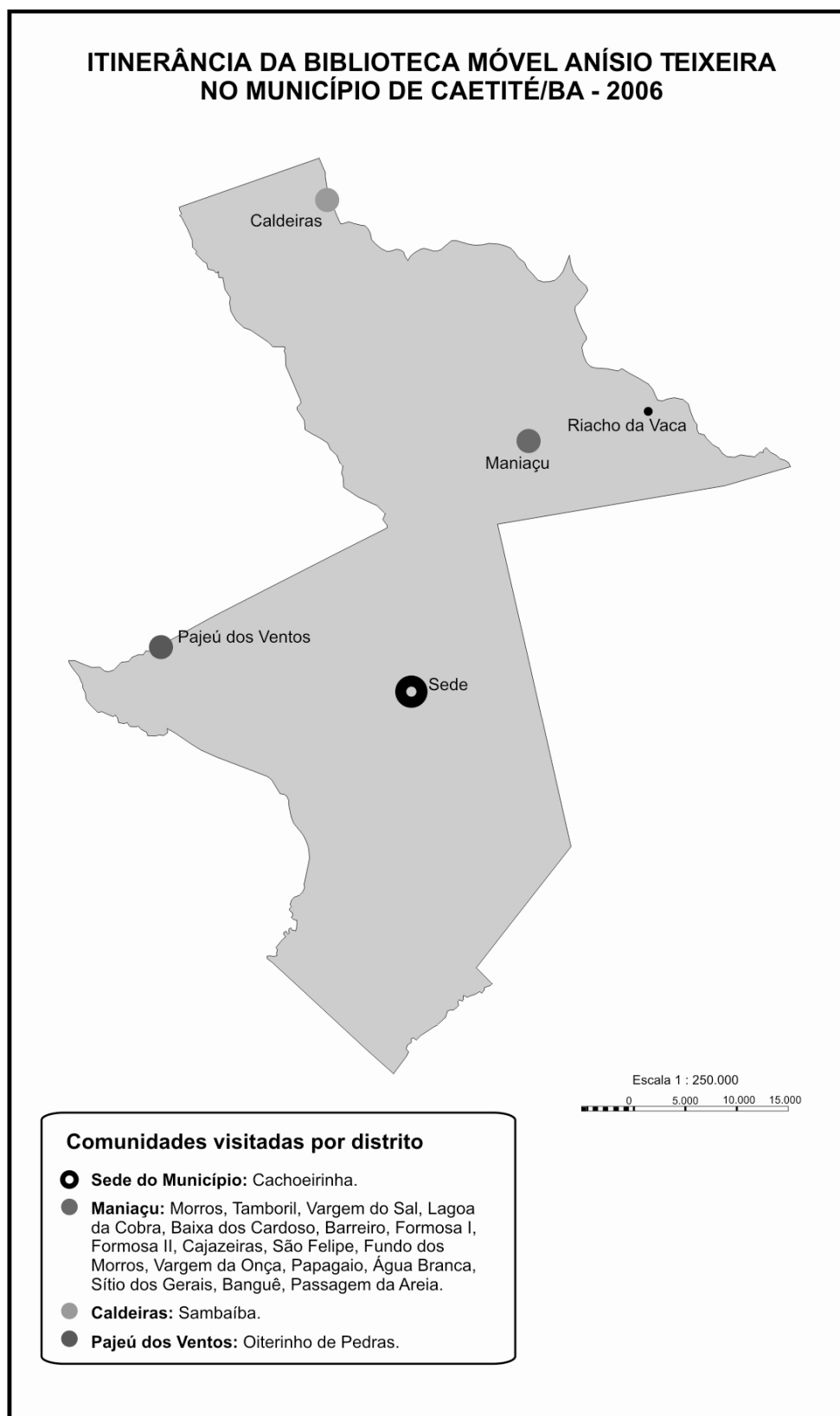
### Mapa nº 5



Anexo G  
Mapa nº 6



Anexo H  
Mapa nº 7



## Anexo I

### Mapa nº 8



**M357**

**Marques, Zélia Malheiros**

**Entre viagens, leituras e leitores: A itinerância da  
Biblioteca Anísio Teixeira. / Zélia Malheiros Marques – Salvador,  
2009.**

**153 .:f**

**Orientador: Prof. Dr. Elizeu Clementino de Souza**

**Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia.  
Faculdade de Educação. Programa de Pós Graduação  
em Educação e Contemporaneidade.**

**1. Leitores e Leitura 2. Biblioteca Móvel Anísio Teixeira I .Titulo**

**CDD 372.4**